

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Adson Ney dos Santos Amorim

ALAGOANIDADE EM QUESTÃO:  
NOTAS PARA UMA SOCIOGÊNESE DA MODERNA TRADIÇÃO DE NARRATIVAS  
E NARRADORES DA IDENTIDADE ALAGOANA

Maceió

2019

ADSON NEY DOS SANTOS AMORIM

ALAGOANIDADE EM QUESTÃO<sup>1</sup>:

Notas para uma sociogênese da moderna tradição de narrativas e narradores da  
identidade alagoana

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em Sociologia da  
Universidade Federal de Alagoas, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues

Maceió

2019

---

<sup>1</sup> O título faz referência ao ensaio em que Dirceu Lindoso (2015), chama atenção para a necessidade de nomear/definir o que seria a *cultura alagoana*. O título-homenagem, busca provocar a reflexão sobre a conveniência de colocar em questão o desenvolvimento contemporâneo do espaço de preocupações em torno de ideias como *cultura alagoana* e *identidade alagoana*.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A524a	<p>Amorim, Adson Ney dos Santos. Alagoanidade em questão : notas para uma sociogênese da moderna tradição de narrativas e narradores da identidade alagoana / Adson Ney dos Santos Amorim. – 2020. 102 f. : il. color.</p> <p>Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Macció, 2019.</p> <p>Bibliografia: f. 97-102.</p> <p>1. Identidade cultural - Alagoas. 2. Intelectuais. 3. Marginalizados. 4. Grupos sociais - Imagem. I. Título.</p> <p>CDU: 316.72/.74(813.5)</p>
-------	--



Ata nº 03 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

Em quinze de julho de dois mil e dezenove, às quatorze horas, na sala 04 do prédio do ICS, reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado do aluno **ADSON NEY DOS SANTOS AMORIM**, intitulada: **Algoanidade em questão: notas para uma sociogênese da moderna tradição de narrativas e narradores da identidade Alagoana**. Vinculada à linha de pesquisa “Corpo, cultura e conhecimento”.

A cerimônia de defesa pública, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: **Fernando de Jesus Rodrigues PPGS/Ufal** (orientador e presidente da banca) via Skype, examinador externo, o **Prof. Dr. Moacir Carvalho Oliveira (UFRB)** via Skype e como examinadora interna, **Profª. Drª. Claudia Mura (PPGAS-UFAL)**.

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X); Aprovação com reformulações ( ); Reprovação ( ).

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:

---



---

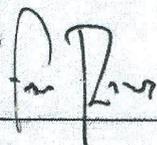
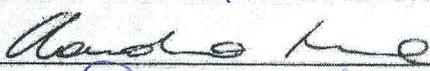
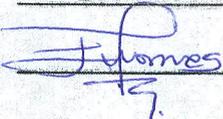


---

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Edna da Silva Gomes, Assistente em Administração do PPGS.

Maceió, 15 de julho de 2019.

Assinaturas

1. 
2. VIA SKYPE
3. 
4. 
5. \_\_\_\_\_

CONFERE SE É ORIGINAL  
 DATA: 13/01/2020

SERVIDOR:



  
 Edna da Silva Gomes  
 Assistente em Administração - UFAL  
 SIAPE 2029846

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
 EM SOCIOLOGIA - UFAL

Para a minha avó D. Ruth.  
Para a minha mãe D. Sonia.  
sempre.

## AGRADECIMENTOS

A produção de um texto, por mais solitária que pareça ou objetiva que se queira, guarda consigo os passos de seu autor e se insere num rastro de outras caminhadas. Os passos desse autor, somam-se aos de tantos que com ele suportaram o itinerário.

O percurso que me trouxe até aqui, está marcado pela crença no ofício da sociologia e por todas as incertezas que o ato de abraçar esta atividade pode trazer como consequências. Cheguei na universidade no período de sua maior expansão, sendo parte dos milhares de estudantes vindos de classes populares que acreditaram na educação como um caminho de ascensão social. Portanto, este trabalho - como tantos outros - foi construído num misto de angústias e euforia. Foram mais de dois anos de experiências acadêmicas e pessoais: alguns acertos, tantos equívocos... Mas levo a certeza de que importam mais as potencialidades aqui desenvolvidas do que os deslizos do percurso. A passagem pelo mestrado me tornou mais atento à necessidade de insistir. A vida, como fluxo incomensurável, segue seu ritmo implacável e não deixa margem para resignação aos que sonham e lutam: Foram duas distensões musculares sérias, um ligamento do joelho rompido, a primeira derrota política expressiva, mas muitos ombros para dividir os percalços. Chegou o momento de agradecer aqueles que de uma maneira ou de outra estiveram ao meu lado.

Gostaria de iniciar pela memória de minhas tias-avós Lurdes e Cícera, migrantes como tantos nesta cidade. Lavadeiras e semianalfabetas, nos momentos mais difíceis de meus pais, investiram parte de suas aposentadorias na minha escolarização. Ainda que não possam testemunhá-lo, esse texto não seria possível sem vocês. Pelos conselhos, pelas curas, pela dedicação de sempre: a gratidão que levo para a vida.

Agradeço aos meus pais pelo apoio, ainda que não compreendam bem o que faço. Sr. Weliton, nossos momentos no Trapichão tiveram um sabor diferente nesses dois anos. D. Sonia, sua disposição me inspira tanto quanto as suas histórias sobre os folgedos alagoanos. Minha entrada no mestrado, coincidiu com o reingresso de minha irmã à universidade. Sua coragem de abrir mão da segurança profissional para

fazer o que gosta de algum modo tem me inspirado. Amanda, obrigado pelas boas risadas e pela disponibilidade em me auxiliar com o inglês.

A turma do PPGS, me rendeu uma parceria inusitada. Fizemos de nossas conversas desabafos, mas sobretudo, intercâmbios entre sociologia e filosofia. A persistência de seguir em frente com a pesquisa diante de todas as suas dificuldades merece todo o respeito. Josemar, saiba que tenho em você um amigo.

Agradeço aos professores que nos trabalhos finais de disciplina e nos seminários de projeto fizeram apontamentos sobre o andamento da pesquisa. Sou grato sobretudo ao professor Wendel Ficher, pelas leituras generosas e pelas provocações, que de certo modo me auxiliaram a redefinir os rumos dessa pesquisa. As transformações nesse trabalho também devem muito às ponderações da professora Claudia Mura (PPGAS/UFAL) e do professor Dmitri Cerboncini (PPGCSO/UFJF) no exame de qualificação. Ainda nos corredores do ICS, guardo uma dívida grande com Edna. Funcionária dedicada e sempre disposta a colaborar com as dúvidas dos estudantes. Mais do que secretária, um exemplo de pessoa. Obrigado não somente por garantir o funcionamento do programa, mas principalmente pelo incentivo.

Aos interlocutores dessa pesquisa, minha sincera gratificação. As conversas informais, os depoimentos e entrevistas concedidas são a base deste trabalho. Agradeço também a intermediação do amigo Nuno Balduci no contato com Dirceu Lindoso.

Agradeço aos amigos de sempre por torcerem por mim ainda que distante, aos companheiros da Brigada de Trabalho de Base do Congresso do Povo Brasileiro, por compreenderem tão bem que a atividade acadêmica também é militância. Das tantas conversas que tive sobre a vida, sobre os desafios nas ciências sociais, sobre os projetos acadêmicos, que a cada dia mais se cruzam, devo destacar alguns personagens centrais, cujas trajetórias me enchem de orgulho: O parceiro de GruPPAES Rangel Fidelis, leitor atento com quem troquei textos e passei horas coletando e organizando jornais na biblioteca pública. Amigo, que os dias em São Carlos potencializem ainda mais sua capacidade. Wemerson, o irmão que a universidade me deu de presente, revisor e conselheiro, que sempre se dispôs a conversar sobre nossas pesquisas. Trabalhamos juntos por horas, nos deliciamos em

nossa boemia socio-antropológica, nos despedimos sabendo que seria temporário e que mesmo de longe seguiríamos juntos. Querido, obrigado por tudo. Fico muito feliz que nossas preocupações estão cada vez mais próximas.

Weldja, minha companheira na sociologia e na vida. Quem diria que toda admiração e respeito que cultivamos se tornariam uma bela história de amor? A você devo não somente trocas acadêmicas, mas o maior suporte emocional que tive em todo esse período. Decidir compartilhar nossas vidas em um momento tão importante e tenso para nós foi uma das escolhas mais acertadas que fiz. Estivemos lado a lado todos esses dias, nos cuidando e trocando sugestões, leituras, desesperos e afetos. Que venham mais. Saiba que você muito me orgulha e sempre será uma inspiração. Meu bem, eu tenho tanto a te agradecer, que este espaço não comportaria. Te amo.

Por último gostaria de falar sobre meu orientador, o professor Fernando Rodrigues. Grande figura humana e meu maior exemplo intelectual. Este trabalho jamais teria sido possível sem as aulas de *Pensamento Social Brasileiro* em 2013, ainda na graduação de Ciências Sociais. De lá até aqui, trabalhamos pela abertura de novos caminhos para interpretar as transformações recentes de Alagoas. Se esse trabalho tem méritos, eles devem ser divididos principalmente contigo, que mesmo a distância durante a reta final deste trabalho, foi o parceiro de sempre. Obrigado pela persistência em nossos projetos e pela confiança depositada em mim. Sua trajetória me inspira a seguir adiante.

Agradeço também à CAPES pela bolsa concedida sem a qual esta pesquisa não seria possível.

“A massa dos homens sem propriedades identifica-se à comunidade em nome do dano que não cessam de lhe causar aqueles cuja qualidade ou propriedade têm por efeito natural relançá-la na inexistência daqueles que não tomam "parte em nada". É em nome do dano que lhe é causado pelas outras partes que o povo se identifica com o todo da comunidade. Quem não tem parcela — os pobres da Antiguidade, o terceiro estado ou o proletariado moderno — não pode mesmo ter outra parcela a não ser nada ou tudo. Mas é também mediante a existência dessa parcela dos sem-parcela, desse nada que é tudo, que a comunidade existe enquanto comunidade política, ou seja, enquanto dividida por um litígio fundamental, por um litígio que afeta a contagem de suas partes antes mesmo de afetar seus "direitos". O povo não é uma classe entre outras. É a classe do dano que causa dano à comunidade e a institui como "comunidade" do justo e do injusto.” (Rancière, 1996. pp. 24)

## RESUMO

Partindo da recente agenda de debates intelectuais e celebrações públicas que mobilizam ideias como *identidade alagoana* a uma agenda política de valorização dos marginalizados, este trabalho busca chamar atenção para a relação entre o desenvolvimento da recente ampliação no repertório de narrativas que compõem o signo *Alagoas*<sup>2</sup> e a ascensão de uma *intelligentsia outsider* à posições no aparato do Estado. Coube desenhar as posições de alguns dos agentes contendores, sinalizando a constituição de redes intergeracionais de elaboração e transmissão de conhecimentos, que conformam o que chamo de tradições de narrativas e narradores da *identidade alagoana*.

**Palavras-chave:** Identidade alagoana – Intelectuais – Populações marginalizadas - Imagens de grupo

---

<sup>2</sup> Durante o desenvolvimento desse texto, a palavra Alagoas estará destacada em itálico, sempre que estiver relacionada à preocupação de representar uma origem comum para amplas parcelas da população.

## ABSTRACT

Starting from the recent agenda of intellectual debates and public celebrations that mobilizes ideas as the *Alagoan* identity and a political agenda of the marginalized's appreciation, this thesis seeks to draw attention to the connection between the development of a recent expansion in the repertoire of narratives that makes the Alagoas sign and the rise of an *outsider intelligentsia* to positions in the state apparatus. It became fit to draw the positions of some contending agents, signaling the formation of intergenerational networks of elaboration and transmission of knowledge, which conform what I call narrative traditions and narrators of an *Alagoan* identity.

**Key-Words:** *Alagoan* identity, Intellectuals, Marginalized populations, Group images

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Reportagem sobre a visita do ministro da cultura Celso Furtado à Serra da Barriga – pp. 28.

Imagem 2: Festa das águas de 2018 – pp. 36.

Imagem 3: Coletivo AfroCaeté em cortejo na festa das águas de 2018 – pp. 37.

Imagem 4: Coletivo AfroCaeté em cortejo na festa das águas de 2018 – pp. 37.

Imagem 5: Reportagem sobre a festa de Yemanjá em 1986 – pp. 38.

Imagem 6: Divulgação da Festa das Águas em 2017 – pp. 39.

Imagem 7: Xangô Rezado Alto em 2019 – pp. 40.

Imagem 8: Xangô Rezado Alto em 2019 – pp. 40.

Imagem 9: Capa do Almanaque 200 anos do mês de fevereiro – pp. 49.

Imagem 10: Apresentação no I Festival de Coco de Roda de Alagoas – pp. 50.

Imagem 11: Capa do Almanaque 200 anos do mês de junho – pp. 51.

Imagem 12: Secretário de Comunicação Ênio Lins abrindo o segundo dia do Seminário Sobre Alagoanidade – pp. 53.

Imagem 13: Zezito Araújo, Ênio Lins, Zulu Araujo e Júlio Tavares no encerramento do I Seminário Sobre Alagoanidade – pp. 55.

Imagem 14: Marisa Brandão, Edson Bezerra e Geraldo Majella no Chá de Memória sobre Octávio Brandão – pp. 72.

Imagem 15: Dirceu Lindoso e Sávio de Almeida recebem a condecoração Viventes das Alagoas – pp. 76.

Imagem 16: Patrimonialização do sururu como patrimônio cultural de Alagoas e lançamento do *Manifesto Sururu* em 2014

## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

Tabela 1: Participantes da comissão Mista Especial do Bicentenário

Tabela 2: Palestras do I Seminário Sobre Alagoanidade

Tabela 3: Handicaps sociais e Ethos Missionário

Gráfico 1: Organograma das instancias de construção dos Marcos Comemorativos do Bicentenário

Gráfico 2: Distribuição de representantes no Fórum por eixo temático

Gráfico 3: Esboço Genealógico de linhagens celebrativas de Octávio Brandão

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAL – Academia Alagoana de Letras  
ABL – Academia Brasileira de Letras  
AP – Ação Popular [Católica]  
APA – Arquivo Público de Alagoas  
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base  
CESMAC – Centro de Ensino Superior de Maceió  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico  
CPT – Comissão Pastoral da Terra  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social  
EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas  
FMAC – Fundação Municipal de Ação Cultural  
IAA – Instituto do Álcool de Alagoas  
ICHCA – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes  
IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas  
LACC – Laboratório da Cidade e do Contemporâneo  
MinC – Ministério da Cultura  
NEAB – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros  
ONG – Organização Não Governamental  
PCB – Partido Comunista Brasileiro  
PCdoB – Partido Comunista do Brasil  
PT – Partido dos Trabalhadores  
SECOM – Secretaria de Estado da Comunicação  
SECULT – Secretaria de Estado da Cultura  
SEDUC – Secretaria de Estado da Educação  
UFAL – Universidade Federal de Alagoas  
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco  
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
USP – Universidade de São Paulo

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. Uma ilustre desconhecida de nome Alagoas: Percursos de enunciação e ampliação das imagens de grupo.....</b>	<b>23</b>
1.1. Celebrações públicas: Um passado-presente, caminho de novas sociodisseias .....	31
1.1.1 A valorização dos marginalizados em festas públicas.....	32
1.1.2 A celebração dos marginalizados em festas públicas hoje.....	36
1.1.3 A organização do bicentenário.....	42
<b>2. Dimensões intelectuais na reorientação narrativa.....</b>	<b>58</b>
2.1 Mediadores e intérpretes .....	59
2.1.1 Clébio Correia: Gestor cultural e “juremeiro” .....	61
2.1.2 Bruno Cavalcanti: o senso editorial e curatorial de um “alagoano da costa”.....	65
2.2 Expressões contemporâneas de Octávio Brandão nas narrativas sobre Alagoas .....	71
<b>3. O “povo” como missão: Trajetórias intelectuais e batalhas por valor humano ....</b>	<b>75</b>
3.1 A matriz intelectual da preocupação com os marginalizados .....	79
3.1.1 Intelligentsia outsider e Ethos missionário.....	82
3.2 Luiz Sávio de Almeida: Um militante dos marginalizados.....	84
3.3 Dirceu Lindoso: Uma ilha intelectual, arqueólogo da <i>cultura alagoana</i> .....	89
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

Um espectro ronda “Alagoas”: a *identidade alagoana*. Embora os debates sobre nacionalidades e identidades locais (ANDERSON, 2008 ; HOBSBAWM, 2012) tenham vivido reconfigurações a partir do desenvolvimento da globalização, quando parcela do debate intelectual das ciências sociais, diagnosticava a propensão à integração em escala global e ao fim das identidades locais, nas últimas décadas, podemos acompanhar ao redor do globo, o crescimento de reivindicações identitárias por parte de diferentes grupos sociais como ferramenta - e desdobramento - de lutas por reconhecimento (HONNETH, 2009). Em Alagoas, podemos verificar um movimento semelhante a partir do crescimento de espaços nos quais ideias como *cultura alagoana*, *identidade alagoana* e *alagoanidade*, passam a ganhar relevância pública.

No ano de 2017, por exemplo, durante a programação da 8ª Bienal internacional do livro em Alagoas, me chamou a atenção um evento organizado pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em parceria com o Fórum Setorial do Audiovisual Alagoano: *Fórum Reinventando Alagoas Mostra Sururu – Uma retrospectiva nos 200 anos de Alagoas*. A proposta do fórum, segundo o sociólogo Edson Bezerra – um de seus organizadores – é estimular um debate crítico sobre Alagoas a partir de uma abordagem estética. Nessa direção, são mobilizados personagens e narrativas, na busca de construir fronteiras de particularidades que representem parcelas mais amplas da população no signo *Alagoas*.

Pensemos a programação deste evento como um exemplo: nela, os filmes são exibidos a partir de quatro eixos temáticos (*História narrada; Personagens alagoanos; Cultura e tradições; Realidade e poesia*) que buscam evidenciar a partir da evocação de “personagens alagoanos pouco celebrados” aspectos distintos para uma nova interpretação da formação social de Alagoas. Destaco a exibição de produções como: *Calabar* (Hermano Figueiredo) e *História Brasileira da Infâmia* (Werner Sales), que retratam episódios alagoanos durante o Brasil Colônia; *Tororó* (Celso Brandão) e *Jorge Cooper* (Victor Guerra), retratando a vida e obra do cantor de forró Tororó do Rojão e do poeta marginal Jorge Cooper; *O Juremeiro de Xangô* (Arlene de Castro) e *Barro do Muquém* (Alice Jardim) que tratam de aspectos religiosos e artísticos das

populações negras de Alagoas; *Cidade Líquida* (Laís Araújo) e *Bumba Meu Jaraguá* (Direção Coletiva) que tratam de dilemas contemporâneos da urbanização de Maceió.

É bem verdade que espaços como esse vêm constituindo mercados simbólicos e sentidos de cooperação coletiva entre diferentes matizes de agentes culturais, intelectuais e agentes estatais, que mobilizam como sinônimos as ideias de *identidade* e *cultura*, mas é preciso ter em conta que apesar da relevância pública que tem ganhado, através de agendas e políticas culturais, a formulação de narrativas mais abrangentes sobre Alagoas, não é um movimento geral e irrestrito. As disputas narrativas são em alguma medida desdobramentos de lutas pelo poder de fatias ascendentes de diferentes grupos marginalizados, relativamente estabilizadas a partir do consenso na crença na própria disputa.

Este trabalho trata, portanto, da relação entre intelectuais, agentes culturais e agentes estatais no processo de elaboração e difusão de narrativas entre os diferentes sentidos de “ampliação” que tem assumido o símbolo Alagoas. Buscando construir um panorama de como o debate em questão tem se apresentado no espaço público e tendo como seus principais focos a) posicionar alguns dos agentes envolvidos nas batalhas; b) chamar atenção para a constituição intergeracional da preocupação com os marginalizados na representação de Alagoas.

Iniciei esta agenda de pesquisa, nos idos de 2014, muito intrigado com os constantes discursos de seguimentos das classes médias, sobre ‘um vazio identitário alagoano’, assentado em narrativas plurais de depreciação e associado a percursos migratórios de intelectuais locais. Ainda que o deslocamento de intelectuais para os centros de maior movimentação nos *mercados culturais*, tenha sido prática corriqueira em todo território nacional durante as primeiras décadas do século XX, o fluxo migratório de intelectuais e agentes ligados a atividades culturais em Alagoas, se tornou posteriormente uma temática bastante valorada por parcelas de intelectuais que não migraram, ganhando o estatuto de diáspora, alimentado por uma relação ambivalente de amor e aversão à terra natal (COSTA,2015).

O interesse nos discursos sobre uma “diáspora” de intelectuais alagoanos, me levou aos debates em torno das transformações estéticas na produção literária alagoana entre os anos 30 - 80. Os caminhos da pesquisa, a partir do trabalho de

campo em eventos que celebravam *escritores regionalistas*, me levaram a perceber a mobilização das obras de tais autores na composição de imagens de *Alagoas*. Passei a acompanhar outros eventos, relacionados à agenda de comemorações do bicentenário de Alagoas e notei um movimento semelhante, que girava em torno de diferentes redes, celebrando diferentes imagens.

As redes e grupos não se constituem de maneira homogênea, do mesmo modo, são muito claras as disparidades de signos evocados como dignos de portar uma singularidade local. O que me levou a refletir sobre até onde as questões suscitadas no percurso percorrido até aqui não estariam relacionadas. Como é possível que as temáticas sobre as lutas dos subalternizados, ganhem fôlego na contemporaneidade como signos da singularidade de um povo? Durante muito tempo, os símbolos investidos de dignidade para representar coletividades humanas em Alagoas, foram tão restritos quanto a própria ideia de coletividades humanas com uma *auto-imagem* normatizada publicamente. É um cenário em que tais imagens estão majoritariamente assentadas no prestígio militar de campos de poder familiares amplamente dispersos no território alagoano.

De certo, grupos populares<sup>3</sup> também produziam suas *auto-imagens*, mas estas não figuravam em um repertório normatizado publicamente. Nesta direção, é importante evidenciar que se hoje é possível pensar a própria ideia de lutas dos subalternizados ou a própria ideia de subalternizados/marginalizados, temos um indício de transformação normativa, que por si pressupõe um relativo grau de aproximação social. Este cenário parece mudar, conforme a ampliação – ainda que em um primeiro momento, entre poucos grupos – da normatização das ideias de equidade, para a qual os debates sobre o popular parecem fundamentais.

Somente a partir da ampliação da percepção sobre coletividades humanas se torna possível compreender a construção normativa mais abrangente, antes de mais nada estética, de uma origem comum (RANCIÈRE, 1996; 2018) celebrada na contemporaneidade sob o signo de *Alagoas*. Esta curiosidade será o guia de questões

---

<sup>3</sup> Um exemplo dessa produção, são as obras de Mestre Zumba (1920-1996). Um pintor negro alagoano, que ganhou a vida retratando cenas do cotidiano popular e negro do estado e as vendendo no centro da cidade de Maceió. Embora a partir dos anos 50, tenha conseguido expor em espaços culturais de prestígio, como o Teatro Deodoro, sua obra não compôs o repertório de símbolos que representam o estado.

sociológicas de maior abrangência para pensar o processo de estruturação de redes com capacidade de absolver trajetórias distintas e tecer camadas simbólicas que hora se cruzam, noutra se repelem, configurando através de disputas pela imposição de princípios legítimos que norteiam a construção de imagens de grupo - hora menos, noutra mais abrangentes - o que viriam a ser tradições de narrativas e narradores sobre a *identidade alagoana*.

### **Esboço para uma autoanálise na fenomenologia do objeto**

Em oportunidades anteriores, ouvi de um professor que não importava qual tipo de sociologia fazíamos, nem o percurso percorrido até o objeto. '*O importante é o resultado. A sociologia está interessada nos conflitos que envolvem Estado e Mercado*'. Sigo discordando e acreditando que o percurso percorrido tem a capacidade de nos esclarecer muito sobre o objeto em questão e sobre as possibilidades de construir objetivações sobre a multifacetada e incapturável realidade.

Tendo vivido a maior parte do tempo no bairro do Prado - na parte baixa e mais antiga da cidade - um tradicional ponto de circulação de grupos de *cultura popular* e tendo minha mãe sido uma das fundadoras do Grupo Transart<sup>4</sup>, cresci cercado e identificado com o universo popular alagoano. Paralelamente ao curso de ciências sociais, me dediquei a escrever crônicas e poemas próximo a uma *literatura marginal* e circulei por alguns grupos do cenário literário de jovens escritores alagoanos, sobretudo nas oficinas de produção literária promovidas pelo SESC-AL.

Estes aspectos de minha trajetória, que de certo modo me colocam como parte interessada nos fenômenos sobre os quais essa dissertação se debruça, contribuíram com a constituição da disposição ao debate em torno de circuitos literários e de grupos de *cultura popular*. Concluí a graduação com um trabalho sobre as disputas em torno da constituição da Academia Alagoana de Letras e dos grupos literários do período.

---

<sup>4</sup> Grupo de danças folclóricas alagoanas fundado em 1976, que se tornou uma companhia de dança que incorpora elementos de folguedos alagoanos. O Balé Folclórico Transart, sob a coordenação de Rogers Ayres tem representado Alagoas em circuitos nacionais e internacionais de divulgação de danças folclóricas, como o Festival Nacional de Dança e os Festivais internacionais na Bélgica, Holanda, França e Alemanha.

Contudo, intrigado com as disparidades entre uma “vida literária agitada” com a presença do núcleo de romancistas, do que posteriormente ficou conhecido como primeiro círculo de romances regionalistas do Brasil (COSTA, 2015; ROCHA, 2014) e os índices de desigualdade e analfabetismo do estado.

Este foi exatamente o ponto que passou a me interessar quando ingressei no mestrado. A disparidade entre o universo de letrados que passou a figurar como representantes de uma *identidade alagoana* e o universo popular que igualmente foi alçado a dignidade de aportar singularidades expressivas de um mesmo *povo*. Como é possível que tais narrativas componham o mesmo repertório enunciativo? Como é possível que as temáticas que giram em torno das lutas por reconhecimento de setores marginalizados, ganhem fôlego na contemporaneidade como signos da singularidade de um *povo*?

Lembrando que durante muito tempo, os símbolos investidos de dignidade para representar grupos sociais em Alagoas, foram tão restritos quanto a própria ideia de grupos com uma *auto-imagem* normatizada publicamente. Normatização esta, proveniente de uma configuração em que tais imagens estão majoritariamente assentadas no prestígio militar de campos de poder familiares amplamente dispersos no território alagoano. De certo, grupos populares também produziam *auto-imagens*, mas estas não figuravam em um repertório normatizado publicamente. Nesta direção, é importante evidenciar que se hoje é possível pensar em *lutas dos marginalizados* ou a própria ideia de *marginalizados*, temos um indício da transformação normativa, que por si pressupõe um relativo grau de aproximação social. Este cenário parece mudar, conforme a ampliação – ainda que em um primeiro momento, entre poucos – da normatização das ideias de equidade, que parecem fundamentais para os debates sobre o popular.

### **Considerações teórico-metodológicas**

Partindo de uma compreensão que enfoca na construção compartilhada - tensionada e constrangida pelas posições interdependentes que os agentes ocupam na figuração - de um acervo simbólico a nortear a construção das narrativas, tenho

esperanças de que ela possibilite contribuir com o avanço do debate sobre *identidade alagoana* em uma direção não personalista, mas que também seja capaz de ultrapassar a discussão dos símbolos pelos símbolos. A busca por uma *identidade alagoana*, em si não interessa a este trabalho, senão, pensar de que vale a disputa em torno de sua enunciação e seu entrelaçamento às discussões sobre as populações subalternizadas. Levando em conta a sua estreita relação com os percursos e dilemas das lutas por uma maior integração de grupos humanos distintos dentro de um mesmo território, sob o signo de *Alagoas*.

Nesta direção, serão de grande utilidade as proposições teórico-metodológicas da *teoria simbólica*, amparada a partir de uma perspectiva processual de Norbert Elias (2001, 2006) e da abordagem relacional de Pierre Bourdieu (1996, 2004, 2006). Entendendo que a ampliação sobre o signo *Alagoas* não é um movimento geral e irrestrito, sendo parte dos desdobramentos de batalhas sociais pelo poder, travadas por grupos específicos de intelectuais que passam a se condensar na formulação de um repertório de uma origem comum para *Alagoas*, a partir da aproximação com *classes populares*.

Este não é um trabalho dedicado ao estudo de autores ou obras. Ainda que esta seja uma atividade frutífera para ampliarmos os horizontes sobre as condições sociais de produção e regulação de uma autoimagem dos grupos humanos, o que aqui proponho é uma reflexão mais abrangente sobre o modo como as redes de interdependências entre grupos humanos distintos – neste caso específico a relação entre *intelectuais* e *classes populares* - se ajustam e constroem tais grupos na formulação de *imagens de Nós* e *imagens de Eles* (ELIAS, 1996). Pensando nas condições que possibilitam que estas estruturas se transformam no transcurso de um processo sociohistórico.

No primeiro capítulo, demonstro alguns dos elementos constitutivos da celebração contemporânea de narrativas de valorização de grupos marginalizados, bem como posiciono os agentes envolvidos nas lutas por sua institucionalização e difusão. Em um primeiro momento, buscarei demonstrar a partir de entrevistas e de diários de campo os percursos de aproximação entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos que constroem espaços para as narrativas de valorização dos marginalizados em festas públicas. Em seguida, construirei um panorama do

repertório de signos administrados também por redes de colaboração entre estes grupos de agentes em torno das emergentes narrativas étnicas sobre Alagoas no Bicentenário.

No capítulo seguinte, pontuo nuances distintivas entre os grupos de contendores, que por diferentes vias buscam a chancela de suas posições nos espaços de construção e celebração de novas narrativas sobre *Alagoas*. Pontuando as possíveis homologias existentes entre estas posições e as *tomadas de posição* (BOURDIEU, 2001;2006) assumidas nas narrativas. Ademais, utilizo as trajetórias de Clébio Correia e Bruno César Cavalcanti, como *tipos-ideais* (WEBER, 2016) que ajudam a ilustrar não apenas a mobilização de *propriedades sociais* (BOURDIEU,2001;2006) na busca de chancelar suas , como perceber aspectos da constituição de redes intergeracionais de elaboração e transmissão de conhecimentos (MANNHEIM,2014).

Por último, aponto aspectos das transformações na vida intelectual alagoana durante a segunda metade do século XX, que possibilitam – ainda que não intencionalmente - a gestação de uma geração de intelectuais, que a partir da aproximação com o que se convencionou chamar de classes populares passaram a desenvolver uma agenda político-intelectual em torno de populações marginalizadas no estado. A ideia consiste em demonstrar que a gestação de uma *série historiográfica* (FOUCAULT, 2014) pautada “a partir dos de baixo”, não está dissociada das lutas pelo poder, das quais a própria emergência da temática dos marginalizados é fruto. Motivo pelo qual, chamarei a atenção para as interfaces entre *cultura, política e comunicação* nas trajetórias de Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida, os dois personagens que conformam a matriz intelectual da preocupação com os marginalizados, contemporaneamente mobilizadas na agenda de valorização de tais grupos na representação de *Alagoas*.

## 1. Uma ilustre desconhecida de nome Alagoas: Percursos de enunciação e ampliação das imagens de grupo

“Quando nos propomos a falar e pensar em Alagoas, estamos diante de algo nebuloso, ou diante daquilo que tem o atributo da nebulosidade [...] o que não caracteriza uma imprecisão como à primeira vista se poderia pensar. Nebuloso seria uma circunstância do processo, mas as situações estariam ali. [...] É instigante a busca do desvendamento do modo como se define um estado de uma formação histórica, não tomando este estado, por nós chamado de nebuloso, como ausência de forma”.  
(ALMEIDA,2018. pp 21-22)

Ao falar contemporaneamente de *uma cultura alagoana*<sup>5</sup>, intelectuais, agentes estatais e agentes culturais<sup>6</sup>, parecem enunciar um campo de possibilidades relativamente consolidado, onde dançam lado a lado aspectos populares e eruditos de camadas simbólicas com dois séculos de maturação. Um olhar mais atento sobre a questão, entretanto, mostra-nos que estamos diante de um percurso de recentes enunciações. Embora remonte de longa data a produção de trabalhos historiográficos dedicados a definir Alagoas como uma formação social e mesmo étnica, somente a partir dos anos 80 do século passado esta discussão passou a circular em círculos sociais mais abrangentes expressos em políticas culturais co-gestadas por agentes mercantis e estatais, a expansão do acesso ao conhecimento produzidos por novas instituições intelectuais, em Alagoas também sentidas pela ampliação do acesso a fluxos de informações por jornais, impressos, televisão e, posteriormente, mídias digitais. Isso se deu duas décadas após a criação do Arquivo Público de Alagoas (APA)<sup>7</sup> e com a crescente importância da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como as principais instituições produtoras de conhecimento no e sobre o estado.

Ademais, somente a partir dos anos 2000, essa enunciação passou a ganhar sentidos *étnicos* (WEBER, 2012) amparados por uma coalizão entre elites mercantis e estatais. Isto porque o símbolo *Alagoas* até então, esteve mais vinculado à descrição

---

<sup>5</sup>Ao falar *Cultura Alagoana*, refiro-me ao conceito elaborado pelo historiador Dirceu Lindoso, divulgado em uma conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) em 1980, posteriormente transformado no artigo: *Uma cultura em questão: a alagoana* (LINDOSO,2015), que viria a ser a maior inspiração das sínteses elaboradas contemporaneamente cujos sinônimos podem ser *Alagoanidade e Identidade Alagoana*.

<sup>6</sup> São múltiplos os agentes culturais que compõem ou fazem fronteiras com esta rede de mobilizações. Neste trabalho, podemos destacar os mais presentes no debate e elencá-los em algumas categorias genéricas, tais como: coletivos culturais, afoxés, grupos de folguedos e coletivos políticos.

<sup>7</sup> O Arquivo Público de Alagoas é criado no ano de 1963.

de um espaço geográfico e social, circunscrito a pequenos grupos familiares, do que à preocupação de enunciar uma origem comum para amplas parcelas da população (RIBEIRO,2015) que, no início do século XX, não se veriam representadas no termo Alagoas.

Do mesmo modo que o significado deste símbolo durante muito tempo esteve restrito, seus manuseadores estiveram vinculados à produção de uma *auto-imagem* (ELIAS,1997) restrita aos círculos da *boa-sociedade* (ELIAS, 2000) alagoana. Ao falar sobre uma boa-sociedade alagoana, busco ressaltar os aspectos predominantes em termos do ideal de requinte e bom gosto em Alagoas associados a parcelas da elite econômica local. Sabemos que estas parcelas estiveram em consonância com padrões estéticos vigentes a nível transnacional. É importante ainda, que se ressalte, que este modelo de elites agrárias cultas não foi majoritário no desenvolvimento das elites alagoanas. Fazem parte dessas parcelas, por exemplo, agremiações carnavalescas ligadas ao carnaval de salão como o Clube Fênix Alagoana; agremiações intelectuais e literárias como a própria Academia Alagoana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. A produção historiográfica alagoana, por exemplo, data da segunda metade do século XIX, a partir da fundação do Instituto Histórico e Arqueológico de Alagoas (1869), estimulada pela presidência da província<sup>8</sup>. Esse corpo intelectual, a partir de então, desenvolveu uma tradição de representações sobre a vida social alagoana, largamente assentada em narrativas sobre os feitos políticos e militares das elites econômicas e políticas do estado. Tradição esta, que o historiador Luiz Sávio de Almeida, um dos principais artífices de uma *série historiográfica* alagoana guiada “*a partir dos de baixo*”<sup>9</sup>, denominará como *celebração do poder* (ALMEIDA,2008, pp 15 - 18).

Nas últimas décadas, por outro lado, podemos verificar o crescimento de eventos nos quais intelectuais, agentes culturais e agentes estatais – muitos deles socialmente ascendentes - exaltam expressões de camadas simbólicas “populares”, que associadas ao símbolo *Alagoas*, buscam representar um sentido comum para a integração de grupos heterogêneos (Cf. ELIAS 1997; WOUTERS,2007;2012). Seja a partir da construção de uma agenda cultural (como por exemplo na Mostra Sururu de

---

<sup>8</sup> Sobre as primeiras produções historiográficas de Alagoas ver: ALMEIDA, 2008; MACIEL, 2015.

<sup>9</sup> Maneira como Sávio enuncia a sua produção historiográfica. Ver: ALMEIDA, 2014.

Cinema Alagoano<sup>10</sup> e no Fórum Reinventando Alagoas, Reinventando Cidades<sup>11</sup>) ou na produção de trabalhos acadêmicos (ALMEIDA, 2017; BARROS, 2018; BEZERRA,2007; LIMA,2015; LINDOSO, 2015; MAGALHÃES,2017, PADILHA,2012), uma preocupação tem aparecido como protagonista ou plano de fundo dos debates: a *identidade alagoana*.

Estas discussões foram se constituindo de modo difuso e contraditório ao longo das últimas décadas. E diferente do que o próprio debate sugere, longe de se encerrar em si mesmo, mantém estreitas conexões com arenas de debates mais amplas<sup>12</sup>. Ainda que a discussão sobre *cultura alagoana* esteja distante de um consenso que a norteie, tendo sido variadas as imagens assumidas como signos de uma *identidade alagoana*, é necessário ter em vista a existência de um entendimento entre seus contendores: a validade da própria discussão. Na medida em que mais grupos se interessam pelo debate, passam a compor um mercado de valores e reputação, bem como um senso de coordenação coletiva que conecta divergências a partir de uma relativa estabilidade numa rede comunicacional e política.

Há os que se amparam nas paisagens naturais como características distintivas de Alagoas; os que definam o estado a partir de seu histórico de violência; os que defendem que as manifestações da cultura popular sejam os maiores signos de particularidade alagoanos (Bruno Cavalcanti, Carmem Lúcia Dantas, Marcial Lima); quem sustente que a ideia de uma *cultura alagoana* esteja imbricada ao imaginário *afroalagoano* (Clébio Correia, Edson Bezerra, Zezito Araújo); ou mesmo os que se inclinam a afirmar que Alagoas não tenha uma *identidade cultural*. Mas todos de acordo com a validade da disputa em torno do símbolo *Alagoas*. Diante desse vasto repertório, com este trabalho, proponho pensar aspectos da constituição de tradições intelectuais que compartilhando uma *illusio* (BOURDIEU,2006) expressa no *nomos*

---

<sup>10</sup> Evento criado em 2009, que tem contribuído com o fomento da produção audiovisual alagoana, a partir de editais de fomento, do desenvolvimento de diálogos entre integrantes do setor, realização de oficinas de capacitação na área e produções de análises sobre o setor no estado. Importante ter em mente que a mostra *sururu* tem sido um dos principais difusores das imagens da *cultura alagoana* a partir da linguagem do audiovisual.

<sup>11</sup> Projeto do sociólogo Edson Bezerra, realizado a partir da parceria da UNEAL e da DITEAL. O fórum promoveu durante as quintas do mês de maio e a primeira quinta do mês de junho, debates sobre Alagoas e sua produção cultural. Congregando palestras, apresentações musicais e teatrais, bem como feiras de artesanato.

<sup>12</sup> Tratarei adiante de modo mais detalhado como o desenvolvimento do debate sobre *identidade alagoana* se dá nas fronteiras de discussões públicas as mais variadas, que vão da ampliação da ideia da dignidade humana ao desenvolvimento do universo turístico local.

*cultura alagoana*, tem contribuído com o recente processo de ampliação das fronteiras de legitimidade simbólica e com a standardização de uma compreensão *étnica* sobre Alagoas.

A recente agenda de eventos, em virtude da comemoração do bicentenário da emancipação política alagoana, é uma expressão de como as batalhas vem sendo construídas e encaradas. Se por um lado a distância econômica entre camadas sociais distintas é uma das mais acentuadas no país, o debate contemporâneo entre agentes culturais, intelectuais e agentes estatais, por outro, aponta para uma diminuição da distância entre grupos, os mais heterodoxos possíveis expressas nos investimentos para ampliar o significado condensado no nome *Alagoas*. Durante o ano de 2017, pude acompanhar diversas atividades desta agenda que variavam entre palestras sobre *alagoanos ilustres*, seminários sobre *identidade alagoana*, lançamentos de livros que discutiam questões sobre Alagoas, celebrações públicas de *eventos históricos*, *Fóruns* e apresentações de grupos folclóricos em diversas ocasiões. Estas atividades, em suas variadas matrizes discursivas, me deram a oportunidade de enxergar diferentes posições sociais e culturais dos agentes envolvidos, permitindo demarcar o foco de construção de alguma sociogênese das mesmas.

A ampliação dos círculos de contendores em torno do que se inclui e exclui na invocação do signo *Alagoas* é um processo em curso, que se explicita nas recentes agendas de construção de novas imagens de Alagoas e de sua celebração no espaço público a partir de festividades, mas cujo debate vem se desenhando, ao que tudo indica desde o final da década de 80, tendo como um de seus principais mobilizadores a aproximação de setores intelectuais com setores das classes populares. Nos espaços celebrativos contemporâneos, a *cultura alagoana* aparece como um conjunto de propriedades imanentes que sempre nos distinguiram como *um povo*, desde o remoto tempo em que fomos a parte sul da capitania de Pernambuco. Do mesmo modo – embora existam ponderações – boa parte das produções acadêmicas de que falamos, relegam ao segundo plano, ou mesmo parecem não levar em conta a constituição das *vigências temáticas* (NETO, 1973,1979) e os tensionamentos em torno da standardização dos próprios temas sobre os quais se debruçam.

Um olhar mais apurado sobre a questão, entretanto, mostra-nos que não estão muito distantes as marcas das assimetrias que produziram imaginários depreciativos

a pairar sobre boa parte da população do que hoje sintetizamos como Alagoas, antes que estas se tornassem dignas de compor as *imagens de grupo* (ELIAS, 1997) mais abrangentes celebradas na contemporaneidade. Basta parar para pensar nos caminhos tortuosos percorridos pelas populações rurais majoritariamente negras e mestiças que compunham os brincantes dos hoje celebrados folguedos alagoanos – de sua proibição ou estigmatização como marcas do atraso – até que estes fossem eleitos signos de uma singularidade alagoana. O que se dá sobretudo, a partir da aproximação do poder público local com as formulações imagéticas do movimento folclorista em Alagoas (Cf. ALVES, 2013; VILHENA, 1997), estas produzidas em consonância com o ímpeto mais abrangente de criação de um imaginário *nacional-popular* (ORTIZ, 1994).

Diversos foram também os episódios denunciados como “silenciamento” com que foram tratadas algumas tensões sociais, até que chegássemos a formulações mais abrangentes de *imagens de grupo* capazes de fazer com que se reconheçam nos mesmos signos de particularidade parcelas mais numerosas – ainda que distantes no *espaço social* (BOURDIEU, 1996, 2011) – de pessoas em Alagoas. Neste sentido, vale chamar a atenção para o fato de que a formação social alagoana para além das distâncias econômicas já mencionadas, é marcada por uma série de episódios violentos envolvendo núcleos de poder altamente descentralizados, grupos oligarcas opostos e conjuntos diversificados de pobres rurais e urbanos (Cf. TENÓRIO, 1997).

Para ficarmos com dois exemplos bastante explorados pelas construções narrativas das recentes lutas políticas de valorização de setores marginalizados<sup>13</sup>, pensemos o extermínio do *Quilombo dos Palmares*<sup>14</sup> durante o século XVII e o *Quebra de Xangô*<sup>15</sup>, ocorrido em Maceió, nas primeiras décadas do Século XX. Ambos eventos, entrando para a historiografia alagoana de modo secundário, como nos trabalhos de Alfredo Brandão (1914) ou Jayme de Altavilla (1967), quando não,

---

<sup>13</sup> Ao falar em Marginalizados, refiro-me às parcelas de grupos historicamente inferiorizados e estigmatizados na vida social alagoana e em suas representações. Tais como: negros, indígenas, pobres, sem-terras, etc. Tendo clareza sobre as linhas tênues que constroem demarcações identitárias ou que possibilitam que os agrupe na categoria genérica ‘marginalizados’.

<sup>14</sup> O Quilombo dos Palmares, ficou conhecido como o maior foco de luta e resistência de negros escravizados que foragidos de fazendas e engenhos, construíram uma sociedade alternativa à civilização do açúcar. Para maiores informações ver: FREITAS, 1971, 1975, 2004; LINDOSO, 2007.

<sup>15</sup> O Quebra de Xangô ou Quebra-Quebra, é como ficou conhecido o episódio de destruição de boa parte das casas de culto afroalagoanos – Xangô – em Maceió, durante as disputas oligárquicas que buscavam depor o governador de Alagoas, Euclides Malta, no ano de 1912. Para uma discussão mais ampla sobre o quebra ver: AMORIM, 2006; RAFAEL, 2012, TENÓRIO, 1997.

relatados de modo depreciativo a partir da crônica policialesca que criminalizava as populações envolvidas<sup>16</sup>.

“Devastaram e incendiaram mais de vinte engenhos, aprisionando a escravatura que mais tarde formou a quadrilha conhecida pela designação de *papa-méis* e que deixou tão sombria nomeada. A rebelião prosseguiu numa série de depredações horríveis, quase sem ideal, como sucede com os movimentos que de quando em quando convulsionam os sertões brasileiros.” (BRANDÃO, 2015. pp. 121)

De modo bastante recente a produção de análises sobre a formação social alagoana passou a circunscrever estes eventos como parte constitutiva da formação social alagoana, como nas obras de Décio Freitas (1971,1978), Dirceu Lindoso (1983) e Luiz Sávio de Almeida (2008).

Durante o bicentenário, pude perceber mais de perto o recente caráter de ampliação das fronteiras simbólicas do que passa a estar inserido na composição desta *comunidade imaginada* (ANDERSON, 2008) sobre o signo de Alagoas. Isto, pois não somente o sentido do símbolo *Alagoas* tem vivido um movimento de ampliação, como também *quem / o que* passa a estar contido no sentido de representação identitária de que tem sido investido. Se antes, os círculos de representações estavam restritos aos episódios que se enovelavam às trajetórias das elites locais, um novo repertório de representações passa a estar em jogo a partir da ampliação do círculo de contendores desde a primeira década de 2000.

Por mais que estejamos diante de um movimento de ampliação, é importante termos em vista, que neste processo, nem todas as temáticas têm o mesmo peso na construção de uma imagem mais plural para Alagoas. De modo que, se faz necessário estar atento ao lugar de destaque conferido à alguns debates nesta ampliação. Não quero com isso, discutir a validade deste ou daquele tema na construção de imagens de grupo em Alagoas, senão chamar a atenção para o fato de que a emergência de um tema ou de outro não está apartada de uma série de disputas e pode ser um indicativo de percursos de transformações da posição dos contendores nas balanças de poder que lhes conferem hoje a devida posição e legitimidade.

Um exemplo do que chamarei de *ampliação demarcada*, são as representações do que se convencionou chamar de universo afroalagoano na enunciação de uma

---

<sup>16</sup> Nesta direção ver também o texto anônimo considerado o pioneiro da historiografia alagoana: Opúsculo da descrição geographica e topographica, phizica, política e histórica, do que unicamente respeita à província das Alagoas no Império do Brazil por Hum Brasileiro (1844).

etnicidade alagoana. Aliás, o desenvolvimento do próprio termo *afroalagoano* parece indicar o fortalecimento de grupos ligados a essa temática na construção dos regimes simbólicos de novas narrativas. O *1º Seminário Sobre Alagoanidade* e o *Seminário Emancipação e Evolução Política de Alagoas - IHGAL*<sup>17</sup>, por exemplo, ajudam a ilustrar o modo como a “contribuição negra” para a formação social de Alagoas ocupou um papel de destaque na agenda do bicentenário. Ainda que o crescimento do debate sobre o universo negro em Alagoas date do final dos anos 80, a partir da discussão pública tangenciada por redes trans-alagoanas sobre o tombamento da serra da barriga, historicamente, este não foi um tema privilegiado, no que diz respeito a compor representações sobre Alagoas e somente a partir do final da década de 90, com a inserção de gestão de Ronaldo Lessa no governo do estado, o tema tenha figurado em representações públicas sobre Alagoas.

**Imagem 1: Reportagem sobre a visita do ministro da cultura Celso Furtado à Serra da Barriga**



Fonte: Jornal Tribuna de Alagoas, novembro de 1986.

Até aqui, busquei chamar a atenção para transformações nos significados e nos manuseadores do símbolo *Alagoas*, por compreender que as narrativas celebradas contemporaneamente são desdobramentos de disputas que ficam encobertas pelo caráter celebrativo dentro do qual estão sendo difundidas. De modo

<sup>17</sup> Falarei sobre estes eventos de forma mais atida na sessão sobre os marcos comemorativos do bicentenário.

que para compreender sua emergência e o processo de sua standardização – pautadas principalmente em uma ideia de integração/aproximação de grupos distintos a partir do que podemos chamar de *universo popular* – se faz necessário percorrermos as dinâmicas de rivalidade e cooperação no fluxo intra e intergeracional de elaboração e transmissão de símbolos que hoje se condensam como *cultura alagoana*. Decisivos neste percurso de aproximação são as figuras dos intelectuais e dos agentes públicos, posições que não raro se confundem nas mesmas pessoas. Os primeiros, encarregados sobretudo da atividade mais ativa de elaboração e operacionalização de símbolos e os outros, encarregados de institucionalizar e criar condições de difundir tais representações. Motivo pelo qual, este trabalho buscará trilhar a objetivação das fronteiras tênues entre os universos da *cultura, da política e da comunicação* na formação e legislação de tais imagens.

Por mais tentador que seja o convite à reificação presente nos espaços de celebração de uma *identidade alagoana*, diante das dezenas de indícios de que as coisas nem sempre foram como se apresentam no momento presente, precisamos estar atentos ao percurso sociohistórico de transformações que nos trouxeram à configuração que encontramos hoje. Assim, este trabalho tem como um de seus pilares teórico-metodológicos a sociologia processual de Norbert Elias, buscando levar em conta o desencadeamento de ações não planejadas no curso do desenvolvimento das interdependências entre os indivíduos (Cf. ELIAS, 2006). Neste caso específico, sobre o desenvolvimento do aumento de cadeias de interdependências entre *intelectuais* e o que se convencionou chamar *camadas populares* no trânsito entre *cultura, comunicação e poder* que gestam as possibilidades – ainda que não intencionalmente – do desenvolvimento de temáticas vigentes no cenário contemporâneo, tais como: a valorização do *universo afroalagoano*<sup>18</sup> e a construção de políticas culturais assentadas numa ideia de *identidade alagoana*<sup>19</sup>. De modo que não me interessa discutir propriamente a existência de uma *cultura alagoana* ou o que esta venha a ser. Importa-me senão, os interesses em torno de disputar uma dicção ampliada sobre Alagoas e sobretudo, as

---

<sup>18</sup> Para um panorama mais detalhado dos embates sobre a constituição de uma rede de valorização do universo afroalagoano ver: LIMA, 2015.

<sup>19</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre políticas culturais em Alagoas ver: MAGALHÃES, 2017.

batalhas por valor humano que permeiam esta ampliação do repertório de símbolos que figuram imagens de grupo associadas à ideia de Alagoas.

Nesta direção, o escopo deste capítulo equivale a buscar desvelar alguns dos elementos constitutivos da celebração contemporânea de narrativas de valorização de grupos marginalizados, bem como posicionar os agentes envolvidos nas lutas por sua institucionalização e difusão. Em um primeiro momento, buscarei demonstrar a partir de entrevistas e de diários de campo os percursos de aproximação entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos que constroem espaços para as narrativas de valorização dos marginalizados em festas públicas. Em seguida, construirei um panorama do repertório de signos administrados também por redes de colaboração entre estes grupos de agentes em torno das emergentes narrativas étnicas sobre Alagoas no Bicentenário.

### **1.1. Celebrações públicas: Um passado-presente, caminho de novas sociodisseias**

*“O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.”*  
(BHABHA, 1998. pp.27)

Até aqui, busquei chamar a atenção para como vem se desenvolvendo contemporaneamente em Alagoas, uma agenda de interesses que não somente se destaca pelo empenho de intelectuais, agentes culturais e agentes estatais em fomentar a ampliação de narrativas sobre o estado, como pela ampliação dos grupos que passam a disputar em torno do repertório simbólico da representação alagoana. Busquei também chamar atenção para necessidade de se objetivar as relações entre tais atores nos percursos que elevaram determinados temas à condição de prestígio, necessária para que componham este novo repertório de imagens de grupo. Dentro deste percurso, sem dúvidas um espaço tem se tornado decisivo como plataforma de divulgação dos repertórios simbólicos: as festas públicas.

Nesta sessão, buscando apontar os caminhos que me levaram a discutir a ampliação de imagens de grupo em Alagoas, tratarei dos espaços recentes, que vêm estimulando o encontro entre narrativas de valorização dos grupos marginalizados com o que poderíamos chamar de “espaço público”. Focarei em demonstrar a participação

de intelectuais, agentes culturais e agentes estatais no processo de construção dos espaços de celebração, bem como traçar um panorama das posições assumidas nas discussões ali desenvolvidas.

São festejos que, iniciados a partir de iniciativas de intelectuais e agentes culturais, passam a contar paulatinamente com incentivos estatais, até entrarem no calendário oficial de festejos da cidade. Essas atividades, sem dúvidas cumprem um papel na transformação valorativa que as discussões sobre o *universo popular* e sobretudo do *afroalagoano* passaram a desfrutar na construção de imagens de grupo na contemporaneidade alagoana. Realizando uma mobilização estética de narrativas e personagens históricos e criando um *entre-lugar* (BHABHA, 1998), que busca conduzir através de uma posição fronteira entre passado e presente a condução de novos caminhos e posições futuras.

### **1.1.1 A valorização dos marginalizados em festas públicas**

A aparição de narrativas valorativas dos grupos marginalizados em festas públicas em Alagoas, se desenvolve ainda na esteira da aproximação do poder público com os elementos e narrativas da cultura popular no fim dos anos 90. Esta agenda, por sua vez, se desenvolve a partir da discussão sobre a valorização dos setores populares, frente ao compromisso com a diminuição das desigualdades. Um debate que se estrutura em Alagoas durante o processo de redemocratização, quando o estado passava por instabilidades econômicas e reconfigurações nas lutas políticas. Este cenário legado pelas décadas anteriores, se intensifica após acordo do Estado com os usineiros e com a crise econômica generalizada que bloqueia os salários dos servidores por nove meses. A insatisfação e as contínuas greves dos servidores das principais atividades do serviço público – educação, saúde e segurança – levam à renúncia do governador Divaldo Suruagy de seu terceiro mandato (1995-1997)<sup>20</sup>.

A partir desse ponto, setores da política alagoana, que se reivindicam progressistas, ganham força como alternativa à crise do Estado, pautando uma agenda em torno das reivindicações populares.<sup>21</sup> O combate às desigualdades será

---

<sup>20</sup> Sobre as crises no governo Suruagy e sobre a deposição do governador ver: CAVANCANTE (2017); GOMES (2017).

<sup>21</sup> A construção desse panorama foi possível a partir do contato com jornais do período e com os depoimentos do historiador Geraldo de Majella e da educadora Maria José Viana. Ambos participantes

uma das principais bandeiras da gestão de Ronaldo Lessa (1999-2006), que vencera as eleições estaduais de 1998 em uma ampla coalisão de partidos de centro-esquerda. Essa virada traz para a máquina pública uma geração de atores políticos ligados aos movimentos sociais, que ajudam a “democratizar”<sup>22</sup> a gestão e aproximá-la de temas ditos populares. Em áreas fundamentais para o problema dessa pesquisa, por exemplo, foram nomeados: o militante do movimento negro Zezito Araújo, professor da UFAL e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), para a recém-criada *Secretaria Especializada de Defesa e Proteção das Minorias*; A educadora Maria José Viana, carregando um histórico de militância pela educação popular nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e em movimentos pastorais para a *Secretaria do Estado da Educação*; O jornalista Edberto Ticianeli, historicamente ligado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e que nos anos 70 teria sido uma liderança estudantil no Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFAL na *Secretaria de Cultura*.

A partir de tais aproximações, o governo do estado adotará uma série de medidas em torno das ideias de negritude e de culturas populares, passando a mobilizar o símbolo de Zumbi dos Palmares como representação de Alagoas<sup>23</sup> e conduzir políticas culturais voltadas aos folguedos alagoanos<sup>24</sup>. Concomitante ao desenvolvimento desses processos locais de uma incipiente valorização dos universos negro e popular, a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da república (2003), leva ao Ministério da Cultura (MinC), o músico Gilberto Gil, transformando o paradigma de orientação das políticas culturais a partir da ideia de valorização e disseminação da diversidade cultural brasileira (ALVES, 2010). No mesmo período, na prefeitura de Maceió, a Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC) passa a ser gerida pelo pesquisador do folclore alagoano, Marcial Lima, que em trabalho anterior na *Gerência de Ação Cultural da Secretaria de*

---

ativos dos bastidores da vida política dos anos 80 e que se incorporariam aos governos progressistas de Kátia Born e Ronaldo Lessa.

<sup>22</sup> Por democratizar, aqui me refiro à ideia de compor uma gestão mais aberta ao diálogo com as organizações da sociedade civil. Nesse período, por exemplo, são realizados Fóruns sobre educação, saúde e cultura, que buscam uma maior participação civil na elaboração das políticas públicas.

<sup>23</sup> Neste período, por exemplo, os nomes do aeroporto do estado e do palácio do governo passam a adotar o nome do líder quilombola.

<sup>24</sup> Na Secretaria de Cultura, sob a gestão de Edberto Ticianeli, é desenvolvido o projeto dos pontos de cultura do Estado. Estando boa parte destes, ligados aos folguedos populares.

*Educação* – junto de Maria José Viana - já articulava o desenvolvimento de ações públicas de cultura à ideia das culturas populares (LIMA 2015, MAGALHÃES, 2017).

A reorientação da postura da FMAC, funcionará como uma espécie de suporte para que uma série de atividades voltadas para “grupos populares” sejam desenvolvidas nos anos seguintes. Uma personagem teve um papel decisivo na condução desse processo junto ao presidente da fundação: o historiador Clébio Araújo, que tendo sido convidado por Marcial<sup>25</sup> para compor sua equipe, se transformou em um dos principais articuladores das atividades envolvidas.

Terminei o mestrado e fui convidado por Marcial [Lima] a entrar na fundação em 2004, como secretário de gabinete e uns seis meses depois ele me coloca como adjunto lá da fundação. Como a segunda pessoa dele. Eu começo a fazer todo esse trabalho de valorização da cultura popular. Que era o carro chefe da gente. [...] A gente tinha essa fixação pela questão da cultura popular. Que precisava quebrar essa visão elitista de cultura e de cultura da e para a classe média. A gente precisava pensar a periferia, a cultura popular... A questão da identidade era uma categoria central pra nós. Eu vinha da academia né, tava saindo do mestrado com uma base teórica muito boa, porque vinha influenciado pelos estudos culturais, por essa discussão das identidades a partir de Stuart Hall, vinha com esses caras todos na cabeça. O Marcial não tinha conhecimento teórico dessas discussões, mas tinha muita sensibilidade para isso.<sup>26</sup>

Embora o convite à Clébio se dê em função de seus interesses acadêmicos, sua importância neste processo, não se dá unicamente em função de seu trabalho como acadêmico, interessado em discutir cultura popular. Clébio entra na fundação, após acumular anos de experiência com planejamento e gestão de recursos nos períodos em que trabalhou como bancário e como consultor da ONG São Bartolomeu. Estas habilidades garantiram, por exemplo, a participação dos grupos de cultura popular nas grandes festas da cidade como Carnaval e São João.

Esses serão três pontos fundamentais para o desenvolvimento de um terreno favorável à valorização de grupos marginalizados em festas públicas de Alagoas. A) O discurso sobre diminuição das desigualdades, que traz consigo o debate sobre o negro em Alagoas; B) A transformação de paradigma no MinC, que passa a pautar políticas culturais a partir da valorização da diversidade cultural, alavancando a ideia de *identidade cultural*; C) O trabalho desenvolvido pela FMAC, para aproximar a fundação dos produtores de cultura popular.

---

<sup>25</sup> Marcial conheceu Clébio a partir do trabalho que desenvolvia junto à secretaria estadual de educação nas escolas de “bairros populares”. No período, Clébio desenvolvia, a partir do trabalho na ONG São Bartolomeu, uma parceria com os alunos de uma escola do Jacintinho, que apresentavam uma peça de teatro chamada “Jacintinho, aqui nem se nasce nem se morre”.

<sup>26</sup> Entrevista concedida por Clébio Correia para esta pesquisa em outubro de 2018.

Esse conjunto de acontecimentos, constrói as condições favoráveis para o desenvolvimento de projetos, que pouco a pouco vão aproximando o debate sobre o negro em Alagoas, da ideia de *identidade cultural alagoana*, a partir do desenvolvimento de políticas culturais anteriormente voltadas às belas artes. Nessa direção, uma série de ações desenvolvidas entre os anos de 2004 e 2008, serão fundamentais para a condução da valoração dos grupos marginalizados aos espaços de celebração pública. Durante o ano de 2004, por exemplo, sob recomendação do MinC, foram realizadas no país as primeiras conferências estaduais e municipais de cultura, que direcionariam representantes de cada região para uma conferência nacional em Brasília.

Em Maceió, sob a coordenação do secretário adjunto Clébio Araújo e do secretário Marcial Lima, a conferência buscou dentro da nova perspectiva de políticas culturais, traçar um panorama das atividades e grupos culturais que desenvolviam atividades na cidade. Assim, foram desenvolvidas conferências para cada uma das oito regiões administrativas do município e um encontro final reunindo representantes de cada região, onde seriam definidos os grupos que representariam Maceió na Conferência Nacional.

Para Clébio, as conferências foram um ponto de partida não só para a compreensão das necessidades dos grupos, como o principal espaço formador de redes de parcerias entre os agentes culturais e a fundação. Nos anos que se seguiram, ocorreram diversas atividades em parceria, das quais são frutos projetos que trazem para as festas públicas narrativas de valorização de grupos marginalizados, que vão construindo a predominância dos “grupos afros”<sup>27</sup>. Nesse período são realizados, por exemplo: o primeiro Xangô Rezado Alto (2006); o Bloco Tia Marcelina<sup>28</sup>(2007); o Polo Afro no Carnaval (2007); o projeto Gira da Tradição (2008) e por duas vezes a Semana da presença negra em Alagoas (2008)

As duas primeiras, frutos do encontro entre o sociólogo e agitador cultural Edson Bezerra e Clébio, que em 2006 além do cargo na FMAC já era professor na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). A parceria entre os dois professores de

---

<sup>27</sup> Por *grupos afros* entenda-se a categoria nativa utilizada tanto por setores do movimento negro, dos movimentos culturais e por agentes públicos.

<sup>28</sup> Tia Marcelina virou um símbolo a partir de homenagens de intelectuais como Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida, como a principal figura de resistência aos acontecimentos do Quebra dos terreiros de 1912. Embora a existência da lalorixá esteja cercada de controvérsias, conta-se que tenha sido assassinada em seu peji enquanto desafiava o seu algoz e reafirmava sua fé.

tal instituição, proporcionou não somente a realização de tais projetos, como transformou a UNEAL em um polo de produção discursiva do debate sobre o universo popular e afro no estado. Edson que já discutia uma *alagoanidade negra*<sup>29</sup>, buscava referendar através de celebrações públicas, trajetórias de personagens marginalizados da historiografia alagoana, de modo que informa Clébio:

“Planejamos fazer um cortejo da praça da mãe preta, lá no fundo do SESC Poço... Pegando a Buarque de Macedo, ali no trilho do trem e terminando na praça Sinimbu, onde dizem que ficava o terreiro de Tia Marcelina. Isso foi o primeiro Xangô Rezado Alto. Com o apoio da Fundação. E o Edson [Bezerra]era o cara, idealizador, mas na prática quem fez a produção fui eu. Meti a cara e organizei a coisa. Então a gente tomou a frente e eu saí no cortejo... Eu saí na frente puxando o cortejo, eu nem era de terreiro nessa época, nem nada. E a gente organizou o cortejo lá na praça, inclusive com boi e essa coisa toda... Porque a gente conseguiu juntar boi, escola de samba, esse povo todo... Nessa coisa da discussão dos noventa e seis anos do quebra. Porque até então era como se isso fosse uma coisa só de macumbeiro. [...] E a gente foi até a praça Sinimbu e quando chegou lá na praça, a gente tinha montado uma estrutura pequena, que a fundação não tinha quase nada de dinheiro. [...] Mas a gente conseguiu colocar um palcozinho na Sinimbu com um som mínimo e os grupos se apresentavam lá. Foi o primeiro Xangô rezado alto. Pela prefeitura foi o primeiro e último. Porque depois que eu saí não teve mais. Quando eu chego na UNEAL é que a gente retoma de novo a ideia do Xangô rezado alto e faz pela UNEAL o Xangô rezado alto”.

### 1.1.2 A celebração dos marginalizados em festas públicas hoje

Uma das principais atividades ligadas aos grupos de religiosidade de matriz africana que passaram a compor o calendário de festejos públicos da cidade de Maceió, são as comemorações do dia de Yemanjá no mês de dezembro. Muito embora as homenagens à deusa das águas por parte de religiosos venham de longa data em Alagoas, sua formatação como uma festa unificada data do ano de 2008 a partir de uma parceria entre a *Liga dos Grupos Afro-alagoanos* com a *FMAC*. A festividade reúne na praia de Pajuçara, em Maceió – um dos maiores cartões postais da cidade – religiosos de casas de culto de todo o estado, que passam o dia reunidos em pequenos grupos espalhados em pontos diversos da orla, prestando homenagens ao som dos atabaques e cânticos. No final da tarde, os religiosos que ocupam em um

---

<sup>29</sup> A percepção de uma Alagoas negra e periférica mobiliza o sociólogo Edson Bezerra a escrever um manifesto cultural intitulado *Manifesto Sururu*. Onde ele desenvolve um imaginário estético a partir de homologias com as culturas pesqueiras e marisqueiras desenvolvidas nas margens do complexo de lagoas Mundaú e Manguaba, como bandeira política para os povos marginalizados de Alagoas reconstruírem sua história. Ver (BEZERRA, 2004).

grande círculo a Praça Multieventos no calçadão da praia de Pajuçara, descem até a praia para realizar os últimos ritos até que as oferendas sejam levadas ao mar.

### Imagem 2: Festa das águas de 2018



Fonte: Fotografia do autor.

Se em 1986, por exemplo, as comemorações do dia de Yemanjá são relatadas pelo jornal *Tribuna de Alagoas* como parte das comemorações do dia de Nossa Senhora da Conceição, sem mencionar a divindade das religiões de matriz africana sincretizada com a santa católica, em 2017<sup>30</sup> a festa é reconhecida como um espetáculo de demonstração da contribuição da religiosidade de matriz africana para a formação cultural de Alagoas. Contando para além dos festejos religiosos, com a apresentação de manifestações culturais ligadas às casas de culto de matriz africana do estado, como afoxés e maracatus. Ainda nessa direção, vale a pena chamar atenção para o fato de que até 2006, quando é criado o Afoxé Odoyá, as atrações culturais não faziam parte do universo dos terreiros. Quando indagado sobre os afoxés e grupos culturais nos terreiros de Alagoas, Clébio me responde:

“Não tinha não. Tinha não. Nem de longe. Eu acho que acontece a partir dessa movimentação que vai havendo da casa de Yemanjá como ponto de cultura. Que os outros terreiros começam a atentar para o trabalho que a casa de Yemanjá vinha fazendo. Porque a casa de Yemanjá começa a se destacar, como ponto de cultura. Começa a ocupar espaços nas festas públicas como o carnaval. Começa a fazer apresentações... A conseguir

<sup>30</sup> Quando inclusive fez parte da agenda de comemorações do bicentenário.

angariar recursos, inclusive. Aí os outros terreiros começam a despertar. Mas em 2007...”

Desde 2017, a festa das águas tem incorporado apresentações de afoxés, maracatus e bandas de samba-reggae à festa. Em 2017, por exemplo, o coletivo AfroCaeté, além de se apresentar como atração cultural da festa, realizou um cortejo religioso.

### **Imagens 3 e 4: Coletivo AfroCaeté em cortejo na festa das águas de 2018**



Fonte: Fotografia do autor.



Fonte: Fotografia do autor.

O atual coordenador de políticas culturais da fundação, Amaurício de Jesus representa bem a importância da convergência entre agentes culturais e agentes públicos no desenvolvimento do processo de valorização dos grupos marginalizados nas festas públicas. Segundo informações de Clébio Araújo, Amaurício foi uma das

personagens que estavam pautando debates do movimento negro e das comunidades de terreiro na aproximação com a FMAC durante a década de 2000. Vinculado à Casa de Yemanjá, coordenada por Pai Célio de Yemanjá, ajudou a redigir o projeto que a torna o primeiro ponto de cultura em um terreiro de candomblé do Brasil. Tendo participado de outras atividades desenvolvidas ou estimuladas pela FMAC durante este período e que contribuíram com a inserção da valorização de grupos marginalizados nas festas públicas, como por exemplo o projeto Gira da Tradição, no qual participaram jovens membros de terreiros antigos da capital.

### Imagem 5: Reportagem sobre a festa de Yemanjá em 1986



Fonte: Jornal Tribuna de Alagoas, dezembro de 1986

## Imagem 6: Divulgação da Festa das Águas em 2017

**Festa das Águas acontece nesta quinta e celebra Iemanjá**

A Festa das Águas, que acontece nesta quinta-feira (08), na Praça Multieventos, na orla da Pajuçara, em Maceió, vai reunir 30 grupos culturais para apresentações ao público. O evento, comemorativo ao Dia de Iemanjá, orixá cultuado entre os povos de matriz africana, tem início a partir das 8h da manhã. A última atração está programada para subir ao palco às 22 horas, segundo programação definida pela comunidade cultural ligada ao movimento afro-alagoano. A ação conta com apoio da Prefeitura, por meio da Fundação Municipal de Ação Cultural (Fmac).



Grupos se apresentam na Festa das Águas. Fotos: Marco Antônio/ Secom Maceió

De acordo com o diretor de produção da Fmac, Keyler Simões, os grupos de cultura afro se apresentarão na Multieventos dentro da programação definida pelos coordenadores do evento, enquanto os grupos de cultura popular farão exibições simultâneas em tablados espalhados pela área próxima ao local do evento.

Fonte: Portal de notícias da Prefeitura de Maceió

Com um desenvolvimento semelhante, a partir de colaborações entre agentes culturais e agentes estatais, um outro festejo vem se destacando no calendário público de festividades. Sendo talvez o propulsor de uma das narrativas de maior repercussão no que diz respeito à valorização de grupos marginalizados na formação social alagoana, o Xangô Rezado Alto.

## Imagens 7 e 8: Xangô Rezado Alto em 2019



Fonte: Fotografia do autor.



Fonte: Fotografia do autor.

Embora o Xangô Rezado Alto tenha acontecido pela primeira vez no ano de 2006 a partir do projeto idealizado por Edson Bezerra, impulsionado pela parceria na FMAC através de Clébio, sua retomada a partir do centenário do Quebra de Xangô em 2012 lhe confere uma nova configuração. Neste ano, os debates sobre o negro em Alagoas, já estavam sob a percepção de *identidade cultural* e o Quebra de Xangô já se tornara, como bandeira de luta contra a intolerância, uma das principais narrativas alternativas à historiografia hegemônica no estado. Edson buscou retomar

o projeto a partir de uma nova parceria com Clébio, que a essa altura já ocupava a posição de vice-reitor da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). O projeto foi concebido de forma mais ampla, em uma parceria entre UNEAL, Governo do Estado e MinC:

“Quando eu assumo vice-reitoria. Aí tinham condições institucionais de fazer o Xangô rezado alto. Aí o Edson nos procura e a gente faz o segundo e terceiro Xangô rezado alto. Foram dois na verdade, né? Agora isso um projeto mais vultoso. A gente consegue recursos do Fundo Nacional de Cultura... A Marta Suplicy era ministra da cultura na época. Libera dinheiro... Eu lembro que o primeiro a gente conseguiu R\$300.000 e não era só o cortejo. Foi o mês inteiro de atividades. Então a gente fez o primeiro encontro de juventude de terreiro. A gente fez o primeiro encontro sobre identidade e cultura, eu acho e religiões de terreiro em Alagoas, aqui em Arapiraca [...] aí esse foi um projeto maior, pela UNEAL. Que a gente conseguiu capitar esses recursos. Aí fez esse primeiro encontro pra discutir religiosidade afro e cultura, com várias mesas e especialistas do Brasil inteiro que vieram pra cá. Finalizou com aquele ato lá na praça. Com o cortejo e o ato lá da praça, onde teve o pedido [público]de perdão [lido pelo governador Teotônio Vilela Filho]”.

O projeto, seguiu acontecendo até os dias de hoje com novas configurações de parcerias institucionais, mas se destacando no calendário de festividades públicas como um dia de combate à intolerância e de celebração das lutas de grupos marginalizados em Alagoas.

### **1.1.3 A organização do bicentenário**

As comemorações do bicentenário de emancipação política de Alagoas, foram planejadas pelo governo do Estado, segundo o governador Renan Filho, como uma “tentativa de aproximação do cidadão alagoano com a história do povo alagoano, na busca de desenvolver uma autoestima e um pertencimento ao lugar”. A mesma perspectiva, de que o “desenvolvimento” de uma nação ou de uma unidade federativa, caminha lado a lado com o orgulho que o seu povo tem de si, também aparece nos anais do bicentenário:

“O sentimento de pertencimento está na base do processo de desenvolvimento de qualquer nação ou estado. O contexto cultural envolve valores, princípios, o conjunto das relações sociais, econômicas e institucionais, bem como o conhecimento do processo histórico através do qual as identidades são forjadas. Desta forma, a oportunidade de valorizar o evento do bicentenário da emancipação política de Alagoas, adotando um olhar voltado para o passado e outro para o presente e o futuro, pode contribuir sobremaneira para a melhora da autoestima do cidadão alagoano. Esta potencialidade, que foi trabalhada quando do

desenvolvimento dos marcos comemorativos, com destaque para a geração de elementos de contexto, em especial o Portal Alagoas 200 e o Almanaque 200 Anos, assim como a realização de diversos eventos e seminários sobre Alagoanos Ilustres e sobre a Alagoanidade” (ANAIS DO BICENTENÁRIO, 2019. pp 14.)

Esta, aliás, parece ter sido uma questão decisiva para a forma como a agenda de comemorações foi construída. O acontecimento da emancipação, poderia ser motivo de comemoração pontual – como o foi quando da comemoração de seu sesquicentenário organizado pelo APA - mas desencadeou a construção de um calendário de atividades que atravessariam todo o ano de 2017. O desejo de contribuir com a “forja das identidades”, além do mais, aparece no sentido pedagógico dado aos marcos comemorativos. Foram 72 ações realizadas, dentre as quais alunos das redes pública e privada participaram ativamente. Tendo como premissa a leitura do passado como uma espécie de bússola para os que vivem o momento presente, como ressalta o governador Renan Filho em seu discurso na abertura do *Fórum Estadual do Bicentenário*:

“Ao contrário do que se costuma pensar, a História não tem começo e nem fim lá atrás, no passado. Ela também começa hoje e continua amanhã. O que estamos começando a discutir, pensar e organizar, a partir de agora e durante o próximo ano e meio, é trazer a História de Alagoas para mais perto do homem comum do povo, do pai de família, da mulher trabalhadora, das nossas crianças e jovens, e também dos mais antigos [...] **Queremos e vamos dar à História de Alagoas a sua verdadeira importância e dimensão como algo vivo, humano, útil, a melhor ferramenta para o nosso povo se conhecer, descobrir suas origens, chorar suas desgraças, celebrar suas vitórias e avanços.** A maior utilidade da História, já disse alguém, é ser o espelho da vida: a experiência nos instrui, o exemplo corrige [...] Pretendemos que a História de Alagoas seja entendida, compreendida e utilizada para tornar melhor a vida neste pedaço belo e generoso do Brasil. **É assim que a comemoração dos 200 anos de emancipação poderá cumprir o papel importante que lhe cabe, para além do marco histórico, da festa e da efeméride**” (ANAIS DO BICENTENÁRIO, 2019. pp 76-77 grifos meus).

A proposta de criar uma agenda de comemorações, exigiria uma ampla mobilização de recursos e pessoas para planejamento e execução. Ainda em 2016, no mês de maio, foi instalada a *Comissão Mista Especial do Bicentenário*<sup>31</sup>. Uma espécie de comitê, composto por representantes do Estado e de instituições culturais, que teria como função principal, realizar estudos e a partir destes propor ao governo do estado as atividades a serem realizadas durante as festividades de 2017. O estabelecimento dessa comissão e a sua composição, reforça a importância da

---

<sup>31</sup> Comissão instaurada pelo decreto nº 43.793, de 15 de setembro de 2015.

relação entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos no desenvolvimento deste tipo de atividades. Fizeram parte desta comissão, representantes das entidades: Secretaria do gabinete civil; Secretaria de comunicação (SECOM); Secretaria de cultura (SECULT); Secretaria de Educação (SEDUC); Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) e Academia Alagoana de Letras (AAL).

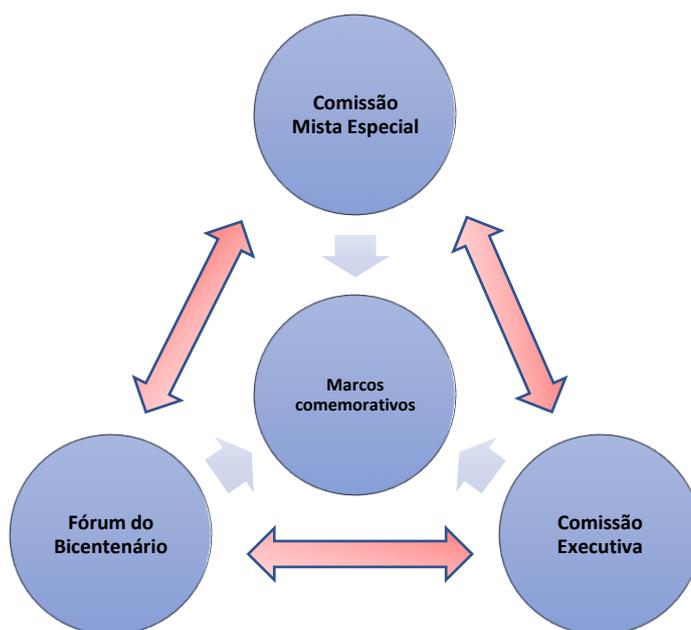
**Tabela 1: Participantes da comissão Mista Especial do Bicentenário**

<b>Nome</b>	<b>Vínculo institucional</b>	<b>Posições políticas e intelectuais</b>
Fábio Luiz Araujo Lopes de Farias	Secretário Chefe do Gabinete Civil	-----
Ênio Lins de Oliveira	Secretário de Estado da Comunicação	Membro do IHGAL; Ex secretário de cultura (1994-1996); filiado ao PCdoB
José Luciano Barbosa da Silva	Secretário de Estado da Educação	Filiado ao MDB
Mellina Torres Freitas	Secretária de Estado da Cultura	Ex prefeita de piranhas; filiada ao MDB
Oswaldo Batista Acioly Maciel	Universidade Federal de Alagoas – UFAL	Diretor da Editora da UFAL; filiado ao PCB
Alberto Rostand Lanverly	Academia Alagoana de Letras – AAL	Professor da UFAL; Presidente da AAL; membro do IHGAL
Jayme Lustosa de Altavila	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL	Ex secretário de cultura; membro da AAL; Presidente do IHGAL; Correspondente do IHGB.
José Jairo Campos	Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL	Reitor da UNEAL; filiado ao PCdoB

Fonte: Anais do bicentenário. Elaboração do autor.

Junto desta comissão, atuaram de forma estruturante na construção e coordenação das ações do bicentenário, outras duas instâncias: a) *Comissão executiva do bicentenário*, composta por três bolsistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) e pela superintendente do APA Wilma Maria Nobrega Lima ; b) *Fórum Estadual do Bicentenário de Emancipação Política de Alagoas*, que chegou a reunir além dos membros das comissões, 162 participantes de diversos seguimentos culturais do Estado<sup>32</sup>. A primeira, encarregada de auxiliar propriamente na logística das atividades e a segunda, funcionando como espaço mais amplo de representação dos cidadãos na proposição das atividades a serem desenvolvidas.

**Gráfico 1: Organograma das instancias de construção dos Marcos Comemorativos do Bicentenário**



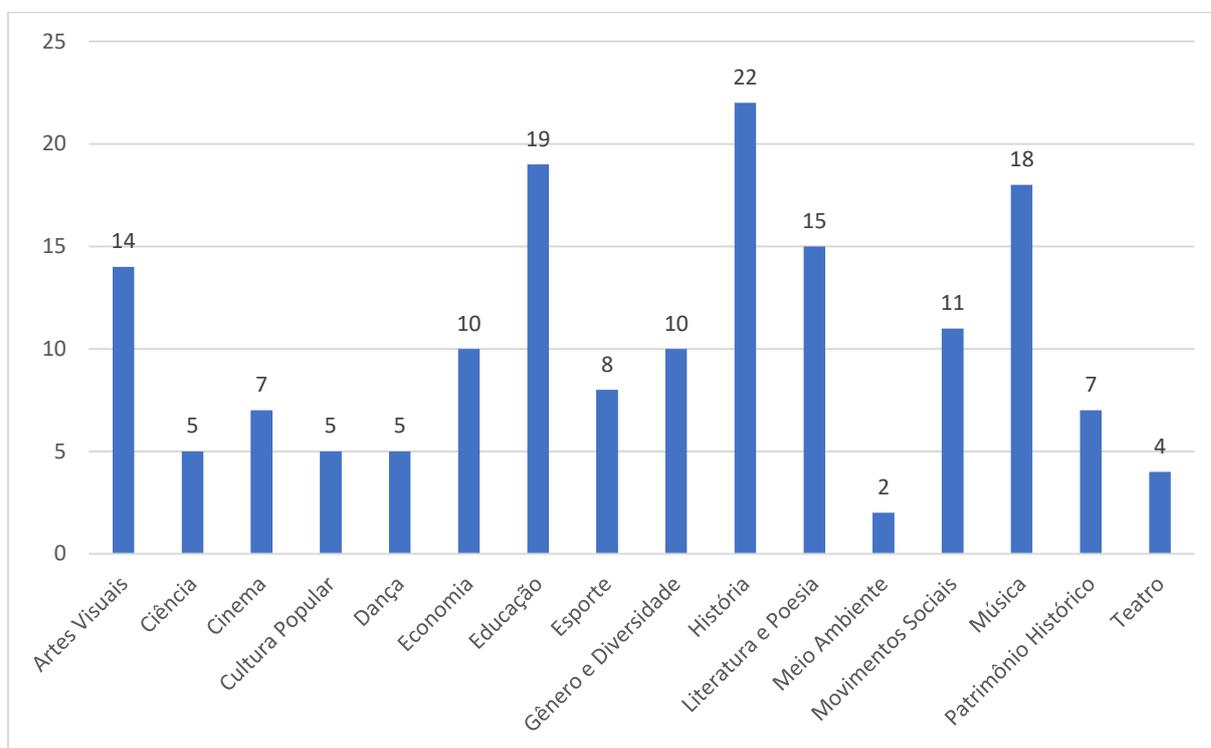
Fonte: Anais do bicentenário. Organização do autor.

No *Fórum do Bicentenário*, as discussões foram divididas em dezesseis eixos temáticos, segundo os anais produzidos pela comissão executiva, com o intuito de propiciar uma participação mais ampla dos componentes no maior número de eixos possíveis. Foram eles: Artes Visuais, Música, Ciência, Esporte, Economia, Movimentos Sociais, Meio Ambiente, Literatura e Poesia, Cultura Popular, Dança, Teatro, Cinema, Gênero e Diversidade, História, Patrimônio Histórico e Gastronomia.

<sup>32</sup> Dados obtidos a partir dos Anais do Bicentenário.

A partir dos debates sobre tais eixos, foram instituídos marcos comemorativos do bicentenário, a serem executados durante todo o ano de 2017.

**Gráfico 2: Distribuição de representantes no Fórum por eixo temático**



Fonte: Anais do Bicentenário. Organização do autor.

Embora os eixos temáticos apresentados no *Fórum do Bicentenário* sejam bastante amplos, os marcos comemorativos que derivaram de tais discussões, comportaram majoritariamente realizações no âmbito da cultura (estando aí associadas diversas modalidades de produção) e da história. Tendo participado de diversos eventos e acompanhado as comemorações através de noticiários e do já mencionado *Portal Alagoas 200*, me parece claro o protagonismo destinado a estes dois eixos nas atividades realizadas.

Em torno das ideias de cultura e história, foram desenvolvidos, por exemplo, os seminários e palestras sobre “alagoanos ilustres”, e sobre a *cultura alagoana*, divulgados pela organização como atividades imprescindíveis do bicentenário. Estando temas como Movimentos Sociais e Gênero e Diversidade<sup>33</sup>, quando não diluídos entre estes dois eixos, muito mais associados a datas específicas, ou mesmo

<sup>33</sup> Fizeram parte deste eixo por exemplo, representantes de casas de culto de matriz africana.

atividades de outras agendas, que durante 2017 estiveram associadas às comemorações do bicentenário, como é o caso de campanhas como outubro rosa. O fato desses dois eixos terem um lugar de destaque nas festividades, contribui, em certa medida, para que discussões sobre grupos marginalizados sejam difundidas na agenda do bicentenário. Isto pois, como demonstrei anteriormente este é um debate com um grau relativamente elevado de penetração nas instâncias de produção cultural em Alagoas. Sendo alguns grupos culturais com representação no *fórum*, já há um certo tempo, uma espécie de suporte de discussões sobre outras narrativas de representação para Alagoas.

#### **1.1.4 Os Marcos Comemorativos do Bicentenário:**

Definidos os marcos comemorativos do bicentenário, a partir das pesquisas empreendidas pela *Comissão Executiva* durante o ano de 2016, as comemorações se iniciaram na virada do ano com a realização do *Réveillon dos 200 anos*. A atividade, demarcou o início de um ano, em que até mesmo as celebrações de festas populares do calendário nacional – tais como o Carnaval e o São João - giraram em torno de um destaque às “especificidades alagoanas” destas ocasiões. Nesta direção, o *Réveillon dos 200 anos*, aglutinou segundo informações da secretaria de cultura, cerca de cinco mil pessoas na orla de Jatiúca, onde se apresentaram pouco mais de uma dezena de artistas locais cantando músicas de compositores e músicos alagoanos.

Seguindo a mesma linha, os festejos do Carnaval e do São João, foram desenvolvidos na direção de rememorar personagens alagoanos envolvidos com tais festas, bem como particularidades locais das datas. Alagoas não conta com o status de “polo tradicional” na realização de tais eventos, como os estados vizinhos de Bahia; Pernambuco; Paraíba, cujos festejos carnavalescos entre os dois primeiros e os juninos entre os dois últimos, se tornaram para além de parte de um circuito turístico de entretenimento, expressões representativas da “cultura local”. Do mesmo modo que o estado da Bahia, rivaliza com Pernambuco uma hegemonia como destino carnavalesco do Nordeste, o estado da Paraíba rivaliza com Pernambuco a atração de visitantes aos polos de forró durante os festejos juninos. Diante de tal situação, durante os festejos do bicentenário, foram organizadas atividades que celebram a

construção de um modelo de festas anterior ao processo de mercantilização dos circuitos populares de lazer e entretenimento.

Antes mesmo da realização das prévias carnavalescas e dos desfiles que marcam o “festejo de momo” em Alagoas, o APA realizou o primeiro *Chá de Memória* da agenda do Bicentenário. Durante o dia 14 de fevereiro, no próprio arquivo, o antropólogo Bruno César Cavalcanti, a museóloga e folclorista Carmem Lúcia Dantas e o jornalista e presidente da Liga Carnavalesca Edberto Ticianeli, foram responsáveis por conduzir a palestra intitulada “*O carnaval e a cultura popular alagoana*”, onde rememoraram aspectos dos antigos carnavais de rua do estado regados à frevo e samba e personagens como os passistas Moleque Namorador e Gonguila.

Bruno, ao lado da também antropóloga Rachel Rocha, empreenderam uma agenda de pesquisas nos anos 2000 em torno de Maceió a partir da fundação do Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC), dentre as quais a pesquisa de Bruno sobre o carnaval alagoano. Foram também responsáveis, na mesma década, pelo resgate editorial de uma série de obras sobre as culturas populares e negras de Alagoas, a partir da organização de novas edições de autores como Abelardo Duarte, Arthur Ramos e Félix Lima Júnior<sup>34</sup>.

Cármem Lúcia Dantas, foi responsável pela reabertura do Museu Théo Brandão de Cultura Popular e Folclore em 1978, estando a frente da instituição durante o período de oito anos. Deu aulas de história da arte na UFAL e ao lado de Douglas Apratto Tenório publicou obras sobre memória e patrimônio de Alagoas. A museóloga, para além da relação de pesquisa sobre as festas populares do estado, fundou em 1983 o Bloco Carnavalesco Filhinhos da Mamãe, ligado ao Museu Théo Brandão, com a proposta de resgate do carnaval de rua, que vivia seu declínio após a propagação da imagem de Maceió como a “capital do sossego” no carnaval, por parte do crescente setor hoteleiro.

As prévias carnavalescas do 17<sup>o</sup> *Jaraguá Folia* reuniram blocos de rua e maracatus a desfilar uma semana antes do carnaval propriamente dito, nas ruas de Jaraguá – bairro portuário da cidade de Maceió – realizando o desejo de “rememorar o carnaval de rua” e os festejos populares do período. O projeto coordenado por

---

<sup>34</sup> Os três autores tendo se dedicado como cronistas e folcloristas, contribuíram com estudos de costumes e tradições das populações negras de Alagoas.

Edberto Ticianeli surgiu no declínio do *MaceióFest*<sup>35</sup>, como uma alternativa ao fracasso da tentativa de revitalização da vida noturna do bairro de Jaraguá, sobre o que comenta em reportagem ao jornal *Tribuna Hoje*:

“Quando a coisa começou a cair, eu fui procurado pela associação de bares e restaurantes de Jaraguá e disse: ‘olha, o que eu tenho experiência e posso lhe ajudar a fazer é uma prévia carnavalesca, uma atividade de Carnaval’ [...] 18 anos e se consolidou. Mas o Jaraguá morreu à noite, a boemia de Jaraguá. Ainda se mantém alguma atividade lá, mas é muito pouco. E o evento que era para sustentar [a vida noturna em Jaraguá] ficou. Uma das contradições dessa história é essa. Ele se fortaleceu”

(Jornal Tribuna Hoje, 23 de janeiro de 2018.)

As escolas de samba desfilaram na praia de ponta verde – área mais nobre da cidade – com enredos que homenagearam os duzentos anos da emancipação política do estado. Os festejos foram distribuídos também em polos por “bairros populares” de Maceió, com “tradição” na realização de carnaval, como: Ponta Grossa, Fernão Velho e Ponta da Terra, bem como por cidades do interior, tais como Penedo, Marechal Deodoro e Paripueira.

O carnaval tem sido aliás, para diversos grupos de intelectuais e agentes culturais, uma arena das batalhas de enunciação dos marginalizados no estado. Seja como expressão da cultura popular, como reivindicam Ticianeli ou Carmem Lúcia; seja destacando elementos de uma cultura negra urbana, como o querem Zezito Araújo ou Bruno Cavalcanti. Dos percursos de diálogos entre agentes públicos e intelectuais, a festa tem ganho espaços em que tais perspectivas ganham destaque. Sobre o que me fala Bruno:

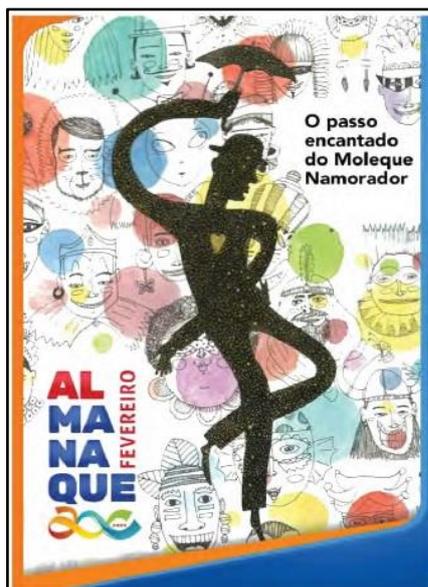
Eu me lembro que nessa época de Clébio e Marcial, eu me lembro de uma conversa que eu tive com Marcial. Tive várias conversas com Marcial. As vezes ele ia na minha casa, me pedia opinião, depois escrevia um artigo, coisas assim... Então uma vez eu disse pra ele que achava... Ele experimentando formas para o São João em Jaraguá, o Carnaval no Vergel, me perguntando o que é que eu achava, né? Sempre teve essa abertura assim... Eu dizia: ‘Marcial, eu não sei. Eu sou um cara da academia, não sou um cara da prática, mas do pouco que eu pude aprender, eu acho uma coisa, que talvez já fosse o tempo de a gente inventar uma marca local para o carnaval’. Aí comecei a dizer pra ele que achava, inclusive sugeri esse nome para ele. Eu disse: ‘Por que você não

---

<sup>35</sup> Carnaval fora de época que reuniu multidões em Maceió entre os anos de 1993 e 2003 entre as orlas de Pajuçara e Ponta Verde em torno de um circuito de trios elétricos com atrações renomadas de Axé music, como Chiclete com Banana, Banda Eva e Araketu. Em 2004, após pressão dos moradores da região em que acontecia, o evento foi deslocado para o bairro de Jaraguá e passou a contar com um menor público. No ano seguinte, o evento se transformou em MaceióFest Indoor, mudando seu formato para uma arena de shows fechados, que reduziu ainda mais seu público. Este foi o último ano de realização do evento.

faz o carnaval do passe quebrado? Todo ano vai ser o carnaval do passo quebrado'. Ele: 'Mas o que é isso?' E eu: 'Se a gente disser, vira'. Eu disse: 'Olha, pra começo de assunto, a gente tem a chancela do Théo Brandão'. Eu disse: 'Olha, eu li isso no Théo Brandão'. Primeiro eu li no Major Bonifácio. 1934, no carnaval de 1934, eu me lembro que ele inventou uma glosa para um concurso de versos do jornal que era assim, *Segura o passo quebrado no compasso de amargar*, para o cara criar versos com essa rima, né? Do passo quebrado. Eu disse: 'Olha, o verbo quebrar é uma coisa que nos explica muito. Do quebra de 12, mas quebrar na linguagem popular significa frevar, fazer o passo. Quando as pessoas se referiam ao moleque namorador, nas fitas antigas que eu escutei de pais de santo, as pessoas diziam essa expressão. *Quando ele saía pra quebrar, ninguém quebrava como ele*. Sair para quebrar era sair para fazer o passo. E o Théo Brandão inventou essa história de que o passo nosso era original em relação ao passo de Pernambuco, porque aqui o passo era mais quebrado. Alagoas é o único lugar, que existe uma variação do coco, que chama coco quebrado. Então eu disse: vamos quebrar essa porra desse passo logo. E aí, a gente vai acabar achando que faz o passo quebrado mesmo e pronto. É marketing. É uma marca local, né? Mas acabou que ele não levou isso pra frente. Porque eu achava que era preciso criar uma identidade, né? Inventando uma nuance, uma particularidade...

### Imagem 9: Capa do Almanaque 200 anos do mês de fevereiro



Fonte: Anais do Bicentenário.

Os festejos de São João, tradicionais no Nordeste brasileiro, também seguiram a mesma perspectiva de celebração de trajetórias de personalidades alagoanas envolvidas com o festejo. De modo que, para além da habitual conotação que a data tem no estado, foram celebradas personalidades do forró alagoano, que anteriormente não compunham o repertório de “alagoanos ilustres”. O bairro de Jaraguá volta a ser o palco das comemorações que entre os dias 23 e 29 de junho se dividiram em dois polos: um de música, onde segundo a secretaria de cultura, se apresentaram 17 bandas alagoanas e 36 ‘trios autênticos’ de forró; no outro polo aconteceu o *I Festival*

de *Coco de Roda de Alagoas*, onde se apresentaram 20 grupos. Embora as quadrilhas juninas também tenham sido apoiadas por meio do Edital de Chamamento Público de São João, parece haver em torno do coco de roda um investimento celebrativo como parte distintiva da celebração junina alagoana. Me chamou a atenção, por exemplo, o desenvolvimento do primeiro festival estadual de coco de roda ser organizado dentro da agenda de comemorações do bicentenário, embora já houvesse concursos desta dança.

**Imagem 10: Apresentação no I Festival de Coco de Roda de Alagoas**



Fonte: Portal de notícias do Governo do Estado de Alagoas.

Ainda referente aos festejos juninos associados à agenda do bicentenário, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) em parceria com a SECULT, realizou a exposição “O forró dos 200 anos”, onde ficaram expostos ao público materiais referentes ao desenvolvimento do gênero musical em Alagoas. Visitei a exposição em dois momentos: quando estava sendo instalada no salão principal do museu e quando já estava disponível à visitação, onde pude observar fotografias, discos, partituras, anotações do processo de composição de artistas, bem como “registros raros” de gravações de músicos alagoanos. Estas gravações também estiveram disponíveis ao público no *Portal Alagoas 200*, onde podiam ser executadas. A abertura do evento, contou com a palestra do presidente da associação dos forrozeiros de Alagoas, José Lessa, que falou sobre o papel de artistas alagoanos no desenvolvimento do ritmo e sobre a importância de resgate da memória dos artistas locais. Seguindo a mesma trilha de homenagens, o *Almanaque 200 anos* do mês de junho, trouxe compilações

biográficas de músicos como Clemilda, Tororó do Rojão, Zinho e Jacinto Silva, que embora tenham gozado de prestígio em circuitos nacionais de forró, não eram reivindicados com a mesma ênfase do forró como cultura alagoana.

**Imagem 11: Capa do Almanaque 200 anos do mês de junho**



Fonte: Anais do Bicentenário

Se nos festejos do carnaval tem surgido espaços de celebração da cultura popular e da cultura negra em Alagoas e mediados por agentes culturais e intelectuais, é interessante notar que o recente movimento de celebração de artistas alagoanos de forró, é mediado somente por agentes culturais. José Lessa, que tem sido o principal nome na condução desse processo é um produtor musical que pesquisa e coleciona artigos relacionados ao forró em Alagoas, mas cuja chancela de sua posição se dá a partir do reconhecimento de seu envolvimento com o tema e não a partir de um conhecimento especializado.

Ainda que as festas públicas – sejam as de realização permanente do calendário do estado, sejam as realizadas especificamente a partir dos marcos comemorativos do bicentenário – tenham um certo destaque, uma série de atividades que estiveram direta ou indiretamente ligadas ao desenvolvimento de atividades mais lúdicas, foram protagonistas na agenda dos marcos comemorativos do bicentenário. As palestras, seminários, oficinas e exposições marcaram o rumo de condução da agenda de comemorações e fomentaram o desenvolvimento de um exercício de revisitar o passado na busca de produzir novas sociodisseias. Exercício este, presente inclusive em muitas das festas propriamente ditas, dentro das quais o revisitar estético

ou lúdico engendra condições de desenvolvimento de narrativas que deem conta de necessidades contemporâneas. Assim o fazem, por exemplo, os cortejos e blocos afros que desfilam no carnaval rememorando personagens do já mencionado “quebra de xangô” para discutir a persistência do racismo religioso na contemporaneidade. O que vemos nesses episódios é um resgate de trajetórias, reinterpretadas como histórias de resistência e alçadas como bandeira política contra as desigualdades que enfrentam comunidades contemporâneas.

Os espaços de discussões públicas do bicentenário se iniciaram com o / *Seminário Sobre Alagoanidade*, momento que durante os dias 31 de janeiro e 01 e 06 de fevereiro, foram debatidos temas ligados à própria emancipação e à formação social alagoana. A justificativa dos organizadores, seguiram ajustadas à necessidade de estimular um debate profundo sobre o estado entre setores intelectuais locais, mas que pudessem envolver a comunidade. Na execução, as atividades, por mais que tenham conseguido envolver uma parcela de estudantes das redes pública e privada de ensino, seguiram uma formatação que é percebida por uma parcela de envolvidos com os debates sobre *cultura alagoana* como excludentes, desde a concepção de seus formatos. Sobre o que aponta Bruno Cavalcanti:

“As comemorações dos duzentos anos, tanto de Maceió como de Alagoas foram profundamente decepcionantes sob esse aspecto, não é? De fazer circular esses universos [o grande público] e pô-los em diálogo. Isso não existiu. As comemorações foram muito locais, livrescas, academicistas e palacianas. Não teve nenhum apelo coletivo, ampliado e muito menos de massas. [...] Sim. Seria uma comemoração englobante, né? Totalizante. Pública. E grandemente difundida. E não foi. Foram sempre eventos fechados e elitistas no próprio conceito.”<sup>36</sup>

No primeiro dia, o historiador, vice-reitor do Centro de Ensino Superior de Maceió (CESMAC) e membro do IHGAL Douglas Apratto Tenório, ministrou uma palestra intitulada *Alagoas, a odisseia de um bicentenário*, na qual expôs a trajetória da história institucional alagoana e o processo histórico que culmina na emancipação política. Esta palestra, se enquadra no que poderíamos identificar como a historiografia mais tradicional praticada em Alagoas e bem representada pelo IHGAL. Uma historiografia sobre eventos políticos envolvendo as elites do estado. A preocupação com a difusão de uma historiografia de *celebração do poder*, nos ajuda a perceber a existência de narrativas de representação de Alagoas concorrentes

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Bruno César Cavalcanti para esta pesquisa em maio de 2019.

dentro do Bicentenário, cujos representantes compõem a arena de disputa a partir da dupla posição de intelectuais e organizadores.

Nos outros dois dias do seminário, a proposição de mesas nas quais uma perspectiva historiográfica, que ainda que emergente, ocupa menos espaço como parte do repertório oficial. Foram mesas que buscavam chamar a atenção para populações historicamente marginalizadas nas narrativas sobre a construção da sociedade alagoana e nas quais representantes de movimentos sociais estiveram encarregados da condução das palestras. Assim o foi, por exemplo, na mesa *A presença do Índio na Formação Histórica e Cultural de Alagoas*, na qual estiveram como palestrantes as lideranças indígenas Graciliana Celestino Wakanã, representante dos Xucuru-Kariri de Palmeira dos Índios e Marcos Terena, militante indígena da etnia Terena do Mato Grosso do Sul. Na ocasião foram discutidas as trajetórias das comunidades indígenas no território alagoano, bem como os desafios contemporâneos, frente a necessidade de maior integração destas com as dinâmicas sociais da população alagoana.

**Imagem 12: Secretário de Comunicação Ênio Lins abrindo o segundo dia do Seminário Sobre Alagoanidade**



Fonte: Portal de notícias Agência Alagoas.

Seguindo a mesma linha, o encerramento do seminário contou com a presença de intelectuais/militantes do movimento negro, que se dividiram em três palestras na mesa intitulada *O Negro na Formação Histórica e Social de Alagoas*. A importância alcançada pelos debates sobre o que se convencionou chamar de *Universo Afroalagoano*, fica evidente no seminário, desde a composição ao formato da mesa.

Composta por agentes que participaram dos processos de construção política e intelectual da celebração desta parcelas dos marginalizados, a mesa foi dividida em eixos temáticos que enunciam o próprio percurso sociohistórico de afirmação e valorização das expressões negras no estado. A primeira palestra ficou a cargo do professor e militante do Movimento Negro de Alagoas Zezito Araújo: *Ambundu – Bantu e Afro alagoanos construindo Alagoas*; na sequência palestrou o professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF) Júlio Tavares com a fala: *Aspectos religiosos do Memorial Quilombo dos Palmares*; tendo sido os debates finalizados pelo diretor da Fundação Pedro Calmon (BA) Zulu Araujo: *Parque Memorial Quilombo dos Palmares – O espaço de luta e resistência*.

**Tabela 2: Palestras do I Seminário Sobre Alagoanidade**

<b>1 - Alagoas, a odisseia de um bicentenário</b>	
Palestrante	Posição política e acadêmica
Douglas Apratto Tenório	Historiador, membro do IHGAL, vice-reitor do CESMAC
<b>2 - A presença do Índio na formação histórica e cultural alagoana</b>	
Palestrante	Posição política e acadêmica
Graciliana Celestino Wakanã	Liderança Xucuru-Kariri (AL)
Marcos Terena	Liderança Terena (MS)
<b>3 - O Negro na formação social e histórica de Alagoas</b>	
Palestrante	Posição política e acadêmica
Zezito Araujo	Historiador, ex coordenador no NEAB (AL), ex professor UFAL, Ex secretário de inclusão das minorias
Julio Tavares	Professor do departamento de antropologia da UFF (RJ); consultor da comissão da verdade sobre a escravidão (OAB); membro do grupo de salvaguarda da capoeira (IPHAN)

Zulu Araujo	Fundação Pedro Calmon (BA); Ex presidente da Fundação Cultural Palmares (MinC); coordenador da celebração 300 anos de Zumbi dos Palmares (1995)
-------------	---

Fonte: Anais do Bicentenário. Organização do autor.

Ao observar a programação do último dia do seminário, é importante termos em mente a integração propositiva entre os temas das palestras, para compreendermos a dimensão do evento nas narrativas do bicentenário. O fator que gostaria de destacar é a construção da própria narrativa da valorização do *universo afroalagoano*: Os debates se iniciaram a partir da argumentação de Zezito Araújo sobre a contribuição de populações negras à edificação de Alagoas e sua marginalização no processo histórico e seguiram com duas palestras relacionadas à construção do Parque Memorial Quilombo dos Palmares, chamando atenção para o percurso de proposições valorativas “do negro” em Alagoas. Neste sentido, vale lembrar que a construção do Parque está associada às lutas do Movimento Negro a nível nacional durante a década de 1980. Na mesma direção está a construção histórica de uma rede institucional da qual fizeram parte os NEABs e a própria Fundação Pedro Calmon, onde os mesmos agentes desenvolvem intermediações com o Estado.

**Imagem 13: Zezito Araújo, Ênio Lins, Zulu Araujo e Júlio Tavares no encerramento do I Seminário Sobre Alagoanidade**



Fonte: Portal de notícias do Ministério da cidadania.

Como busquei demonstrar ao longo desse capítulo, há contemporaneamente em Alagoas um debate sobre uma reorientação narrativa a respeito do símbolo *Alagoas*. Essa reorientação é um fenômeno recente e que mantém relações com o processo de expansão urbana tardia e desigual pelo qual o estado passa entre os anos 80 e 90. Expansão essa, que se por um lado reforça zonas de desprestígio moral, por outro é capaz de aproximar setores distintos em torno de lutas políticas por diminuição das desigualdades. Nessa direção, a emergência de batalhas simbólicas de valorização de setores marginalizados da população, como expressões das lutas políticas contra as desigualdades, passa a convergir setores de intelectuais, agentes culturais e agentes estatais.

A partir do desenvolvimento de redes de colaboração entre estes setores, as batalhas simbólicas de valorização dos marginalizados, passam a penetrar na esfera pública e a criar um ambiente de concorrência com o repertório hegemônico de significantes do símbolo *Alagoas*. Busquei enfatizar também, como o desenvolvimento dessa concorrência passa a penetrar as celebrações contemporâneas do bicentenário e como agentes ligados à sua mobilização ocupam espaços na organização dos festejos. No capítulo seguinte, buscarei demonstrar a divisão do trabalho intelectual na profusão de novas narrativas, bem como desenhar as linhagens intelectuais que sustentam suas posições como replicadores da matriz intelectual de preocupação com os marginalizados.

## 2. Dimensões intelectuais na reorientação narrativa

*“A definição do que seja o fazer intelectual numa determinada conjuntura constitui por si só, um dos móveis centrais que impulsionam a concorrência entre os diversos tipos de produtores em luta pela monopolização da autoridade de legislar em matéria cultural.” (MICELI, 2001. pp. 247)*

Como venho tentando demonstrar até aqui, durante todo o ano de 2017, as atividades do bicentenário, funcionaram como uma espécie de laboratório de narrativas e espaço de disputas nos quais interagiram intelectuais, agentes públicos e agentes estatais. Integrando e levando adiante agendas e atividades que existiam fragmentadas e propondo novos espaços que deveriam seguir existindo após as comemorações. Todos comprometidos com uma busca de contribuir com a “forja identitária” ou em outros termos, com o fortalecimento da disputa de imagens e narrativas sobre o que seja Alagoas. O processo de alargamento do símbolo *Alagoas*, como significante de relações entre grupos sociais, depende por sua vez de uma recuperação e transmissão de saberes difusos acerca do estado. É neste processo de recuperação que se opera a elaboração e transmissão intra e intergeracional de símbolos (MANNHEIM, 2014) que contribuem com a formação de imagens de grupo em Alagoas.

Neste processo, operam duas categorias de agentes que chamarei de *mediadores* e *intérpretes*, constituindo o que seriam tradições de narrativas e narradores de Alagoas. Embora ambas digam respeito à vida intelectual local, elas se diferenciam a partir das posições que os agentes ocupam dentro desta mesma esfera intelectual e da própria vida pública. Os *intérpretes* ocupando uma posição, fruto de um maior prestígio conferido à sua atividade intelectual, o que em alguns casos, lhes proporciona o lugar de formuladores de imagens sobre Alagoas. Os *mediadores*, sendo os sujeitos que também como operadores de símbolos, ocupam suas posições a partir da articulação e celebração de narrativas. Em muitas oportunidades atualizando-as e legislando em sua transmissão para além da esfera intelectual. Nesse espaço do trabalho, tão importante quanto esmiuçar alguns mecanismos de distinção entre as posições de tais agentes é traçar alguns percursos de significação e ressignificação de narrativas.

Durante o bicentenário, algumas imagens se destacaram como narrativas sobre uma *identidade alagoana*, associada a grupos marginalizados. Por um lado, a

difusão da ideia das culturas populares e folguedos como definidores desta identidade. De outro a defesa das culturas populares, enfatizando o que nestas há de negro. Havendo ainda, uma outra narrativa de destaque: a da Alagoas anfíbia, lacustre. Essa, buscando enfatizar também aquilo que é popular e negro em Alagoas, mas imersa em uma discussão estética, que busca opor tais produções culturais à imagem de *paraíso das águas* emplacada pelo seguimento turístico do estado em alusão às praias (onde se concentram, por exemplo, os bairros nobres da capital).

A partir e sobre tais narrativas, concorrentes com a narrativa da “celebração do poder” vinculada aos Institutos e Academias, é que essas duas categorias de agentes construirão e atualizarão tradições intelectuais, guiados a partir de interesses contemporâneos e de suas próprias posições nas batalhas. Assim é que em muitas ocasiões, determinados personagens ou imagens são acionados a partir de perspectivas distintas. Um exemplo emblemático talvez seja a trajetória do naturalista Octávio Brandão: a antropóloga Luitgarde Barros o evoca como ‘alagoano ilustre construtor do Brasil’; o sociólogo Edson Bezerra por sua vez, destaca seu trabalho sobre as regiões lacustres de Alagoas; ao historiador Geraldo de Majella, interessa o fato de Octávio ser um dos principais articuladores do Partido Comunista Brasileiro.<sup>37</sup>

Seguindo a trilha da construção de tais tradições, a ideia deste capítulo consiste em chamar atenção para alguns agentes envolvidos no processo de construção de espaços de celebração contemporâneos e pontuar as possíveis homologias existentes entre estas e as posições assumidas nas narrativas. Este ponto se torna importante, na medida em que, ao nos voltarmos para as posições de intérpretes no *espaço social* (BOURDIEU, 1996, 2011), conseguimos enxergar não somente nuances da formação social alagoana, como parte das condições de reprodução destas. Tendo em vista como Miceli (2018), que *toda disposição intelectual retém as marcas das condições em meio às quais se formam*.

## 2.1 Mediadores e intérpretes

Ainda que não seja uma preocupação central dessa pesquisa reconstituir as definições de uma *campo intelectual* (BOURDIEU, 1996) alagoano e de suas “regras”,

---

<sup>37</sup> Falarei com mais profundidade sobre a construção de tais evocações mais adiante.

julgo importante pontuar que o debate sobre a *intelligentsia* (MANNHEIM, 2014; RINGER, 2000) e as definições do próprio conceito de *intellectual*, guardam em si nuances das próprias batalhas por distinção e do investimento na busca por legitimidade na legislação em matéria cultural (cf. MICELI, 2001).

A busca por constituir nomeações para os grupos os quais estou chamando a atenção, se torna portanto, um exercício de classificação que permita lhes situar melhor nas redes de colaboração e disputas nas quais estão inseridos, a partir de suas próprias trajetórias e posições. Estabeleci esta classificação, portanto, a partir do meu contato com suas trajetórias e das posições que chancelam seu reconhecimento entre seus pares. Utilizei para isto, critérios como a) a forma como são apresentados no espaço público; b) a forma como se apresentam diante do público; c) o histórico de cargos e atividades assumidas por eles.

Como tentei demonstrar no primeiro capítulo deste trabalho, as fronteiras entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos, passam entre as décadas de 90 e 2000, por um processo de estreitamento. Não estando mais próximos, somente em relação às redes de cooperação formadas entre si, como em muitas das vezes estando os mesmos sujeitos a acumular tais funções e posições.

Confluência de transformações que tornam o espaço universitário mais poroso, bem como do investimento em diplomas universitários como caminho de ascensão social para estratos baixos das classes médias, por um lado e da ascensão de setores progressistas ao governo do estado por outro, este processo conduz a uma certa reorganização dos sentidos atribuídos a tais posições.

Ainda que as fronteiras entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos, passem a ser mais tênues, é possível enxergar tanto na forma como gostariam de ser percebidos, quanto na forma que são reconhecidos por seus pares, nuances de propriedades que os agrupam e os distinguem entre si, na chancela de sua legitimidade. Este movimento, por exemplo, permite que determinados agentes, que se dedicaram a agendas culturais, por mais que invistam em determinada propriedade social (o título acadêmico, por exemplo) como ferramenta de distinção e de homologação de sua posição perante seus pares, continuem sendo reconhecidos como militantes da cultura. Do mesmo modo que agentes marcados pela produção acadêmica, por mais que busquem ressaltar propriedades como a participação na

elaboração de atividades, tais quais, patrimonializações ou festas públicas, continuem sendo cancelados a partir de seus trabalhos acadêmicos.

### **2.1.1 Clébio Correia: Gestor cultural e “juremeiro”<sup>38</sup>**

Clébio Correia de Araújo tem se destacado no cenário contemporâneo de debates sobre *identidade alagoana*, sendo um dos principais agentes envolvidos na propagação de narrativas sobre “tradições negras” no estado. Sua participação em tais arenas se desenha a partir do enovelamento de aspectos multifacetados de sua trajetória, consagrados a partir do trabalho de organização de celebrações públicas quando esteve a frente da FMAC e enquanto ocupou o cargo de Vice-reitor da UNEAL.

Filho de agricultores da cidade de Craíbas (AL), que migraram para Maceió na busca de emprego fugindo da seca nos anos 70, cresceu na zona rural do bairro de bebedouro e vivenciou a expansão urbana da cidade. Seu pai viveu de pequenos bicos<sup>39</sup> até que por intermédio de um conhecido, tornou-se fotógrafo. Ofício ao qual se dedicou até o fim da vida, tendo feito parte de uma geração de fotógrafos profissionais que cobria eventos como batizados, casamentos e formaturas na cidade.

A infância e adolescência de Clébio foram marcadas pelo trânsito e pelas incertezas da família migrante até que se estabelecessem na cidade. Vivendo na zona rural de Bebedouro, morando numa ocupação de um conjunto residencial na Jatiúca, até retornar ao primeiro bairro. Neste trajeto, a dualidade entre dois universos parece marcante em sua vida: o do bairro popular, de costumes rurais e acentuada pobreza; o estilo de vida das classes médias. Este último se expressando sobretudo, no ambiente escolar e sendo mais marcante em sua adolescência. Clébio, filho de pai analfabeto e de mãe com “rudimentos de leitura”, teve a formação escolar intermediada por educadores que por ele se afeiçoavam. Entre idas e vindas, estudou numa escola de órfãos e em duas das mais concorridas escolas públicas do estado.

Como a barra era muito pesada no Juvenópolis, os professores de lá, eu lembro de uma professora chamada Maria das Graças, que foi minha

---

<sup>38</sup> A Jurema é uma religião bastante difundida no Nordeste brasileiro, que embora tenha matriz em rituais indígenas de pajelança, incorpora elementos de matriz africana e do catolicismo popular.

<sup>39</sup> Empregos temporários geralmente relacionados a serviços. Tais como concertos, construção e serviços gerais.

professora na segunda série, era uma magrinha... Essa mulher desenvolveu uma afeição muito grande por mim e procurou os meus pais e disse: 'Olhe, vocês têm que tirar o seu menino daquela escola. Porque o estudo de lá não é bom, é muito atrasado, uma escola com meninos de idade muito avançada já, atrapalha os estudos. O seu menino tem um potencial muito grande e ali está só se atrasando'. E minha mãe: 'Mas e eu vou botar onde? Vou fazer o que?' Aí a Maria das Graças, essa professora foi que foi atrás de uma escola para mim. Ela foi na secretaria de educação e foi pesquisar uma boa escola para mim e conseguiu uma vaga numa escola do estado que era disputadíssima. O pessoal fazia fila para conseguir uma vaga lá. Tinham umas escolas do estado na época que eram escolas de classe média na verdade. Era o Cônego Machado.

(Entrevista concedida por Clébio Correia, outubro 2018)

Aí quando eu acabei a oitava série, no Cônego Machado, eu já tinha quinze anos e Zé Geraldo, que é casado com Carmem, que era minha chefe no escotismo... Zé Geraldo trabalhava no Colégio Bom Conselho. Que naquela época também era um reduto de classe média. [...] E o Zé Geraldo, era psicólogo da escola. E quando eu estou terminando a oitava série, ele vai lá em casa. Todo esse povo, que eu acho que foi identificando em mim algum diferencial e foi me adotando. Percebia que eu tinha um potencial e ficava preocupado com o que podia acontecer comigo. Tiveram sempre uma preocupação muito forte em garantir os meus estudos e quando Zé viu que eu estava terminando a oitava série, foi falar com a minha mãe, junto com Carmem para perguntar onde ela ia me colocar. E minha mãe disse: 'Não, eu vou procurar alguma escola aqui de Bebedouro mesmo'. E o Zé disse: 'Não. Eu estou trabalhando lá no Bom Conselho e vou conseguir uma vaga para ele lá. Ele vai estudar no Bom Conselho. Aí ele cavou lá, mexeu os pauzinhos lá... Eu fui para lá fazer o científico, na época, que chamava. Eu fui e fiz o primeiro ano. Depois você podia fazer o científico ou fazer o ensino técnico, que na época valia como ensino médio. Aí eu escolhi fazer Crédito e finanças. No segundo ano eu fiz crédito e finanças no Bom Conselho. Terminei o segundo e o terceiro ano lá estudando crédito e finanças. Estudei os três anos. Foi lá onde eu fiz o ensino médio.

(Entrevista concedida por Clébio Correia, outubro 2018)

Nesse período, a dualidade vivenciada entre os universos popular<sup>40</sup> e das classes médias se acentua na vida de Clébio, que passa a viver uma experiência mais integrada ao centro da cidade e entrar em contato com perspectivas diferentes das que conhecia, demarcadas pelo ambiente doméstico de "medo da rua"<sup>41</sup>, fundamentados no regime de relações materno vinculado à igreja *Assembleia de Deus*. As novas possibilidades e o acentuamento da percepção sobre diferenças sociais o fazem romper com a igreja e se aproximar de circuitos de diversão jovem da cidade ligados à música, sobretudo ao rock nacional dos anos 80.

---

<sup>40</sup> Aqui, refiro-me ao aspecto econômico do termo, utilizado para designar as classes trabalhadoras e os estratos baixos das classes médias. Neste caso, representado pelo bairro de Bebedouro.

<sup>41</sup> Maneira com a qual Clébio se refere ao permanente ambiente de vigilância no qual vivia sua família. O medo da violência crescente no bairro de Bebedouro que ia se urbanizando periféricamente, bem como as proibições religiosas relacionadas a atividades como assistir TV, brincar carnaval etc.

O ensino técnico na escola Bom Conselho, rendeu-lhe através de um convênio com o Banco do Nordeste, o ingresso na carreira de bancário. Espaço determinante para que desenvolvesse habilidades com orçamentos e com o trabalho burocrático, que futuramente contribuiriam com as posições que ocupou na vida pública do estado (secretário adjunto na FMAC e vice-reitor na UNEAL). A convivência com seus colegas de trabalho, estreitaram ainda mais o relacionamento com os círculos das classes médias e lhe ofertou a perspectiva de cursar contabilidade, mas o deslocamento para os bancos privados, com o fim da bolsa no Banco do Nordeste, aos poucos foi diminuindo o ânimo de seguir carreira como bancário. No mesmo período, sua relação com o cenário musical, o aproxima de circuitos de produção cultural da cidade como o teatro e a poesia, vindo a cursar oficinas ministradas por diretores expressivos da década de 90, como Mauro Braga e Octávio Cabral.

O acirramento das tensões com a vida de bancário, levam Clébio a largar o emprego oito anos após ingressar nos bancos. Com a indenização, comprou uma câmera e passou a trabalhar com o pai filmando e produzindo videoclipes de aniversários e casamentos, até decidir cursar uma faculdade. No curso de história da UFAL, a partir da intermediação da professora Clara Suassuna, participa da coleta de histórias de vida com moradores da serra da barriga pelo NEAB. Mas é a partir da relação com o professor Luiz Sávio de Almeida, que Clébio passa a se dedicar ao trabalho com memória e história oral. Percorrendo terreiros de candomblé, nos quais registrava com sua câmera as festividades, ajudando a organizar seminários e posteriormente trabalhando juntos no PIBIC<sup>42</sup>, com uma pesquisa de Sávio sobre os indígenas Kariri-Xocó.

Porque o Sávio era assim... Ele era uma liderança espontânea e acabava um monte de gente gravitando ao redor dele ali. Ia juntando gente... Tinha aluno de história, de filosofia, de sociologia [...] Ele inventou um grupo que não tinha registro no CNPQ, registro em canto nenhum. Era um grupo sobre realidade alagoana. O tema era Alagoas. E aí a gente fazia todo mês um seminário diferente. Sobre índios, sobre violência [...] E a gente ajudava ele a organizar essas coisas, sem dinheiro nem nada. Era uma coisa espontânea. Sem dinheiro, institucionalidade, sem bolsa nem nada. Mas a gente formou meio que um grupo ali que ia fazendo essa movimentação na universidade. Para discutir essas temáticas, né? Então o Sávio foi um precursor importantíssimo, dentro da academia para levantar esses debates sobre negro, sobre índios, sobre violência e essas questões. Ele muito cedo, eu acho que foi o primeiro cara a provocar a criação desses espaços, de conversa, de debates. E com uma forma muito interessante de envolver a gente nesses estudos, que era jogar a gente

---

<sup>42</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

na realidade. Ir para além dos muros da universidade. Jogar a gente na realidade. Ele tinha uma coisa que eu acho meio maluca [risos] mas ao mesmo tempo muito interessante. Por exemplo, se eu fosse pesquisar índio, ele não me deixava ler nada sobre índio. Ele primeiro me jogava lá no meio deles, para eu viver, experimentar. Depois que ele ia me dando a literatura sobre aquilo. Acho até que era para a gente não chegar na aldeia cheio de conceitos na cabeça, coisas que leu. Então, era uma coisa de vivência mesmo com a realidade. Era aproximar a gente na realidade.

Ainda durante a graduação, Clébio é indicado por Sávio para ministrar em seu lugar oficinas de história oral e memória para o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu. O que seria apenas uma oficina, se tornou um convite para trabalhar com a ONG. Durante os próximos seis anos, Clébio se dedicou a projetos sobre educação ambiental e memória em comunidades dos bairros lacustres da capital, planejamento participativo, planejamento comunitário e mobilização comunitária. Esta atividade, aliás, potencializa suas habilidades com gestão pública e organização de projetos, capacidade essa, maior fonte da chancela de sua posição nos debates contemporâneos.

Tal como acontece quando se afasta da vida de bancário, o ímpeto de Clébio por constituir uma carreira intelectual, o distância do trabalho com o terceiro setor e lhe impulsiona o retorno à universidade. No mestrado em educação, orientado pelo professor Moisés Santana, diretor do NEAB e um dos principais mobilizadores dos debates sobre cotas raciais na universidade, se aproxima das discussões sobre identidade, cultura e etnicidade. Ao concluir o mestrado, passa a compor a equipe de Marcial Lima na gestão da FMAC. As habilidades constituídas através de sua trajetória, proporcionam-lhe a posição de secretário adjunto, onde desenvolvera – tal como demonstrado no primeiro capítulo – as principais atividades pelas quais é reconhecido dentro dos debates sobre *cultura alagoana*.

Clébio é um homem prático, cuja atitude de executar atividades burocráticas e materializar projetos, deita raízes em sua formação protestante e em sua trajetória como bancário e planejador na ONG São Bartolomeu. Sua trajetória nos auxilia a compreender nuances dos investimentos de propriedades sociais na busca de chancela frente às disputas narrativas, pelos agentes nela envolvidos. Do mesmo modo, demonstra-nos aspectos das cadeias de relações intergeracionais que tangenciam o debate sobre *os marginalizados em Alagoas* e posteriormente sobre a *cultura alagoana*. Onde são modificadas as próprias condições da luta política no

estado, com a ascensão de uma fatia intermediária das classes populares à condição de intelectuais.

### **2.1.2 Bruno Cavalcanti: o senso editorial e curatorial de um “alagoano da costa”**

Bruno César Cavalcanti, tem contribuído por vias diferentes com o crescimento do debate sobre *Alagoas*, sobretudo da questão negra no estado. Por um lado, desenvolveu pesquisas sobre o carnaval, que passaram a incorporar a temática negra à discussão sobre “cultura popular”, por outro trabalhou na recuperação de obras e autores que se dedicaram ao tema em questão, durante as primeiras décadas do século XX. O trabalho editorial de Bruno, não se restringiu à recuperação de folcloristas como Arthur Ramos e Abelardo Duarte. Ao lado da também antropóloga Rachel Rocha, desenvolve a articulação de autores como Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida com a editora da universidade a partir dos anos 2000.

Neste período, Sávio já se encontrava aposentado da universidade e publica textos que hoje são considerados importantes entre os contendores de “novas narrativas” sobre Alagoas. Os textos são publicados na sua maioria pela editora da universidade, com prefácios e comentários de Bruno e Rachel. Dirceu Lindoso, havia retornado à Alagoas depois de décadas vivendo fora do estado e também publicou obras com a intermediação de Bruno. Esta tem sido, aliás, sua maior contribuição neste debate. Ainda que tenha se dedicado a produzir pesquisas sobre cultura popular e o *afroalagoano* a partir do carnaval, seu reconhecimento provém sobretudo da articulação e celebração das obras de Dirceu Lindoso e Sávio de Almeida. No ano de 2011, por exemplo, Bruno sugeriu à universidade a concessão do título de *Dr. honoris causa* para Dirceu Lindoso.

A trajetória familiar de Bruno, de uma forma ou de outra se entrelaça de modo ambivalente aos ciclos da cana de açúcar no estado: seja a partir da dilapidação social da família de sua mãe ou dos caminhos de ascensão social logrados por seu pai. Ao mesmo tempo, sua trajetória se constitui a partir de uma experiência urbana, muito mais do que pelo universo rural que molda seus pais. Sua mãe, a filha de um proprietário de terras da região de São Miguel dos Campos, que entra em falência

com o declínio dos engenhos banguês e a instalação das usinas no estado. Seu pai, um pernambucano que migra para Alagoas oferecendo mão de obra na derrubada das matas do sul<sup>43</sup> entre a região de Coruripe e São Miguel dos Campos.

Bruno cresceu numa vila operária do município de Rio Largo, quando seu pai já era funcionário do Instituto do Alcool de Alagoas (IAA), tendo na própria família o principal espaço de interação. Somente na adolescência, quando vai morar em Maceió para cursar o ensino médio, passa a ter uma experiência mais ampla de sociabilidade. Durante os anos morando na capital, se aproximou do movimento de estudantes secundaristas e passou a frequentar reuniões do DCE da UFAL, cuja direção era composta pelos irmãos mais velhos (Ênio Lins, Aldo Rebelo) de seus amigos mais próximos (Nide Lins, Apolinário Rebelo). Seu envolvimento com o movimento estudantil e com circuitos de “contracultura”, talvez tenha lhe direcionado para cursar ciências sociais.

Bruno ingressa na faculdade de ciências sociais do Recife em 1980, um ano depois de participar do congresso de reabertura da UNE em 1979. Participa do ambiente de organizações que lutavam pela redemocratização – MR8, PCdoB e PT – assumindo tarefas, sem efetivamente ser membro de nenhuma delas. O que justifica a partir da posição ambivalente de estar imerso nas lutas estudantis, ao mesmo tempo em que participava de circuitos culturais “alternativos” que não eram bem vistos por seus companheiros de militância.

Você tinha nessa época debates absurdos para os dias de hoje. Por exemplo, foi desse período a conhecida frase do Cacá Diegues sobre a Patrulha ideológica, né? Que era essa coisa de como a esquerda era careta, né? Com várias questões, entendeu? Por exemplo, você era praticamente proibido de ouvir rock. Isso era uma coisa que pegava super mal. Era coisa de americano... **Eu tinha essas contradições, né? Eu era roqueiro clandestino dos amigos de política. Entendeu? Nesses ambientes você só escutava Mercedes Sosa, MPB de banquinho e violão, uma coisa meio Geraldo Vandré... Eu ouvia Deep Purple, né? Eu gostava de rock. E assim... Tava descobrindo essa coisa, Bob Dylan e tal. E essas coisas eram vistas com maus olhos mesmo.** Como não era visto com bons olhos nem Caetano Veloso. Você tinha debates no DCE que eu me lembro... De coisas tipo assim... Um disco do Caetano tipo Odara... Aquilo era motivo de chacota. A capa do disco que o Caetano tá na praia olhando pro mar, numa canga. Dando as costas pro Brasil, né? Aquilo era visto como um sinal de alienação. Uma música como Palco de Gilberto Gil... ‘Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome’. Isso era visto como uma frescura, uma viadagem... Uma coisa que dizia assim, que era alienada. Que não via os problemas do país. [...] Depois que eu

---

<sup>43</sup> Durante os anos 50, parte das matas da região sul do estado de Alagoas, passam a ser incorporadas à lavoura da cana de açúcar. Para maiores informações ver: ALMEIDA,2006.

fui morar na casa do estudante, eu tive também exemplos terríveis dessa ortodoxia com a qual eu já não me identificava mais, né? Eu me lembro da Anistia, por exemplo. Na anistia, a gente levava pra casa do estudante um monte de figuras. Por exemplo, Gregório Bezerra. Recém-chegado da União Soviética. Eu vi debates com esses caras assim... É um nojo. Do ponto de vista cultural. Eram extremamente caretas, né? Contra todos. Aquela visão de que Gays eram invenção do capitalismo, que todo drogado é um agente do sistema... Então havia toda uma leitura das transformações do mundo, comportamentais sobretudo, que eram muito conservadoras [...] então havia esse preconceito nítido. Com o cara que tinha uma tatuagem, que tinha um brinco, né? **Isso era normal no meu pai, né? Mas eu via isso nos meus companheiros. Eu dizia: 'Porra, essa é a sociedade que vocês querem' [...]**Então, tinha essas dissonâncias dentro de mim. Coexistia em mim um cara que podia estar ali aliado com eles, mas tinha um inimigo deles do lado deles, que eles não sabiam. **Isso tudo foi me deixando pouco interessado de uma forma mais orgânica com as organizações políticas, né?**

(Entrevista concedida por Bruno Cavalcanti em abril de 2019. Grifos meus)

Durante a passagem pela universidade, vivencia por um lado o ambiente do movimento estudantil, por outro a recepção de debates sobre globalização e *novos movimentos sociais* (GOHN,1997). Ainda nesse período, passa a desenvolver os primeiros contatos com o universo de colecionismo de livros. Vivendo na *casa do estudante*, com poucos recursos disponíveis para o lazer, Bruno passou a frequentar nos fins de semana a biblioteca da universidade e a livraria *livro sete* como destinos de passar o tempo. Se interessando pela atualização dos volumes da livraria e pela ficha catalográfica das aquisições recentes. A habilidade e o interesse bibliográfico, lhe tornaram uma espécie de consultor entre colegas de curso, bem como entre professores, que passam a lhe procurar para saber das novidades disponíveis na livraria.

Eu fui um aluno muito marginal. Primeiro, que eu venho de uma família simples, eu não tive formação erudita, minha escola foi o faroeste e a revista placar. Ou seja: futebol e bang bang. Eu não venho de Machado de Assis ou... Eu não tenho motivações, apesar de gostar de escrever, e achar que escrever é uma coisa importante, eu não tenho berço, digamos assim, literário. Então quando eu espirrei dentro do curso de ciências sociais, eu acho que eu tinha mais sensibilidade para questões sociais do que propriamente inclinação intelectual de pensador ou coisa desse tipo. Mas me dei bem nisso. Por uma série de razões. A primeira delas econômica, né? **Como aluno fudido, morando em casa de estudante, nem sempre eu tinha grana para me divertir. Então finais de semana na UFPE eram terrivelmente solitários. [...]** Eu passei anos com essa realidade na minha vida. Então eu descobri que a biblioteca central da UFPE era um lugar que eu conseguia transformar em coisa boa. Então eu comecei a ser um rato de biblioteca. Eu comecei a desenvolver uma coisa curiosa em relação aos meus colegas: eu lia clássicos que os professores não davam. Autores alemães, ou outros que tinham. Eu li bons livros. Numa biblioteca velha, mas boa, na UFPE.

Na área de sociologia, né? Então, eu nunca estudei Dahrendorf ou Karl Mannheim em sala de aula, mas eu lia na biblioteca. Sorokin, Gurvitch... Autores assim, que até hoje eu gosto muito. Aquela chamada sociologia sistemática, que se fazia. Aqueles grandes esquemas, tipo Parsons. Então, eu comecei a ler muito de teoria social. Nas férias, eu passava o tempo todo lendo essas coisas. De uma maneira muito pessoal, muito anárquica, sem muita orientação e fui me familiarizando. Fui descobrindo autores que eu tinha uma certa paixão. Sobretudo Wright Mills e Becker. Comecei a gostar muito desses autores, que eram meio marginais também [...] E aí, aconteceu uma coisa curiosa. **Por esse meu interesse bibliográfico, eu era um cara que frequentava uma grande livraria que tinha no Recife, que se chamava livro sete. Eu ia ler livro na livraria, né? Então em sala de aula eu era um cara, que era um banco de informação. O professor falava um livro e eu dizia: 'saiu pela editora tal'. Então eu comecei a ser um cara que até professor me consultava para saber se um livro existia ou não.** Esse gosto meu pela bibliografia, pelos livros, né... Então eu comecei a comprar livros. Trabalhar como bolsista na universidade e todo o meu dinheiro era pra comprar livro. Pra ter uma biblioteca e tal. E eu passei a ser uma pessoa que eu no mestrado... Na graduação e depois no mestrado, tinha um certo destaque, dos professores me verem como um cara que tinha certas orientações. Então eu comecei a ser indicado para trabalhar como assistente de pesquisa de várias figuras, né?

(Entrevista concedida por Bruno Cavalcanti em abril de 2019. Grifos meus)

O destaque mencionado por Bruno diante de seus professores, junto do ambiente da universidade de Recife, que nos anos 80 recebia muitos professores de instituições internacionais, lhe possibilitou trabalhar como assistente de pesquisas de pesquisadores estadunidenses como Sidney Greenfield da Universidade de Milwaukee e Gene Crutcher da Universidade do Alabama. A partir da intermediação da professora Maria do Carmo Vieira, passou a ter contato com pesquisadores franceses como Georges Balandier e Jean Durrieux. Os contatos com pesquisadores internacionais e nacionais, gestaram possibilidades de formação acadêmica em centros de pesquisa internacionais ou de excelência nacional, não levados a cabo pela ambivalência vivida por Bruno entre o interesse pelo universo intelectual e o cultivo de hábitos impulsivos para curtir a “vida marginal”. Assim por exemplo, abriu mão de uma seleção de mestrado na Universidade de São Paulo (USP), por uma ida ao Rock In Rio; de uma bolsa de mestrado com Sidney Greenfield em Milwaukee para seguir estudando maconhismo em Pernambuco; de uma vaga no mestrado em antropologia do Museu Nacional, pela comodidade de permanecer próximo a Alagoas.

Ainda a partir da relação desenvolvida com os professores em Recife, abrem-se as possibilidades de lecionar, quando convidado para monitor no mestrado e posteriormente quando provocado a fazer uma seleção para substituir uma professora

que tinha se afastado no curso de jornalismo. Pouco depois, Bruno retorna para Maceió para dar aulas no curso de jornalismo da UFAL, ficando alocado no departamento de ciências sociais.

Durante os anos 90, a partir dos contatos desenvolvidos durante a vida acadêmica no Recife, intermediou a vinda de palestrantes para a UFAL. Trouxe por exemplo o intelectual francês Michel Maffesoli e colaborou com a organização de um evento que trouxe o então funcionário do Museu Imperial Dirceu Lindoso e os sociólogos Moacir Palmeira e Renato Ortiz, para debaterem sobre cultura popular. O cenário das ciências sociais na UFAL no período era marcado pela frágil produção de pesquisas e pelo fortalecimento do núcleo de estudos marxista composto por professores como Alice Anabuki, Belmira Magalhães e Ivo Tonet, que não receberam de bom grado os debates sobre a globalização e a pós-modernidade do francês Maffesoli. Nesse período, Bruno passa a reviver os conflitos travados com os colegas de organização política, agora com os colegas de departamento. Passando a ser associado à ideia negativa que os colegas tinham sobre a pós-modernidade.

Aí nesse período, aqui, por exemplo, na universidade tinha um grupo forte de marxistas. Eu nunca esqueci, que por conta desses meus vínculos em Recife, alguns sociólogos, por exemplo Maffesoli, nessa época já estava começando a ser conhecido no Brasil com o debate sobre pós-modernidade. Que era um tema novo em 88, 89. Todo ano no Recife tinha um encontro sobre o imaginário. Que era um grupo que estudava teorias do imaginário de Gilbert Durand, que foi o grande guru do Maffesoli. Aí eu participava desses grupos, né? E aí o Maffesoli vivia insistindo em vir pra UFAL, se oferecendo. Até que um dia eu consegui com o reitor uma passagem aérea para ele e a mulher dele. E foi engraçado. Isso em 88. Porque ia ter uma palestra dele aqui sobre a pós-modernidade na reitoria. No espaço cultural lá embaixo. Gente pra caralho. Parecia um pop star. Porque era muito novo aquilo tudo. E aí eu fiquei muito marcado aqui no CHLA, como um cara ligado ao pós-moderno, né? E aí, o Ivo Tonet, Belmira, Alice e o grupo todo do Chazin, os caras que viviam aqui com o grupo de estudos marxistas né... Os caras começaram a querer fazer um debate público comigo, né? Pra me fuder. Eu percebi né, a armação: 'Não porra, vamos discutir essa coisa do pós-moderno'. Que pros caras era um pensamento neoliberal e nessa época os marxistas eram contra a globalização, por exemplo. Que isso era um discurso da direita e essa coisa toda. Tinham essa dificuldade de absolver, né? Um marxismo muito estatizante, né? Então tinha toda essa dificuldade na época. Depois o termo globalização passou por cima de pós-modernidade. Saiu de moda. Mas nessa época era a besta fera. Aí os caras queriam fazer esse debate público e tudo comigo. Me vinculavam muito a essa ideia de um cara que podia ser perigoso... Eu me lembro que o Ivo Tonet me dizia: 'Porra, isso é a morte do sujeito histórico'. Que eu tava pregando a morte do sujeito histórico, do sujeito revolucionário. E eu dizia: 'Rapaz, eu não tô pregando porra nenhuma.'

A parceria com Rachel Rocha, que se desenvolvera desde o período da graduação se intensifica na ida para a França para cursar o doutorado. Trabalhando com Marc Augé, passam a ter interesse nos debates sobre contemporaneidade e a vida nas cidades. Quando retornam para Alagoas, formam o grupo de pesquisas Laboratório da Cidade e do contemporâneo (LACC), se dedicando a pesquisas sobre patrimônio cultural e cadeias produtivas. Desse período são os trabalhos sobre indicação geográfica da produção do bordado filé, os trabalhos sobre iconografia alagoana e o mapeamento do patrimônio cultural imaterial do estado.

Paralelo aos interesses sobre cidade e memória e às acusações de falta de compromisso com questões sociais, Bruno se mobilizará – junto a Rachel Rocha – em torno dos debates de implementação de cotas raciais conduzidos pelo coordenador do NEAB, o professor Moisés Santana. Bruno e Rachel, conduziram nesse período uma série de pesquisas que tiveram o papel de oferecer uma justificção, através de uma linguagem de pesquisa, para as bolsas dos estudantes cotistas da universidade. No período, passam a resgatar a produção bibliográfica de autores que se dedicaram a estudar a “questão negra” e as culturas populares em Alagoas durante as primeiras décadas do século XX, como Abelardo Duarte e Arthur Ramos, bem como de autores que se dedicaram a produzir interpretações sobre Alagoas, como Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida.

Durante os anos de 2011 a 2016, enquanto Rachel esteve ocupando o cargo de vice-reitora da universidade, Bruno volta a trabalhar de forma mais intensa com um projeto editorial. Contribuiu com a reestruturação da Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), enquanto esteve como conselheiro editorial, traduzindo obras do francês para o português, organizando publicações e fazendo uma espécie de curadoria dos textos de Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida. O projeto editorial de Bruno e Rachel, abre um campo de possibilidades nos debates contemporâneos sobre *cultura alagoana*, na medida em que gestam subsídios materiais do desenvolvimento da temática no estado.

## **2.2 Expressões contemporâneas de Octávio Brandão nas narrativas sobre Alagoas**

Quando retomamos a celebração presente de intelectuais e personagens da história política alagoana, o que enxergamos são as disposições com que cada mediador investe sua evocação. Pensemos o caso do escritor Octávio Brandão: os dois principais eventos no bicentenário nos quais sua produção é celebrada diretamente são os chás de memória promovidos pelo APA nos meses de maio e setembro. Mas estes não são os únicos espaços nos quais seu legado aparece.

No primeiro evento, intitulado *Personalidades alagoanas na história do Brasil*, a antropóloga Luitgarde Cavalcanti utiliza aspectos da trajetória de Octávio Brandão para endossar seus argumentos sobre a rede de alagoanos que emigrados para grandes centros urbanos, participam ativamente da vida nacional. A participação de Octávio não se restringindo na concepção da antropóloga, unicamente ao âmbito brasileiro, tendo em vista que enquanto esteve exilado na extinta União Soviética, o dirigente do partido comunista participou ativamente da vida política daquele país.

O que é curioso notar, é como a própria Luitgarde faz parte das dezenas de intelectuais alagoanos que emigraram para centros como o Rio de Janeiro e lá construíram suas carreiras. Deixando Alagoas na década de 60 e construindo uma carreira nas ciências sociais entre o Rio de Janeiro e São Paulo, a antropóloga tem se dedicado a estudos sobre catolicismo popular e pensamento social brasileiro. Sua atuação enquanto artífice da memória de intelectuais alagoanos emigrados para a antiga capital federal, tem a ver diretamente com a relação de proximidade que estabeleceu com o médico e folclorista alagoano Théo Brandão no Rio de Janeiro. A partir da década de 70, Luitgarde passou a atuar como uma espécie de mediadora das memórias de diversos intelectuais alagoanos radicados no Rio. Assim, por exemplo, atuou diretamente na recuperação de documentos de Jorge de Lima e Octávio Brandão com seus familiares, compartilhando-os com Moacir Sant'ana que em Alagoas tocava o projeto do Arquivo Público. Luitgarde esteve diretamente ligada aos círculos de alagoanos no Rio, seja promovendo encontros, divulgando projetos ou mesmo intercedendo por seus pares. Como por exemplo, a recuperação dos pertences da psiquiatra Nise da Silveira, com quem teve convivência no Rio, quando da primeira abertura dos arquivos do DOPS em 1996.

Durante o mês de setembro, o Chá de Memória teve Octávio Brandão como o homenageado do mês. Nesse espaço participaram o historiador Geraldo Majella, o sociólogo Edson Bezerra e a cientista social e também neta do homenageado Marisa Brandão. O espaço é mais uma expressão da multiplicidade de percursos da celebração contemporânea, em que os mediadores apresentam aspectos de trajetórias intelectuais a fim de lhes imprimir uma atualização frente a impasses dos nossos tempos.

Edson Bezerra se notabilizou em Alagoas, a partir da publicação do *Manifesto Sururu* no jornal *Gazeta de Alagoas* no ano de 2013, e tem participado e desenvolvido uma série de atividades em torno de uma ideia de uma Alagoas dos marginalizados, como o projeto Xangô Rezado Alto de que já falamos e o *Fórum Reinventando Alagoas, Reinventando Cidades*. O Manifesto, desde as primeiras páginas deixa clara a referência à obra de Octávio Brandão:

“O Manifesto Sururu não quer apostar e nem pousar em outras imagens. O que ele quer é pousar os olhos por sobre (e dentre) antigas e permanentes imagens das coisas alagoanas: olhar primeiramente os canais que ligam as lagoas e os rios. Os canais sempre foram as nossas pontes e disto já o sabia Octávio Brandão”. (BEZERRA, 2013 pp 1)

É a partir dessa referência que mediou a da celebração da obra do autor de Canais e Lagoas. Geraldo Majella, por sua vez, tem sido uma personagem que desde os anos 80 tem construído uma trajetória como militante histórico de organizações de esquerda, bem como um dos principais nomes em torno dos debates sobre direitos humanos em Alagoas. A trajetória política de Majella, se inicia ainda durante a adolescência, quando a partir do contato com Betinho, um amigo da família militante do PCB, passa a se engajar nas frentes de estudantes secundaristas durante a ditadura militar de 1964. Durante os anos 80, no período que se segue à anistia dos presos políticos, o historiador, junto ao Economista Cícero Péricles de Carvalho é uma das principais personagens na articulação do processo que reorganizaria o PCB em Alagoas, visando a oficialização do partido com a saída da clandestinidade.

Geraldo de Majella, constituiu um projeto de vida como intelectual do partido. Na atividade de historiador por exemplo, tem se dedicado à publicação de memórias institucionais do PCB, das lutas que sua geração travou em Alagoas e à personagens que ajudaram a construir os percursos das organizações de esquerda em Alagoas. Assim, publicou livros sobre documentos e a história do PCB no estado, cadernos de

sua militância e verbetes sobre militantes como: Jayme Miranda, advogado e diretor do partido e do jornal *A voz do povo* em Alagoas, que foi assassinado durante a ditadura militar; o jornalista e militante dos direitos humanos, Freitas Neto; e do também jornalista e poeta que militou nas fileiras do PCB nas primeiras décadas do século XX Alberto Guimarães Passos. É justo nessa direção, que tem rememorado Octávio Brandão como um dos construtores do Partido Comunista Brasileiro, bem como por sua luta em defesa de populações marginalizadas em Alagoas.

**Imagem 14: Marisa Brandão, Edson Bezerra e Geraldo Majella no Chá de Memória sobre Octávio Brandão.**



Fonte: Portal de Notícias Agência Alagoas

Como já havia dito, não apenas em menções diretas conseguimos encontrar expressões da celebração de Octávio Brandão contemporaneamente. Se fizermos um esforço de reconstituir as matrizes dos pensamentos que celebram os marginalizados, certamente sua obra estará presente como um de seus principais artífices no estado. Embora Octávio, em seu mais conhecido trabalho *Canais e Lagoas*, tenha se dedicado sobre os aspectos naturais que constituem o complexo lagunar alagoano, a repercussão de sua obra se dá por via de uma argumentação de denúncias sociais.

Assim, por exemplo, é que Jorge de Lima ambienta seu romance regionalista *Calunga* no espaço físico e social dos canais e lagoas do estado. Descrevendo a vida ambígua dos povos lacustres entre a fartura do mangue e a miséria. Entre a contradição da ferra fecunda ao redor das lagoas e a maleita que devora seus moradores. O herói de *Calunga*, aliás, em muito se parece com o próprio Octávio Brandão: um mestiço pobre alagoano que através do apadrinhamento consegue se

formar na metrópole, retornando à terra natal admirado com as terras alagadiças e acreditando poder salvar sua gente.

Dirceu Lindoso (2015), provavelmente seja o primeiro a dar continuidade e forma à matriz interpretativa de Octávio Brandão contemporaneamente, invocando sua obra como fonte de descrição de uma *Alagoas anfíbia* (tal como a descrevera Gilberto Freyre ao comentar Canais e Lagoas). Dão seguimento a esta perspectiva o próprio Edson Bezerra em seu *Manifesto Sururu*; a arquiteta e urbanista Isadora Padilha, que tem se destacado nos debates sobre reformas urbanas em Maceió a partir da discussão sobre as comunidades de pescadores e marisqueiras que vivem em condições sub-humanas nos bairros que margeiam a Lagoa Mundaú; o artista popular e líder comunitário Rogério Dias, que tem se destacado no ativismo da Vila Brejal, no bairro da Cambona e como agente cultural. Apesar de tudo, ao contrário de alguns de seus descendentes intelectuais – Bruno Cavalcanti, Edson Bezerra, Geraldo Majella – não aparece em nenhum dos espaços de celebração contemporâneo. Nas mais de mil páginas dos *Anais dos 200 anos*, por exemplo, não é mencionado uma vez sequer.

**Gráfico 3: Esboço Genealógico de linhagens celebrativas de Octávio Brandão**



Fonte: Organização do autor.

### 3. O “povo” como missão: Trajetórias intelectuais e batalhas por valor humano

A agenda de eventos do bicentenário, para além do esforço de construir uma celebração pública de narrativas em torno de ideias acerca do que seria imagens autênticas *alagoanas*, se constituiu através de espaços de celebração de personagens que “contribuíram com a cultura alagoana”. A tentativa de demarcar círculos de identificação entre diferentes grupos como genuinamente alagoanos acabou por permitir a identificação de redes de artífices e legisladores investidos em batalhas de simbolização étnico-histórica. Gostaria de destacar eventos que gravitaram em torno de duas personagens que considero fundamentais para o desenvolvimento de uma série historiográfica que busca interpretar *Alagoas* a partir dos marginalizados: Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida.

Dirceu e Sávio, são os pontos nodais desta *série historiográfica*, tanto por de algum modo abrirem os caminhos para esta percepção, quanto pela influência que desenvolveram nas gerações posteriores. Intelectuais que por diferentes caminhos abriram sendas na construção de um projeto político-intelectual em torno dos marginalizados de Alagoas e em torno dos quais se constituíram as redes de agentes que hoje figuram em espaços de poder, fundamentados na posse de *capital cultural*.

Durante a programação da 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, no ano de 2017, por exemplo, Sávio e Dirceu foram homenageados junto ao educador Élcio Gusmão Verçosa no seminário intitulado *História, Debate cultural e Teoria social*. O seminário, organizado por Osvaldo Maciel, diretor da EDUFAL e coordenador da bienal, contou com a participação de representantes da universidade, estudantes e pesquisadores. Na mesa sobre Sávio, falaram o próprio Osvaldo, a assistente social e reitora da UFAL Valéria Correia e o historiador e chefe do gabinete da reitoria, Fernando Medeiros. Suas falas destacavam a abertura de novos caminhos para a historiografia alagoana a partir da produção de Sávio, tal como sua contribuição para diversos movimentos sociais do estado a partir de sua atuação como intelectual-militante de causas sociais<sup>44</sup>:

Valéria Correia:

---

<sup>44</sup> Falas Retiradas do portal de notícias da 8ª Bienal Internacional do Livro em Alagoas.

“A escolha dessa homenagem tem uma lógica e uma perspectiva. Alagoas está sendo apresentada aqui através da história de trabalho e produção desses militantes comprometidos com as classes subalternas. Gostaria de dizer publicamente que você, Sávio, fez a história de Alagoas ao avesso. Obrigada por sua sabedoria e por tão generosamente tê-la compartilhado conosco”.

Oswaldo Maciel:

“Até ler o trabalho dele [Sávio], Alagoas era, para mim, a ‘Terra dos Marechais’. Mas Sávio nos oferece em sua obra um outro modelo de interpretação de Alagoas.”

Fernando Medeiros

“Falar de Sávio é falar da nossa autobiografia intelectual. Foi acompanhando-o e observando-o que comecei a esboçar e a definir minhas pesquisas, inventei várias desculpas para procurá-lo ao longo dessa trajetória. É difícil escrever algo decente sobre Alagoas sem passar por suas obras.”

Do título da mesa que homenageava Dirceu Lindoso, composta pelo cientista social e militante do PCB Golbery Lessa e pelo antropólogo Bruno Cavalcanti, podemos aferir a perspectiva pela qual é celebrado: *Alagoas, identidade cultural e projeto social*. O escritor foi saudado sobretudo pela contribuição de sua obra no desenvolvimento de uma preocupação com a *identidade alagoana* e de uma percepção estética sobre esta, como podemos testemunhar em algumas falas durante a solenidade:

Golbery Lessa:

“Nós temos medo de discutir a identidade alagoana diante dos poderes oligárquicos. Dirceu faz parte de uma geração de lutadores sociais, é capaz de transitar em várias áreas, sempre mantendo uma atitude política ética. Ele detona a visão de Alagoas pelas oligarquias. Esse debate sobre Dirceu é um debate sobre Alagoas.”

Bruno Cavalcanti:

“A história do nosso estado obscurece o papel que tiveram os grupos minoritários, como os negros e índios. Dirceu redefiniu aspectos sobre a interpretação de Alagoas e reintroduziu essas pessoas na história. Na minha opinião, Dirceu Lindoso é o maior escritor vivo de Alagoas”.

Sávio e Dirceu, nos últimos anos têm sido homenageados e reconhecidos seja por seus herdeiros intelectuais, por instituições culturais ou pelo Estado, como colaboradores das discussões sobre Alagoas. Exemplos disso são: as homenagens feitas pela prefeitura de Maragogi à Dirceu Lindoso na primeira edição da Feira

Literária de Maragogi em 2018; a nomeação de Sávio de Almeida como patrono da biblioteca da Secretaria de Planejamento do Estado em 2017; a condecoração *Viventes das Alagoas* recebida por ambos em evento promovido pela Imprensa Oficial do Estado em 2018 e a pelo projeto *Tributo à Inteligência Alagoana*, promovido pelo CESMAC em 2019.

**Imagem 15: Dirceu Lindoso e Sávio de Almeida recebem a condecoração Viventes das Alagoas**



Fonte: Portal de notícias do Governo do estado de Alagoas.

Ainda que venham sendo motivo de celebração por seus herdeiros intelectuais, por instituições culturais ou por órgãos do Estado, seus feitos não têm sido pensados como partes da constituição de redes políticas que disputam narrativas sobre o estado, sendo aliás a matriz intelectual da agenda de preocupações político-intelectuais com os marginalizados no estado. Este capítulo objetiva chamar atenção para o desenvolvimento de tal matriz, que contemporaneamente sustenta o desenvolvimento de novas narrativas para *Alagoas*. Acreditando como Bourdieu (2004), que a emergência de determinada temática de estudo guarda em si desdobramentos de lutas sociais nas quais os próprios objetivadores do mundo social são partes interessadas, e como Mannheim (2014), que a elaboração e transmissão de conhecimentos se configuram em cadeias intergeracionais.

No início de 2019, o Arquivo Público realizou uma palestra sobre a população de Alagoas no século XIX, na qual Sávio era o expositor. Na ocasião, o historiador lançava o primeiro volume de uma coleção sobre a formação de Alagoas, produto de suas tantas notas e projetos a serem editados. A palestra se concentrou na contestação da produção de dados sobre a população negra de Alagoas no século XIX, que segundo Sávio, deveria ser encarada a partir de uma perspectiva dos discursos. Junto à publicação de Sávio, foram lançados livros de pesquisadores que gravitam ao seu redor como o do sociólogo Lúcio Verçosa sobre os trabalhadores canavieiros de Alagoa e o do historiador Amaro Leite sobre o grupo de pesquisas *Índios de Alagoas: cotidiano e etnohistória*, do qual faz parte junto de Sávio.

O primeiro contato pessoal que tive com Dirceu Lindoso, aconteceu durante a apresentação da peça teatral *Entre rios e mares há Lagoanas*. Uma produção que cruzava a trajetória de Alagoas às da lagoa Mundaú e das marisqueiras que nela trabalham. Fui apresentado a Dirceu por seu filho Nuno Balduci, com quem tinha cursado disciplinas na graduação em Ciências Sociais.

No dia 04 de agosto de 2018, fui convidado por Nuno para ir à festa de aniversário de Dirceu. Cheguei no apartamento por volta das 19:30 e fui recebido por Nuno. Pegamos uma bebida e conversamos alguns minutos sobre literatura alagoana. Logo pude perceber que aquele espaço era uma espécie de microcosmo da minha pesquisa: ali estavam familiares, amigos, intelectuais e produtores culturais, que tem levado adiante a produção de Dirceu Lindoso. Destaco os professores universitários Arrisete Costa, Edson Bezerra e Lúcio Verçosa; o historiador e militante responsável pela reorganização do PCB em Alagoas, Geraldo Majella; o poeta Marcos de Farias; produtores culturais como Keka Rabelo, Isadora Padilha e Rogério Dias; bem como estudantes, que como eu tinham interesse na obra do aniversariante.

A festa regada à vinho, se desenrolou como uma espécie de sarau. O poeta Marcos de Farias tocava violão, Dirceu contava histórias aos que se aproximavam e Rogério Dias recitava versos de cordel e cantava coco de roda. Interagi com os colegas presentes e conversei sobretudo com Geraldo Majella, com quem tinha estado semanas antes realizando uma entrevista. Dirceu Lindoso, comemorando seus 86 anos, ficou a maior parte da noite sentado em uma cadeira na sala, onde simpático conversava por alguns minutos com os convidados que iam lhe felicitar.

Essa experiência, me deu ainda mais clareza sobre parte da rede que se constituiu em torno da imagem de uma Alagoas anfíbia/lacustre, tão presente nos espaços de celebração contemporâneos, da qual Dirceu Lindoso é o principal idealizador. A celebração não era somente em torno do homem Dirceu, mas da própria obra condensada em sua pessoa.

Os depoimentos e as redes de mediadores em torno de Sávio e Dirceu, auxiliam a desenhar os terrenos nos quais os dois se inserem. Embora suas obras se dediquem a compreender Alagoas, a partir de grupos marginalizados e existam convergências políticas em torno das redes de agentes que gravitam em torno destes, é possível perceber nuances de diferenciação das posições assumidas na rede de disputas narrativas. Em torno de Sávio se desenvolve um núcleo de intelectuais e militantes de parcelas de organizações autoproclamadas de esquerda no estado. Personagens, que de um modo ou de outro estão mais próximos dos centros de poder institucionais, como Osvaldo Maciel e Clébio Correia. Dirceu por outro lado encarna a produção estética de narrativas sobre os marginalizados, sendo uma espécie de guia para intelectuais e agentes culturais, relativamente mais distantes dos núcleos de poder institucionais como Rogério Dias, Edson Bezerra e Bruno Cavalcanti.

### **3.1 A matriz intelectual da preocupação com os marginalizados**

Para entender o que estou chamando de matriz intelectual da preocupação com os marginalizados, se faz necessário chamar a atenção por uma lado para as condições sociohistóricas que amparam seu desenvolvimento, por outro para a posição no espaço social que ocupam seus principais representantes (Sávio de Almeida e Dirceu Lindoso). Apoiado na percepção de Pierre Bourdieu (2004, pp 122), de que os intelectuais, quer queiram quer não são partes interessadas nas lutas que descrevem, buscarei objetivar os agentes da objetivação analisando aspectos de suas trajetórias que conformam as disposições de suas percepções do mundo e de suas tomadas de posição.

A produção de interpretações sobre a vida social alagoana, como chamei atenção no primeiro capítulo, esteve até a década de 60, majoritariamente assentada em produções narrativas de celebração do poder. Os círculos intelectuais

responsáveis por tais formulações sendo compostos por militares, padres e por parcelas das elites agrárias e comerciais do estado. A partir da década de 60, entretanto, uma série de eventos passam a compor um quadro de condições favoráveis na transformação das *Vigências intelectuais* (NETO,1968;1979) em Alagoas. A incipiente urbanização vivenciada em Maceió durante as décadas de 60 e 70, diminui a distância entre grupos sociais distintos na cidade e ainda que não diminua as desigualdades entre estes, cria cadeias de *interdependências mútuas* (ELIAS, 2006). A vinda de professores de outros estados com a criação da UFAL, pouco a pouco transforma as estruturas de relações personalistas dos círculos intelectuais das Academias e do Instituto Histórico, abrindo um campo de possibilidades para o desenvolvimento de novos perfis intelectuais, sobre o que fala Sávio:

“Nós somos, possivelmente, da primeira geração urbana de intelectuais em Alagoas e isso pra gente fazia uma diferença incrível porque os padrões da formação do intelectual em Alagoas haviam mudado radicalmente. O Gildo<sup>45</sup> [Marçal Brandão] e eu, nós somos do processo de urbanização de Maceió, quer dizer, nós aparecemos na década de 60, quando isso daqui estoura, a urbanização aparece, a universidade e algumas figuras desbravadoras vão aparecendo. [...] A universidade vai quebrando o padrão de intelectual [existente], vem gente de fora, isso é absolutamente salutar porque isto terminou por quebrar um núcleo de compadrio. Esse troço [o compadrio] tendeu a desaparecer com a vinda de gente de fora, você tem então uma nova geração encontrando um processo de urbanização, encontrando a construção da universidade e encontrando a quebra do padrão do intelectual anterior. Por exemplo, você já não escuta uma expressão que era corrente naquele tempo: “fulano de tal é uma assumidade”, esse cara desapareceu, as “sumidades” desapareceram, quer dizer, você já percebe que inteligência e chinelo podem conviver, quebrando um pouco o padrão da construção da ideia do social dentro da universidade. Quebrando este padrão, você começa a ter discussões que você não tinha. Antes, se você era um bom advogado ou um bom orador sacro, você já era professor de alguma área ligada a ideia de ciências sociais. História paga um preço que é um negócio incalculável, geografia paga um preço incrível.” (RODRIGUES F.; OLIVEIRA, P., 2015.)

O depoimento de Sávio de Almeida, ilustra algumas mudanças do espaço da intelligentsia alagoana no decorrer do século XX. É nessa geração de intelectuais que de origem não aristocrática ou com afinidades de trajetórias, ligadas em alguma medida a curiosidades sobre as camadas populares, quando não de origens

---

<sup>45</sup> Aqui, Sávio de Almeida se refere à Gildo Marçal Brandão, Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e intelectual alagoano que ainda que tenha se formado e feito carreira intelectual fora de Alagoas, participa dos primeiros anos dos círculos intelectuais da geração pós-universidade e mantém intercâmbio com estes nos anos que se seguiram.

populares que ingressam no universo intelectual, que as temáticas dos marginalizados passam a ganhar maior fôlego. Sobre as transformações nas temáticas de pesquisas, Sávio prossegue:

“Hoje em dia, nós já produzimos os nossos mestres, tem áreas que já produzem os nossos doutores. Isso foi em uma velocidade de uns quarenta anos. De nada né? Quer dizer, em quarenta anos houve uma transformação muito grande e o engraçado é que você passa a ter uma produção que não há comparação com a anterior. Às vezes, você pega textos consagrados, que eram consagrados naquela época e hoje em dia você não consideraria. **Existe coisa muito boa feita por eles, eles não fizeram somente coisa ruim não, tem muita gente de um extraordinário valor na geração passada, mas era a temática, a forma de abordar que já não batia com essa efervescência que, em poucos anos, significou essa mudança absolutamente radical.** Se você perguntar hoje o que é a Academia Alagoana de Letras ninguém sabe lhe responder, mas quando você perguntava antes, o povo chamava “as sumidades”, ali era o lugar das sumidades e o Instituto Histórico era o lugar da “sumidade e meia”. Hoje em dia essas coisas perderam completamente o sentido e você começa a ver a fluência de um pessoal que não tinha costados por aí. Você antes tinha que imitar um padrão tradicional e era a época dos príncipes, era príncipe dos poetas, príncipe disso, herói daquilo outro, você tinha que se chegar a esses padrões para poder penetrar nisso que você chamou de elite; e quando começa com a geração da gente – que os três concordavam que éramos a primeira geração intelectual que se fez no crescimento urbano de Maceió. É na mesma época que surge Dirceu [Lindoso]. Embora Dirceu vá viver fora daqui, mas é uma cabeça daqui.” (RODRIGUES F.; OLIVEIRA, P., 2015. Grifos meus)

É bem verdade, que os círculos intelectuais alagoanos pré-universitários, já produziam representações valorativas sobre grupos marginalizados, a exemplo dos folcloristas Abelardo Duarte, Arthur Ramos, Théo Brandão e Aloísio Vilela, que desenvolveram importantes trabalhos sobre “costumes e crenças populares”. Estando inclusive a produção de Sávio diretamente interligada a sua relação com Théo Brandão. Mas uma grande diferença demarca fronteiras entre as produções dos folcloristas e as da primeira geração de intelectuais urbanos: a percepção política que orienta seu desenvolvimento. Se os folcloristas se interessavam pelas “culturas populares” mobilizados pela preocupação com seu desaparecimento frente ao processo de urbanização e modernização nacional (Cf. ALVES, 2013; ORTIZ, 1985; VILHENA, 1997), a geração de intelectuais urbanos desenvolve uma agenda de interesses relacionados às classes populares, impulsionados por compromissos políticos com os marginalizados. Vale lembrar da relação destes, com o Partido

Comunista e com a esquerda católica<sup>46</sup>, na defesa de bandeiras de justiça social e combate às desigualdades.

### 3.1.1 *Intelligentsia outsider* e *Ethos missionário*

Ainda que os membros da primeira geração de intelectuais universitários possam ser considerados *outsiders* (ELIAS, 2000) em relação às fatias dominantes da vida intelectual alagoana, é preciso que se leve em conta que diferente dos marginalizados sobre/em nome dos quais falam, fazem parte – embora sintam-se deslocados - dos estratos sociais médios e acreditam e participam dos *jogos sociais* (BOURDIEU, 2011) em torno da nomeação do mundo social.

As pressões sociais por inserção nas lutas simbólicas, associadas às trajetórias marcadas por diversos handicaps sociais, possibilita à essa *intelligentsia outsider* o desenvolvimento de um *ethos missionário*, através do qual passam a se aproximar de grupos sociais marginalizados.

Apesar das demarcadas distâncias e fronteiras com os grupos marginalizados, estes agentes se empenharam numa aproximação com estes grupos e se inseriram nas disputas simbólicas através da busca por uma ampliação do *valor humano*. Nesta direção, dois caminhos se apresentaram como as principais estratégias de meus interlocutores: o trabalho missionário através de pastorais e ordens missionárias católicas com populações marginalizadas ou a militância em organizações de esquerda que buscavam se organizar junto das bases das populações marginalizadas.

Vale destacar, que durante a década de 70 houve uma difusão em um plano nacional, do que se convencionou chamar de *obreirismo* entre seguimentos progressistas de classes médias. Essa estratégia, consistia em enviar jovens de classes médias urbanas para vivenciarem de perto as formas de vida das populações mais pobres. Dentro dessa lógica, muitas organizações que viam no homem simples o sujeito das transformações sociais nacionais, se inseriram por exemplo, entre

---

<sup>46</sup> Forma como ficaram conhecidos os movimentos sociais ligados à igreja católica, como as CEBs e a Ação Popular.

camponeses, pescadores, trabalhadores de fábricas e passaram a organizar trabalhos de base com essas populações (Cf. RIDENTI, 2010; 2014). Dessa estratégia, participaram agentes decisivos na formulação de um imaginário nacional-popular e surgiram lideranças de bairros populares alagoanos, que posteriormente viriam a influenciar o alargamento da dicção oficial sobre os marginalizados e as políticas culturais identitárias em Alagoas.

**Tabela 3: Handicaps Sociais e Ethos Missionário**

NOME	CIDADE NATAL	POSIÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA	HANDICAP SOCIAL	FORMAÇÃO	REDE POLÍTICA FORA DE ALAGOAS	ATIVIDADES POLÍTICAS
MARIA JOSÉ VIANA	Palmeirina (PE)	Pai vereador em Palmeirina (PE)	Mulher solteira; Freira	Pedagogia (AL)	Convento (RJ) Teologia da Libertação (PE)	CEB – Pastoral das favelas – Sindicato de pescadores em Bebedouro
GERALDO MAJELLA	Anadia (AL)	Pai farmacêutico e vereador em Anadia; Mãe professora	Família ligada à comunistas; Militante Comunista	Historiador (AL)	Exilados políticos PCB (RIO/ SP/ Europa)	Comissão pró UESA – Jovens católicos progressistas em Anadia – PCB
DIRCEU LINDOSO	Maragogi (AL)	Pai tabelião e comerciante em Maragogi	Família de imigrantes libertários; Amigo de comunista; Comunista	Direito (AL) Ciências sociais (URSS)	Articulação nacional PCB PC Soviético, Tcheco, Alemão Círculo editorial (RJ)	Organização do PCB nas fábricas – Disputas de terras indígenas no sertão – PCB (Comitê central)
LUIZ SÁVIO DE ALMEIDA	Capela (AL)	Pai agente de crédito bancário dos usineiros	Desmoralização familiar <sup>47</sup> ; Boêmio; Próximo à terreiros	Direito (RN/AL) História (PE/ EUA)	Esquerda católica (RN/PE)	Núcleos de base da Esquerda católica – Educação popular – Teatro popular

Fonte: Entrevistas com os interlocutores. Organização do autor.

Na tabela acima, podemos enxergar alguns aspectos das trajetórias dos dois principais representantes da primeira geração de intelectuais urbanos de Alagoas e de duas lideranças políticas da resistência contra a ditadura militar, que durante o período da redemocratização passaram a ocupar cargos e posições nas gestões de Kátia Born e Ronaldo Lessa, respectivamente na prefeitura de Maceió e no governo do estado. Todos oriundos de estratos médios da sociedade alagoana que a partir de *handicaps sociais* diversos se sentem deslocados no *espaço social* e que utilizam das

<sup>47</sup> A núcleo familiar de Sávio passa a ser mal visto entre os parentes, quando sua avó paterna, cansada do marido alcoólatra foge com um funcionário da fazenda, trazendo consigo o filho mais velho (o pai de Sávio).

estratégias mencionadas anteriormente para inserir-se no jogo, através do alargamento das disputas por *valor humano*.

Maria José, Geraldo Majella, Dirceu Lindoso e Luiz Sávio de Almeida, representam trajetórias plurais, mas que em alguma medida possuem as afinidades eletivas destacadas e são direta e indiretamente artífices da transformação narrativa sobre Alagoas. Suas trajetórias auxiliam a ilustrar os percursos políticos e transalagoanos, que contribuem com a formatação de uma agenda político-intelectual em torno dos marginalizados de Alagoas.

### **3.2 Luiz Sávio de Almeida: Um militante dos marginalizados**

A biobibliografia de Sávio, como buscaram demonstrar RODRIGUES; OLIVEIRA (2015), em entrevista publicada pela revista *Latitude* do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFAL, por vias diversas se entrelaça aos percursos da formação de Alagoas. Seu itinerário ajuda ainda a demonstrar cadeias de transformações na vida intelectual alagoana que gestam as condições de emergência de um repertório de representações orientado pela busca de respeitabilidade à grupos sociais marginalizados.

Ainda que sua produção venha constituindo desde a virada para o século XXI uma espécie de suporte para a atuação político-intelectual de grupos ascendentes, restam desconhecidas nuances de sua produção que ajudam a iluminar as condições de emergência da figuração na qual as lutas políticas por justiça social e valorização de setores estigmatizados passa a gravitar em torno de disputas intelectuais que buscam ampliar o campo de representações de coletividades humanas em Alagoas.

O avô de Sávio descende de um núcleo familiar ligado à economia do açúcar na região de Capela, foi proprietário de um banguê, mas veio à falência e passou a ter problemas com alcoolismo. A avó de Sávio, cansada da situação, fugiu com um morador da fazenda, levando um de seus filhos (o pai de Sávio). Aí começa um percurso de dilapidação social da família Almeida: o declínio econômico ligado à depreciação da honra. O pai de Sávio, Manoel de Almeida, pressionado por reconquistar a respeitabilidade da família entre os núcleos aristocráticos da “civilização do açúcar” investiu na carreira de servidor do Banco do Brasil.

Manoel de Almeida (pai de Sávio), se tornou uma das mais importantes personagens do núcleo açucareiro alagoano da segunda metade do século XX, como o principal intermediador entre os proprietários de terra e o crédito financeiro que proporciona as transformações da economia açucareira na direção do complexo usineiro. Esse percurso familiar marcado pela posse econômica e pela ausência de prestígio entre as elites locais, provavelmente tenha contribuído com a falta de compromisso de Sávio com os núcleos da boa sociedade alagoana.

A mãe de Sávio e sua religiosidade também desempenharão um papel decisivo nos rumos tomados pelo historiador. Sávio desde muito jovem (aos doze anos) desenvolve um estilo de vida boêmio, que aliado às diversas mudanças de sua família, decorrentes do emprego de seu pai no banco, fazem com que sua formação escolar se dê em diversas circunstâncias, que vão de escolas católicas à internatos presbiterianos. De forma parecida, seu compromisso com os mais fragilizados, depende de sua inserção nos círculos da Ação Popular Católica (AP) ligados à CNBB<sup>48</sup>.

“Eu venho de lá, dessa discussão intrinsecamente ligada à Igreja Católica e de certa forma ainda mantenho laços com o que é chamado de catolicismo de esquerda. Eu perdi a vivência religiosa, mas eu não perdi o laço político com a religião, tanto que eu me ligo a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Eu venho do Movimento de Educação de Base, eu venho do grupo do Paulo Freire.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015 pp. 390)

Essa aproximação se inicia a partir da decisão de dar um rumo na vida quando morou em Natal com seus pais. Conheceu os movimentos de juventude católica, quando fez um curso para radialista promovido pela Igreja e passou a trabalhar na rádio católica. Nesse mesmo período, Sávio ingressa no curso de Direito e passa a trabalhar com Paulo Freire no movimento de educação de base. A partir de desentendimentos internos gerados por um projeto financiado por um fundo econômico internacional, Sávio de Almeida se desvincula da AP, ainda que mantenha contatos com membros da organização em Alagoas e Pernambuco.

O retorno à Alagoas se dá a partir de um duplo acontecimento: o desligamento da AP, que provoca o desencantamento com a vida no Rio Grande do Norte e o casamento. Sávio retorna à Maceió para trabalhar com um tio numa fábrica de fumo. Depois de passar por diversos empregos – todos de algum modo intermediados por

---

<sup>48</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

seu pai - chega a trabalhar no departamento de cultura da Secretaria de Estado da Educação, a partir da indicação do governador Lamenha Filho (1966 – 1971), que era seu vizinho. O secretário de educação no período, José de Melo tinha ligações com conhecidos de Sávio dos trabalhos com a AP em Natal e pede que sejam desenvolvidas ações diferentes no âmbito da cultura. A inserção de Sávio na máquina pública na segunda metade da década de 60 tem uma grande contribuição com a criação de um cenário favorável para a inserção de discussões políticas sobre justiça social, ao mesmo tempo em que traz para dentro da estrutura da máquina do Estado, uma série de atores, que como o próprio Sávio, estavam relativamente mais próximos de movimentos sociais e grupos marginalizados.

“Quando eu chego no Departamento de Cultura, pego um pessoal que tinha liderança estudantil aqui e vai comigo pra lá. Vai comigo o cara que tinha sido presidente do DCE e que eu mesmo tinha escrito a defesa dele pra o problema que teve com o exército. É um primo meu, Radjalma Cavalcante<sup>49</sup>. Vai Marcelo Teixeira, esse que hoje é Procurador Geral do Estado, perseguido também. Vai outro cara que era do DCE. Em maio eu começo a ter uma atividade de teatro. Mas é teatro porque eu sempre gostei de teatro e escrevo teatro.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015. pp 414 )

“O Gildo [Maçal Brandão] diz que é uma das coisas mais certas que se fez. A gente assumiu o controle da máquina, ninguém nem sabia quem eu era. Quem sabia quem eu era os *maloqueiros*. Então, aí já foi um passo avançado pra quebra da construção do intelectual, né? Quem ia mexer com essa história agora. É uma quebra danada porque é um *maloqueiro* que está em cima da estrutura cultural. Ninguém nem sabia quem eu era.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015. pp 414 )

Seu trabalho na Secretaria de Educação, contribui direta e indiretamente com a ampliação do acesso de grupos marginalizados às redes de serviços estatais. No período em que está a frente do departamento de cultura, por exemplo, realiza um evento, que embora desconhecido de grande parcela dos atuais contendores por uma narrativa de *identidade alagoana* mais abrangente, capaz de incluir parcelas de grupos historicamente *marginalizados*, guarda inúmeras semelhanças com os eventos que busquei descrever no primeiro capítulo deste trabalho. Trata-se de uma semana de apresentações de diversos Xangôs<sup>50</sup> - religião sobre as quais pesavam

---

<sup>49</sup> Radjalma a frente do DCE da UFAL, desenvolveu no período uma espécie de cineclube que funcionava como suporte de discussões políticas entre os estudantes durante a ditadura civil-militar. Ver: OLIVEIRA, 1994.

<sup>50</sup> Maneira pela qual ficam conhecidos os cultos religiosos de matriz africana em Alagoas.

grossas camadas simbólicas de depreciação – no palco do principal aparelho cultural do estado, o Teatro Deodoro. Este evento implica um tensionamento dos quadros de percepções sobre grupos estigmatizados, na medida em que durante uma semana milhares de pessoas (curiosos, simpatizantes e praticantes dos xangôs) passaram pelo Teatro Deodoro e puderam assistir no palco mais prestigioso do estado apresentações de cânticos, toques e elementos rituais altamente estigmatizados.

“A polícia perseguia os grupos de reisado. Onde houvesse ensaio, a polícia batia em cima porque segundo ela, nesses ensaios havia muita cachaça, etc e tal. E os grupos me procuraram [...] Para evitar problemas os grupos passavam no departamento, pra não serem perseguidos pela polícia. Eu dizia a eles que eram grupos de folguedo. [...] Dávamos uma declaração de que ensaiava normalmente, que não era um puteiro. A polícia parou um pouco a perseguição desses grupos.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015. pp . 418)

“Um dia, existia um cara aqui, pai de santo ijexá chamado Celestino, que era muito amigo meu. [...] Ele me contou que estava tendo muita dificuldade com a polícia e aquele negócio me surpreendeu. [...] O que é que acontece? Eu disse a eles: ‘olhe, eu não sei se vocês têm coragem’, eu disse a eles. Não foi assim, nessas palavras, mas foi mais ou menos assim: ‘mas eu só vejo uma saída, é dar uma afrontada tão grande nessa sociedade que ela não tenha mais o que fazer’. Ele disse: ‘E o que é que o senhor quer que a gente faça?’ Eu digo: ‘vocês topam transformar o Teatro Deodoro em um terreiro de macumba durante uma semana?’ [...] Porque a tática era você afrontar agora toda a estrutura cultural de Alagoas. Existia coisa naquela época mais consagrada do que um templo cultural da burguesia de Maceió como o Teatro Deodoro? Então bota a negada pra invadir logo essa porra.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015. pp. 418 – 421)

“Eu só queria que você imaginasse o que é um maluco com uns vinte terreiros de xangô dentro do teatro. Outro dia eu estava me perguntando que pesque eu fiz, sabe? Porque o negócio é o seguinte: fui para o Bráulio Leite<sup>51</sup>, vamos fazer junto, vou fazer justiça dobrado, que era o diretor de teatro. ‘Bráulio, olhe, você topa transformar isso aqui em um terreiro de xangô?’ Aí ele: ‘Topo’. Topou, aí é um esquema de segurança, porque não podia ter nada. Tinha uns pai de santo, porque se desse a irradiação, como eles chamavam, se o cabra caísse lá de cima tava lascado, em cada lugar tinha um pai de santo pra acabar com essa folia toda. E a música, a estrutura da segurança, da segurança do sagrado, né? [...] E a Praça Deodoro era central. Então, quando dava assim, seis horas da noite, aquilo lá enchia de gente. Eu acho que por ali andaram umas 20 mil pessoas nessa semana. A entrada do teatro, aquilo tudo virou uma coisa incrível.” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2015. pp 421)

Outro aspecto importante a ser levado em conta dessa experiência é a integração da ideia das culturas populares ao universo institucional da cultura. Sávio

---

<sup>51</sup> Jornalista e teatrólogo alagoano, que durante a década de 70 contribuiu com o desenvolvimento de uma infra-estrutura artística na cidade de Maceió.

que desde o trabalho na rádio católica em Natal, desenvolvia *folhetos de feira*<sup>52</sup> e peças de teatro, passa a integrar a partir das peças de teatro, a linguagem das *culturas populares* em eventos promovidos pelo Estado<sup>53</sup>.

Sua trajetória como pesquisador e professor universitário se inicia tardiamente, quando através da intermediação do então diretor do Arquivo Público, Moacir Medeiros de Sant'ana, passa a descobrir o gosto pelo trabalho arquivístico. Sávio aliás, não procura esconder que apesar de declarar certa oposição aos núcleos intelectuais hegemônicos da cidade, sua aproximação com alguns de seus representantes como Théo Brandão e Moacir Sant'ana serão decisivas em seu interesse no universo da cultura popular (e diga-se de passagem de populações de negros rurais e urbanos) e na *Guerra dos Cabanos*.

Como professor da Universidade, Sávio é um dos primeiros historiadores, dentro de um cenário a discutirem Alagoas e a provocar debates sobre temas até então considerados tabus, como testemunha Clébio Correia, um de seus alunos no final da década de 90 e que desde os anos 2000, como demonstrei durante os capítulos anteriores, vem ocupando espaços decisivos para os rumos da celebração contemporânea de uma *identidade alagoana* a partir dos marginalizados:

“Então, o Sávio foi um precursor importantíssimo, dentro da academia para levantar esses debates sobre negro, sobre índios, sobre violência e essas questões. Ele muito cedo, eu acho que foi o primeiro cara a provocar a criação desses espaços, de conversa, de debates. [...] Eu só me lembro no ICHCA nessa época, do Sávio. Porque inclusive figuras que trabalham hoje em dia com Alagoas nessa época, não trabalhavam. Por exemplo, o Bruno [Cavalcanti]. O Bruno hoje é um cara que estuda *cultura alagoana*, carnaval, essa coisa toda, mas não é o que ele trabalhava na época. A Rachel, por exemplo... A Rachel trabalhava com índios nessa época. Ela fez um documentário sobre os índios Turcar. Ela fez um documentário lindo sobre as mulheres Turcar e tal. Mas não era uma figura que estivesse engajada nesse debate sobre Alagoas. Tinha uma militância na área da cultura. Na pesquisa sobre cultura, mas era uma coisa mais geral. Não era nada sobre Alagoas mesmo. Dentro da universidade nos anos noventa era o Sávio.” (Entrevista concedida por Clébio Correia para esta pesquisa. Outubro 2018)

---

<sup>52</sup> Variação da forma pela qual são conhecidas as publicações da literatura de cordel.

<sup>53</sup> Vale destacar, que a partir dos anos 2000, parte da obra dramaturgica de Sávio, como a peça *A Farinhada*, passa a ser encenada pelo Grupo Joana Gajuru ( o mesmo que esteve nas conferências de cultura realizadas por Clébio Correia na gestão de Marcial Lima a frente da FMAC).

A trajetória intelectual de Sávio tem contribuído com a intermediação do acesso de populações estigmatizadas à serviços estatais e constituído fronteiras entre espaços de lutas por justiça social e o espaço universitário. A partir das atividades nas quais esteve envolvido e das redes de agentes culturais, intelectuais e agentes estatais mobilizada a seu redor, podemos perceber o desenvolvimento de um projeto político-intelectual de “reinterpretar” *Alagoas* a partir de grupos marginalizados.

### **3.3 Dirceu Lindoso: Uma ilha intelectual, arqueólogo da *cultura alagoana***

Apesar de bastante conhecido no cenário intelectual e de produções culturais locais contemporâneos, a trajetória intelectual de Dirceu Lindoso, guarda aspectos não explorados por tais setores, que em certo sentido permitem compreender nuances de suas *disposições* que o projetam como combatente de um projeto político-intelectual em torno de uma “outra Alagoas”. Dirceu antes de suas facetas como ensaísta e ficcionista, foi um militante político a serviço do PCB, jornalista e tradutor. Conhecer estes aspectos de sua vida, nos permite enxergar cadeias de relações que entrelaçam a produção de uma *série historiográfica* que busca interpretar Alagoas a partir de grupos marginalizados à circuitos trans-alagoanos de lutas políticas por justiça social.

Formado distante dos círculos intelectuais das academias e do IHGAL, vigentes em Alagoas até metade da década de 60 e seguindo um caminho em certa medida distinto dos trilhados pela maior parte de intelectuais de sua geração, Dirceu, desenvolve parte de suas habilidades intelectuais a partir do jornalismo operário no extinto semanário do PCB *A voz do povo* e projeta-se não somente fora do ambiente acadêmico, mas sobretudo fora de Alagoas.

Descendentes de exilados políticos da região da Galícia, radicados em Recife, no norte de Alagoas e no Amazonas, o avô de Dirceu Lindoso foi um pastor protestante que ganhou a vida como comerciante na cidade de Maragogi. Seu pai, ocupou o cargo de tabelião, dando sequência às posições de prestígio ocupadas pela família na região. A posição de seu avô, aliás, proporcionou à Dirceu uma educação em escolas protestantes na cidade de Garanhuns (PE). Modelo educacional que lhe proporcionou o estudo de línguas clássicas como grego e latim. O acesso ao estudo de línguas e filosofia clássica estimulado pelo avô – conhecido como proprietário da

maior biblioteca de Maragogi - será um trunfo em sua trajetória. Na medida em que as escolas alagoanas – majoritariamente católicas - não formavam turmas de estudos clássicos, Dirceu se destaca na Faculdade de Direito de Alagoas, como tradutor de peças jurídicas em latim.

Ainda na Faculdade de Direito, Dirceu se aproxima do Partido Comunista através do colega Jayme Miranda<sup>54</sup>. Jayme, nesse período já era dirigente do partido e um dos principais articuladores do jornal *A voz do povo*.

Eu tinha uma série de amigos meus aqui em Maceió que eram do partido comunista, que conversavam muito comigo. Inclusive um que ele citou aí que era o Jayme Miranda. O Jayme era formado em direito... Ele as vezes ia assistir aula lá na sala... Então o Jayme foi a primeira ligação que eu tive com o partido comunista. [...] Foi ele que me ensinou o que era o marxismo. E o Jayme tinha uma coisa... O Jayme foi comunista quando estava no exército. Quando ele serviu no exército foi que ele conheceu os comunistas que estavam por causa da segunda guerra mundial. O Jayme conheceu lá. Então... Quando eu o conheci, o Jayme tinha deixado de ser oficial do exército. Sumiu né? Soltaram ele no mar...  
(Entrevista concedida por Dirceu Lindoso para essa pesquisa em outubro de 2018)

A partir de seu ingresso no partido, Dirceu conciliou o curso de direito, a atividade na redação no semanário do partido e o trabalho como funcionário da Secretaria de Agricultura, intermediado pelo então governador Muniz Falcão<sup>55</sup>.até ser demitido do cargo e preso em abril de 1964.

Esse negócio de eu trabalhar lá [secretaria de agricultura] foi um negócio do governador. Que o governador na época era o Muniz Falcão. O Muniz era um cara democrata. O Muniz sabia de tudinho e não falava nada. Nunca falou coisa nenhuma. Nunca. Eu chegava lá na hora que eu queria, batia o meu ponto na hora que eu queria e nunca falou nada. Ele sabia. Ele era amigo do Jayme... Sabia que era comunista.

No início da década de 60, trabalhou como advogado para o partido, na defesa de trabalhadores rurais do município de Pilar e de indígenas Wassu Cocau em Joaquim Gomes, em litígios por terra. Desenvolvendo ainda na direção regional do partido, um trabalho de assessoria com as operárias da fábrica de tecidos no bairro de Fernão Velho.

---

<sup>54</sup> Jayme Miranda foi um jornalista e dirigente do Partido Comunista Brasileiro, assassinado pelo regime ditatorial instaurado a partir do golpe civil-militar de 1964. Jayme tem sido reconhecido em instâncias de luta por memória das vítimas da ditadura, como um dos principais nomes alagoanos na luta contra o regime. Ver: MAJELLA, 2015.

<sup>55</sup> Muniz Falcão foi uma espécie de ponto de convergência entre os trabalhistas e comunistas nas lutas políticas em Alagoas. Eleito governador em 1955, passou a articular uma agenda de implementação de reformas de base, sendo deposto do cargo após uma sequência de episódios violentos na votação da Assembleia Legislativa. Ver: TENÓRIO, 2007.

Eu por um ano assim ou dois, eu fiquei encarregado de resolver certos problemas. O partido chamava e eu ia. E tinha no sertão uns problemas de terra que era brabo aqui em Alagoas. Você sabe que alagoano é bicho do gatilho né? Morte em Penedo, mataram em não sei onde... E mandaram que eu resolvesse isso. Aí eu fui para Marechal Deodoro, montei um ponto de apoio lá e disse: 'Para aquele meio eu não vou não'. Aí eu botei um escritório em Marechal Deodoro, que eu não sou besta de ir para o sertão, eu não fui não. Aí de lá eu chamava os caras, que naquele tempo a disciplina do partido era de lascar nera? Aí eu chamava e orientava, mas lá de Marechal Deodoro. De lá eu pegava uma canoa e atravessava a lagoa e vinha para Maceió. Que minha casa era em Maceió, na rua Santa Maria. Então... Dali eu fiz todo um esquema com o sertão de Alagoas, mas lá eu não vou não (risos) Eu vou nada. Os caras tudo do gatilho (risos) Eu não vou não. Resolvi muitas coisas dali e foi muito bom para mim.

(Entrevista concedida por Dirceu Lindoso para essa pesquisa em outubro de 2018)

Porque o trabalho do partido, o trabalho feminino era muito difícil. As mulheres que eram operárias, até nisso tinham discriminação. [...] Naquele prédio ali eu fiz o trabalho todo com as operárias. Não era com os operários, eram as operárias. Que era um trabalho difícil. Era negócio de organização. Eu controlava a organização. Agora tinha o contato com as operárias que eram do partido. [...] Era encrecado mesmo. Porque era só mulher... E eu disse assim: 'Tem que colocar mulher para cuidar das mulheres, que um homem já chama a atenção'. Eu conversava com as operárias e o fiscal já estava de olho. Mas uma mulher com a outra eles não ficavam de olho nelas... Eles [dirigentes do partido] não entendiam que não dava certo. Tinha que colocar mulher para tomar conta de mulher, que homem chama a atenção. Homem ou tava querendo a mulher ou é do partido. Não deu outro caminho. Mas uma mulher que tivesse ajudando outra mulher podia muito bem trabalhar [na fábrica]. Então eu colocava as mulheres [do partido] para dar assessoria às mulheres [da fábrica]. Aí acabou a encrenca dentro da fábrica e os donos da fábrica não sabiam o porquê. (risos). (Entrevista concedida por Dirceu Lindoso para essa pesquisa em outubro de 2018)

Após a prisão em 64, Dirceu se afasta de Alagoas, indo morar no Rio de Janeiro, quando entra para a direção nacional do partido. Viveu na clandestinidade, trabalhando em redações de jornais, como *O Globo*, até ser descoberto como militante comunista e demitido. Nesse período, é designado pelo partido para cursar ciências sociais na então União Soviética. Viaja do Rio de Janeiro para a Alemanha, onde até conseguir viajar para a universidade soviética.

Eu seu retorno para o Brasil na década de 70, se estabeleceu novamente na clandestinidade no Rio de Janeiro e na cidade de Petrópolis. Colaborando com jornais como *Correio Petropolitano* e *Tribuna de Petrópolis* e como correspondente de jornais alagoanos como *A tribuna de Alagoas*, *O Jornal* e *Gazeta de Alagoas*. O estigma de

dirigente comunista, acompanha a carreira de Dirceu Lindoso, impossibilitando que alcançasse posições como intelectual em instituições de ensino universitário, motivo pelo qual seguiu – ainda que com dificuldades – a trajetória intelectual como ensaísta na imprensa.

Seu conhecimento de línguas, foi crucial para que conseguisse por um lado um trabalho e por outro que se inserisse na rede editorial, que posteriormente o projetaria como romancista. Dirceu, auxiliado por seu círculo de amigos no Rio de Janeiro, dos quais faziam parte Darcy Ribeiro, Moacir Palmeira e Otávio Velho, passa a trabalhar como tradutor da Editora Vozes, para quem traduziu, por exemplo obras de autores marxistas como o filósofo francês Louis Althusser e do húngaro Gyorgy Lukács, do economista francês Charles Bettelheim e do psicanalista suíço Jean Piaget.

Eu passei muito tempo trabalhando para eles [Vozes]... Eu traduzia para eles do alemão, do francês, do inglês... Quase nenhum tradutor fazia isso. Eu fazia que não tinha jeito. Ou eu fazia ou eu não tinha como comer. (Entrevista concedida por Dirceu Lindoso para essa pesquisa em outubro de 2018)

Dirceu, que como ensaísta, escrevia sobre autores ---- e já polemizava as posições políticas que a seu ver mobilizavam parte da produção intelectual de seu amigo Gilberto Freyre, a partir da aproximação com a rede editorial da *Vozes*, inicia sua produção literária e historiográfica, pela qual é reconhecido contemporaneamente como um dos principais artífices da *série historiográfica*, que busca interpretar Alagoas a partir de grupos marginalizados.

Eu sentia vontade de escrever ficção. Eu estreei como ensaísta, mas eu tinha vontade de escrever ficção. Eu gostava muito de ler. Eu lia Machado de Assis e todos esses autores e tinha vontade de escrever. Eu fiz o *Póvoa Mundo*. E quando eu coloquei o ponto final no livro *Póvoa mundo*, eu descobri que eu tinha vocação para ficção. Para escrever um livro de ficção. E coloquei toda a minha força para escrever aquele livro. É um livro muito bonito, não é porque é meu não, mas é um livro muito bonito. Muito bem escrito... E eu pensei que tinha a publicação. E o Darcy Ribeiro parou para falar, não sei quem parou para falar... “Mas você é um grande escritor”. Aí eu me descobri escritor com *Póvoa Mundo*. E quando eu coloquei o ponto final eu tive vontade de chorar. Era toda a minha vida... Eu senti... Aí eu acreditei que eu era escritor. Que eu não era um ensaísta só, que eu era um escritor. E depois de *Póvoa Mundo* eu escrevi mais nove... [...] Eu me descobri ficcionista com uns cinquenta anos, em 81. Mas a ficção foi uma descoberta minha, que eu não era ficcionista. Eu sempre achei que eu era muito mais um ensaísta e eu acho que a minha obra que pesa mais hoje é ensaística.

Pouco tempo depois, em 1983, escreve *A utopia armada*, seu primeiro trabalho sobre a guerra dos cabanos, que aliando ficção e etno-historiografia, busca reconstituir a vida das “sociedades alternativas” das matas do norte de Alagoas. Ainda que esta seja a faceta contemporânea de Dirceu celebrada por parcelas de movimentos culturais e intelectuais emergentes, os percursos que o trazem de volta para Alagoas são amparados por outro aspecto de sua produção. O crescimento da visibilidade da obra literária de Dirceu Lindoso no Rio de Janeiro, chamou a atenção de membros de instituições culturais alagoanas, como a Academia de Letras, que passaram a lhe convidar para palestras no estado<sup>56</sup>.

Os principais articuladores desse movimento de aproximação foram os poetas Ledo Ivo e Carlos Moliterno, de quem Dirceu se aproximara no Rio de Janeiro. Conceituados entre as elites intelectuais alagoanas e reconhecidos entre a Academia Brasileira de Letras (ABL), apresentaram Dirceu Lindoso a membros do IHGAL e da AAL. Depois de mais de duas décadas no Rio de Janeiro e ressentido com o cenário literário alagoano, que segundo ele era formado por círculos da *direita* contra a qual combatia, Dirceu afirma:

Eu não quis voltar para Alagoas, mas eles me chamaram. Houve muito convite daqui porque a minha obra começou a estourar e aí eles se perguntavam: ‘Quem é esse cara? Quem é esse cara que saiu daqui com um cursozinho de direito?’ Então tem isso daí não é? Quem é esse cara? Eu sou do município da fronteira. Município da fronteira[...] Eu acho que é um negócio que... É um negócio que... Não foi amizade, nada disso. Eu sou de uma família de imigrantes e quando eu fui com o nome estrangeiro... Aí eu fico pensando se é verdade. Se é verdade. Mas tem uma coisa que talvez ajude você. Eu quando fazia direito, eu tinha... O diretor: O Jayme de Altavila, e que foi meu professor no Liceu alagoano. Guedes Miranda, que é de Maragogi... Filho do Seu Miranda lá de Maragogi... Que era amigo do meu pai. O velho pai dele era amigo do meu pai... (risos) E tinha cinco padres [na academia] que davam latim e me ensinaram oito anos latim no Liceu Alagoano. [...]

A sugestão de Dirceu, de que a posição de sua família e seu nível de aproximação com as elites econômicas de Maragogi – apesar de não fazerem parte das famílias com prestígio - sejam o motivo pelo qual aceitaram o seu retorno, ajuda a compreender alguns dos limites que constroem as redes que formam tais instituições.

---

<sup>56</sup> Uma delas, a palestra sobre cultura popular na reitoria da UFAL na década de 80, que Bruno Cavalcanti ajudou a organizar.

O convite das redes intelectuais locais, demonstra ambivalências na posição de Dirceu Lindoso e das próprias redes que o recebem. Por um lado, comprometido com bandeiras políticas, mal vistas pelos membros do IHGAL e da Academia, por outro amparado numa produção literária que ganhava visibilidade em importantes círculos literários do Rio de Janeiro. Dirceu Lindoso, chegou a ser cotado a ingressar na ABL, incentivado por Gilberto Freyre e Ledo Ivo, recusando por entender que poderia se comprometer politicamente. Essa movimentação em torno de seu nome foi utilizada como justificativa para o convite de Moliterno.

Eles que me chamaram para a Academia e eu não quis. Mas chamaram... Me chamaram para ir para a Academia Brasileira e eu nunca me candidatei. Então... Eu tenho esse lado meu que é um lado da minha defesa. Eu vou quando me chama. Mas escrevo livro que eu quero. O livro que eu quero. Olhe... O Gilberto Freyre e o Ledo Ivo fizeram de tudo para eu entrar para a Academia Brasileira de Letras. O Gilberto dizia: 'Eu indico o seu nome' e o Ledo também... Ele gostava muito de mim.

Agora o Carlos [Moliterno] ele discordava, mas não discriminava. Ele discordava de mim mas não me incriminava. E eu fui para a Academia por causa dele... Por causa dele... Ele disse: 'Não, é muito importante. Você tem uma força...' [...] Eu recebi do Instituto Histórico [o convite para ser membro]. Eu não vou lá, faz uns anos... Faz tempo que eu não vou lá. Tenho uma relação muito tensa e não vou lá de jeito nenhum... E tem mais: eu sou membro da Academia Alagoana de Letras, mas não tem um retrato meu lá [...]

A relação ambivalente estabelecida a partir de então com o Instituto e as Academias, para Dirceu é fruto de seu posicionamento contrário a respeito da hegemonia da concepção historiográfica praticada por tais organizações, baseadas na produção do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e de seu principal discípulo em Alagoas o sociólogo Manuel Diegues Jr.

O livro que o Gilberto escreveu sobre Pernambuco... *Sobrados e mucambos*. O que é que tem a ver com a sociedade de Alagoas? Onde está esse negócio para o Manuel Diegues Jr pegar e copiar tudinho de Pernambuco e falar que é Alagoas? [...] A Academia daqui não quer saber de mim e não gosta de mim por uma questão muito simples: Eu não falo do Gilberto Freyre. E eu digo assim: 'Gilberto Freyre não fala sobre Alagoas... Gilberto Freyre fala sobre Pernambuco. A terra dele.

Nos limites da relação ambivalente da reaproximação com Alagoas a partir do IHGAL e da Academia - que já não eram as principais instituições produtoras de conhecimento em e sobre Alagoas – sua produção passa a atingir um público mais abrangente em Alagoas, dentre os quais . Em 1998, colecionando uma vasta produção como historiador, ensaísta e ficcionista, Dirceu volta a morar em Alagoas,

quando recebe o convite para ser secretário de cultura em Maragogi. Período, que coincide com a ascensão do grupo de intelectuais/agentes culturais dos quais faziam parte Bruno Cavalcanti, Rachel Rocha e Edson Bezerra, como demonstrei no segundo capítulo. A produção de Dirceu sobre os Cabanos e sobretudo sua narrativa sobre uma *Alagoas anfíbia*. Neste percurso, gostaria de destacar o trabalho de personagens como o antropólogo Bruno Cavalcanti, que no período desenvolvia pesquisas sobre o universo negro do carnaval alagoano e a historiadora Arrisete Costa, professora do curso de história da UFAL, e que tinha sido aluna de Dirceu em Petrópolis.

É... Foi uma coisa espontânea. Eu não conhecia ninguém que incentivasse. Então foram eles [Bruno e Arrisete] que partiram para isso aí. Eu fiquei muito na minha. Eu estava escrevendo... Só aí tem vinte e três livros... Quer dizer... Eu devia ter escrito uns trinta e tantos títulos.

A partir da abertura para esta interlocução, a obra de Dirceu Lindoso passa a ser inserida no espaço universitário. Se intensificando com a curadoria editorial de Bruno apoiado por Rachel Rocha na difusão da obra de Dirceu. Durante as décadas de 2000 e 2010, sua formulação imagética sobre uma Alagoas dos vencidos, das matas e das regiões lacustres, nas quais os heróis são negros, indígenas e brancos pobres como os insurgentes cabanos ou a lalorixá Tia Marcelina, a quem presta homenagens, tem servido de suporte estético para a produção de uma agenda político-intelectual em torno de populações marginalizadas no estado contemporaneamente.

**Imagem 16: Patrimonialização do sururu como patrimônio cultural de Alagoas e lançamento do *Manifesto Sururu* em 2014.<sup>57</sup>**



Fonte: Blog Patrimônio Sururu.

<sup>57</sup> Em sentido anti-horário: Edson Bezerra, Sávio de Almeida, Dirceu Lindoso, Jairo Campos, Ismélia Balducci, Paulo Pedrosa, Emani Viana e universitários.

#### 4. Considerações Finais

Alagoas nas duas últimas décadas tem gestado uma agenda de investigações e de produções culturais, que tem girado em torno de ideias como *identidade alagoana*, onde narrativas sobre grupos marginalizados, passaram a figurar repertórios de imagens de grupo. Busquei no decorrer deste trabalho, chamar a atenção para a gestação destes espaços, como desdobramentos não intencionais das reconfigurações nas lutas pelo poder a partir da redemocratização. Tentando desenhar as cadeias intergeracionais de interdependências entre intelectuais, agentes culturais e agentes públicos, que possibilitam o alargamento do conteúdo do símbolo *Alagoas*, bem como sua celebração em festas públicas.

A partir das entrevistas realizadas com intelectuais e agentes estatais inseridos nessa agenda, da observação dos eventos e de registros em recortes de jornais, pude perceber que as discussões em torno de ideias como *identidade alagoana*, *cultura alagoana* e *alagoanidade*, tem constituído não somente mercados simbólicos e sentidos de cooperação coletiva entre diferentes matizes de agentes culturais, intelectuais e agentes estatais, como formatado dimensões valorativas em torno do vínculo a tais debates.

O processo de urbanização tardia pelo qual Alagoas passa a partir das décadas de 60 e 70, parecem conter a ambivalência de gerar uma massa de excluídos, ao mesmo tempo em que possibilitou a aproximação entre intelectuais e *classes populares* e a profusão de agendas culturais como ferramentas políticas dos debates sobre inclusão social e diminuição das desigualdades, dentro dos quais os partidos comunistas e seguimentos de movimentos sociais passam a desempenhar o papel de legislar sobre os sentidos do *popular*. Há contemporaneamente uma demanda de reinterpretção da formação social do estado, que busca a partir da mobilização de personagens e episódios da história alagoana, alargar o campo discursivo e criar um bloco de enfrentamento político dos *sem-parcela* (RANCIÈRE, 1996).

Tenho a clareza de que chego a esta etapa do trabalho, com mais apontamentos do que conclusões. As transformações no foco da investigação, a descoberta tardia de aspectos que constituem as cadeias de relações que compõem o que nomeio de *moderna tradição de narrativas e narradores da identidade alagoana*,

acarretaram dificuldades que fragilizam a construção do desenvolvimento argumentativo sobre as cadeias de interdependências entre cultura, comunicação e política. Ao mesmo tempo, tenho a clareza de que o esforço de sinalizar para esta questão, traz à tona um leque de possibilidades a serem exploradas em trabalhos futuros. Por exemplo, as atividades de agentes ligados ao PCB - como o hoje secretário de comunicação do Estado Ênio Lins, o historiador Geraldo de Majella- e à *esquerda católica* - como o radialista Pedro Verdino e a Ex-secretária de Educação (Gestão Ronaldo Lessa) Maria José Viana - com populações de sem-teto, sem-terra durante a década de 80, passam a constituir lideranças comunitárias de bairros populares e periféricos de Alagoas, que contemporaneamente constituem parcelas dos contendores de novas narrativas sobre Alagoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGOAS. **Anais 200 anos de Alagoas**. Maceió: Fapeal, 2018.

ALMEIDA, L. Sávio. **Formação histórica de Alagoas (I)**: rotas de acumulação do açúcar. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

\_\_\_\_\_ **Memorial biográfico de Vicente de Paula, o capitão de todas as matas**: guerrilha e sociedade alternativa na mata alagoana. Maceió: EDUFAL, 2008.

\_\_\_\_\_ **Crônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2013.

\_\_\_\_\_ **Crônicas Alagoanas**: Lembranças das matas e agrestados de Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2006.

ALMEIDA, Monica Carvalho de. **Os Processos de visibilidade e invisibilidade social dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana em Alagoas e sua Luta por Reconhecimento**. Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Ano de defesa: 2017.

ALTAVILA, Jayme de. **História da civilização das Alagoas**. Maceió: Biblioteca Pública Estadual, 1967.

ALVES, E.P.M. **O movimento Folclórico Brasileiro: Guerras intelectuais e militância cultural entre os anos 50 e 60**. Desigualdade & diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio edição dupla, n. 12, jan/dez, 2013, pp. 131-152.

\_\_\_\_\_ Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global. **Revista Sociedade e Estado**. Vol.25, nº 3, set/dez, 2010, pp. 539-560.

**1912**: O quebra de Xangô. Direção de Siloé Amorim. Maceió: Instituto Zumbi dos Palmares, 2006. (53:17min).

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. **Solitários no paraíso**: produção cultural e expressões de isolamento em Maceió. Maceió: Fapeal – Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

BEZERRA, Edson. **Manifesto Sururu**. Maceió: Viva editora, 2014.

\_\_\_\_\_ **Reflexões em torno de uma identidade ornamental**: a emergente identidade cultural alagoana. Tese de doutorado defendida junto ao departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Ano de defesa: 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRANDÃO, Alfredo. **Viçosa de Alagoas**. Maceió, 1914.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e lagoas**. Maceió: EDUFAL, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. -----: Zouk, 2011.

\_\_\_\_\_ **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

\_\_\_\_\_ **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2001.

\_\_\_\_\_ **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2006.

\_\_\_\_\_ **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

CAVALCANTE, Joaldo. **17 de julho**: a gameleira, as lembranças e a história decidida à bala. Maceió: Viva editora, 2017.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação histórica e econômica de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2015.

COSTA, C. L. A. **Maceió Medúsica**: uma interpretação histórica das imagens da diáspora de intelectuais alagoanos na literatura – 1930/40. Maceió: EDUFAL, 2015.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios**: Estado, processo e opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

\_\_\_\_\_ **Sociologia e História**. In. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

\_\_\_\_\_ **Os alemães:** as lutas pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

FERNANDES, Dimitri Cerboncini. **A inteligência da música popular:** a “autenticidade” no samba e no choro. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. Ano da defesa: 2010.

FERNANDES, Dimitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. **A direita mora do mesmo lado da cidade:** especialistas, polemistas e jornalistas. Novos Estudos – CEBRAP. Vol. 38, nº0, Janeiro/Abril, 2019. pp 157 – 182.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder.** São Paulo: Paz e terra, 2014.

FREITAS, Décio. **Insurreições escravas.** Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

\_\_\_\_\_ **Palmares:** a guerra dos escravos. Porto Alegre: Editora Movimento, 1971.

\_\_\_\_\_ **República dos Palmares:** pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII. Maceió: EDUFAL, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

HOBBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_ **Nações e nacionalismo desde 1870.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

LINDOSO, Dirceu. **A interpretação da província**: estudo da cultura alagoana. Maceió: EDUFAL, 2015.

\_\_\_\_\_ **A utopia armada**: rebelião de pobres nas matas do tombo real 1832 – 1850. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_ **Nos labirintos da imprensa**. Maceió: EDUFAL, 2015.

\_\_\_\_\_ **O poder quilombola**. Maceió: EDUFAL, 2007.

LIMA, A. **Luzes para uma face no escuro: a emergência de uma rede de valorização da expressividade afroalagoana**. Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Ano de defesa: 2015.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MAGALHÃES, L. F. B. G. **Políticas culturais e políticas de identidade em Alagoas: governo Ronaldo Lessa (1999-2006) e governo Teotônio Vilela (2007-2014)** Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Ano da defesa: 2016.

MACIEL, Osvaldo. **Moreno Brandão e sua história de Alagoas**: alguns dados, uma outra leitura. In: BRANDÃO, Moreno. História de Alagoas seguido de O baixo São Francisco: o rio e o vale. Maceió: EDUFAL, 2015.

MAJELLA, Geraldo de. **Jayme Miranda**: um revolucionário brasileiro. Recife: Bagaço, 2015.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

\_\_\_\_\_ **Sonhos da periferia**. São Paulo: Todavia, 2018.

MELO, J. M de (Org.) **História do pensamento comunicacional alagoano**. Maceió: EDUFAL, 2013.

NETO Machado, A. L. **Da vigência intelectual**: um estudo de sociologia das ideias. São Paulo: EDUSP – Grijalbo, 1968.

\_\_\_\_\_ **Estrutura social da república das letras:** sociologia da vida intelectual brasileira 1870 – 1930. São Paulo: EDUSP – Grijalbo, 1973.

\_\_\_\_\_ **Formação e temática da sociologia do conhecimento.** São Paulo: EDUSP – Convívio, 1979.

OLIVEIRA, J. A. Saldanha de. **A mitologia estudantil.** Maceió: Sergasa, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_ **Românticos e folcloristas.** São Paulo: PUC, 1985.

Opúsculo da descrição geographica e topographica, phizica, política e histórica, do que unicamente respeita à província das Alagoas no Império do Brazil por Hum Brasileiro. Maceió, 1844.

PADILHA, Isadora. **Levada à Margem:** A Importância do Lugar na Memória da Cidade de Maceió. Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Ano de defesa: 2012.

RAFAEL, Ulisses Neves. **“Xangô Rezado Baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912”.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2004. Tese de Doutorado, 262p.

RANCIERE, Jacques. **A partilha do sensível.** São Paulo: Ed. 34, 2018.

\_\_\_\_\_ **O desentendimento:** política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RENAN, Ernest. **O que é uma nação. Nacionalidade em questão.** Revista Aulas.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global editora, 2015.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária.** São Paulo: UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_ **Em busca do povo brasileiro:** artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: EDUSP, 2014.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães:** a comunidade acadêmica alemã 1890 – 1933. São Paulo: EDUSP, 2000.

ROCHA, Luis Gomes da. **O Levante de 1997: Policiais civis e militares na derrubada do governador Suruagy**. Novo Mundo Edições, 2017.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió, EDUFAL, 2015.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; OLIVEIRA, Paulo Victor. **Breve memorial de um historiador tardio, de um dramaturgo popular e de um militante dos marginalizados das Alagoas**: entrevista com Luiz Sávio de Almeida. *Latitude*, v. 9, n. 2, 2015, pp. 381-439.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A metamorfose das oligarquias**. Curitiba: HD livros, 1997.

\_\_\_\_\_ **A tragédia do populismo**: o impeachment de Muniz Falcão. Maceió: EDUFAL, 2007.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947 – 1964. FUNARTE, 1997.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

\_\_\_\_\_ **Relações comunitárias étnicas**. In: *Economia e Sociedade*, V. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

WOUTERS, Cas. **Como continuaram os processos civilizadores**: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. *Revista sociedade e Estado – Volume 27 Número 3 – Setembro/Dezembro 2012*.

\_\_\_\_\_ **Informalization**: manners & emotions since 1890. London: Sage publications, 2007.